Ministério da Instrução Pública

Secretaria Geral

Considerando que à excepção dalgumas raras jóias do património literário nacional, se não conhecem geralmente as obras primas da literatura portuguesa, muitas delas de difícil aquisição pela antiguidade ou raridade das suas edições;

Atendendo a que a *Antologia Portuguesa*, organizada pelo escritor Agostinho de Campos e publicada pela Livraria Aillaud, procura obviar àqueles inconvenientes, oferecendo ao público uma colecção onde fique arquivada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas;

Atendendo ainda a que a forma material como a *Antologia Portuguesa* é apresentada, a torna verdadeiramente agradável e atraente e, portanto, de fácil vulgarização e largo proveito educativo:

Manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que seja louvada a Livraria Aillaud pelo seu patriótico empreendimento, em vista dos altos benefícios que essa casa editora vai prestar à divulgação das preciosidades da literatura nacional, com a publicação da *Antologia Portuguesa*.

Paços do Govêrno da República, 24 de Abril de 1920.—O Ministro da Instrução Pública, *Vasco Borges*.

Diário do Govêrno, II Série, n.º 98, 28 de Abril de 1920.

ANTOLOGIA PORTUGUESA

FREI LUÍS DE SOUSA

I

Antologia Portuguesa

VOLUMES PUBLICADOS:

BERNARDES, 1.º vol. *(Nova Floresta)*.

BERNARDES, 2.º vol. *(Nova Floresta, Estímulo prático, Luz e Calor, Últimos fins do homem, Exercícios espirituais, etc.)*.

HERCULANO, 1.º vol. (Quadros literários da história medieval, peninsular e portuguesa).

VOLUMES NO PRELO OU EM PREPARAÇÃO:

GUERRA JUNQUEIRO.

HERCULANO, 2.º vol. (Antologia cívica).

JOÃO DE BARROS. *(Ásia)*.

JOÃO DE LUCENA.

FERNÃO LOPES.

CAMÕES LÍRICO.

VIEIRA, etc., etc.

Antologia Portuguesa

organizada por

AGOSTINHO DE CAMPOS

FREI LUÍS DE SOUSA

I

(«VIDA DE D. FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES»)

(2.ª edição)

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

LIVRARIA CHARDRON
PÔRTO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1921

Todos os exemplares vão rubricados pelo organizador da ANTOLOGIA PORTUGUESA

Tipografia do Anuário Comercial
Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

INTRODUCÇÃO

INTRODUÇÃO

I

Vida de Frei Luís de Sousa

Os biógrafos mais importantes de Frei Luís de Sousa são o dominicano Frei António da Encarnação (1), e D. Francisco Alexandre Lobo, bispo de Viseu (2). Êste confrontou e apurou as biografias anteriormente escritas, tôdas, mais ou menos, calcadas sôbre a de Frei António (3).

A biografia do autor da *Vida do Arcebispo* por D. Francisco Alexandre Lobo está incluída na sua

---

(1) V. *Segunda parte da História de S. Domingos.*

(2) V. *História e Memórias da Academia Rial das Sciências de Lisboa*, t. VIII, parte I, pág. 1 a 101, onde vem estampada a *Memória histórica e crítica acêrca de Frei Luís de Sousa.*

(3) Tais são as de Diogo Barbosa Machado, dos domínicos Frei José da Natividade, Frei Lucas de Santa Catarina e Frei Pedro Monteiro, e as dos estranjeiros Echard, Touron e Nicolau António.

Memória acêrca de Frei Luís de Sousa e dos seus escritos, que Alexandre Herculano qualifica de *bela*, e de *modêlo de consciência literária, de erudição e de estilo* (1). Garrett declara, na memória lida em 1843 em conferência do Conservatório Rial de Lisboa para apresentação do seu drama *Frei Luís de Sousa*, que *versou muito e com afincada atenção* o trabalho do bispo de Viseu, e qualifica-o de *célebre*, elogiando o seu *copioso cabedal de notícias e reflexões* e confessando ter sido a leitura dêle que o levou a reler *a romanesca mas sincera narrativa de Frei António da Encarnação*, onde pela primeira vez *atentou no que era de dramática* a vida do grande escritor dominicano.

Estes dois juízos tão autorizados levam-nos a oferecer ao leitor, convenientemente resumida, a biografia de Frei Luís de Sousa por D. Francisco Alexandre Lobo, esforçando-nos por conserver quanto possível as próprias palavras do biógrafo; e também a inserir na devida altura, confrontada com as dúvidas que lhe opõe o bispo de Viseu, a narrativa *romanesca mas sincera* de Frei António da Encarnação, onde Garrett foi beber a inspiração do seu drama. Desta maneira prestaremos, julgamos nós, duplo serviço ao leitor, pois

(1) Ver a Advertência preambular dos *Anais de D. João III*, Lisboa, 1844, p. IX.

não só lhe oferecemos alguns trechos de estilo do século XVIII que Herculano considerou modelar, senão também que levantaremos diante dos seus olhos o aspecto romanesco e lendário do grande escritor seiscentista, aspecto pelo qual êle vive nas nossas almas, graças à criação literária de Garrett, uma vida mais viva do que aquela que a rigorosa história lhe atribui.

*

* *

O pai de Frei Luís de Sousa, Lopo de Sousa Coutinho nasceu em Santarêm por volta de 1514, filho de Fernão Coutinho de e D. Joana de Brito, neto do 2.º conde de Marialva; e embarcou aos 18 anos, para a Índia, onde serviu com o Governador Nuno da Cunha nas emprêsas militares de mar e terra, com tanta honra que D. João III o recebeu com distintas mostras de estimação e o mandou por governador do Castelo da Mina.

Voltando a Portugal e metido, por morte de seu irmão mais velho, Rui Lopes Coutinho, em posse da principal herança de seus pais, casou com D. Maria de Noronha, dama da rainha D. Catarina, de quem teve uns seis ou oito filhos. Cultor das letras e das sciências, estudou física e matemática, e escreveu dois livros do *Cêrco de Diu*, o

livro da Perdição de Manuel de Sousa de Sepúlreda, várias obras poéticas, além de traduções de Séneca o Trágico e de Lucano. Era homem isento, que nunca solicitou prémios, nem pediu compensações da fazenda que despendeu largamente, quando visitou os lugares de África e exercitou o pôsto de capitão-mor da armada da Côrte. Tão nobres prendas e tamanhos serviços o faziam digno de respeito, a que obrigava ainda mais a sua presença venerável, de tal sorte que até el-rei, diz Frei António da Encarnação, *se compunha* quando falava com êle.

Viúvo, não quis Lopo de Sousa, com respeito à memória da espôsa, passar a outras núpcias, como lhe aconselhavam; e empregou-se todo na criação dos filhos, que dirigiu com grande desvêlo e acêrto pelos caminhos da virtude cristã, da honra portuguesa e das letras. E neste emprêgo, tanto de louvar e tão suave, o veio a achar a morte, quando em Janeiro de 1577, ao apear-se de um cavalo na Vila de Povos, acabou desastradamente, penetrado da sua própria espada.

Manuel de Sousa Coutinho, mais conhecido pelo nome de Frei Luis de Sousa, foi o quarto filho dêste homem de bem e cuidadoso educador. Nasceu em Santarêm por volta de 1555. Ignora-se a data certa do nascimento, porque o descuido ne-

gou a êste insigne escritor até as honras de um breve epitáfio (1). Entre a índole literária de Manuel de Sousa e a de seu pai houve sem dúvida grande semelhança, e era esta uma poderosa razão para que o pai o dirigisse, como fêz, com especial empenho. Se à boa educação literária que decerto recebeu do pai ajuntou Manuel de Sousa mais graves e profundos estudos na Universidade de Coimbra, é ponto duvidoso. Diogo Barbosa Machado refere ter êle começado a estudar ali, mas mudado logo de parecer, para seguir a vida das armas. Disposto a alistar-se na Religião e Milícia de Malta, partiu para o Oriente pelo ano de 1576; mas, ao sair do pôrto de Sardenha embarcado numa galé maltesa, foi tomado pelos Mouros e conduzido em cativeiro para Argel. Aqui achou entre os cativos o célebre Miguel Cervantes, que num passo da sua novela *Trabalhos de Persiles e Sigismunda* se refere a Manuel de Sousa, parecendo aliás ignorar a sua verdadeira pátria e outras circunstâncias. Mais feliz do que Cervantes, foi resgatado e regressou a Portugal logo em

(1) Êste descuido continua. Jaz em Bemfica o corpo do insigne escritor, sepultado no chão da igreja de S. Domingos, ao fundo de uma escada de passagem, e colocado de modo que é preciso pisar-se, para se passar, a laje que o cobre. Essa laje é de mármore e foi ali colocada por iniciativa e a expensas de um cidadão brasileiro...

1577 — o mesmo ano em que falecia seu pai, e um ano antes do desastre de Alcácer-Quibir. As circunstâncias de família e de época explicam, portanto, que Manuel de Sousa não continuasse no propósito de ser cavaleiro de Malta. Parece que, ao sair do cativeiro de Argel, desembarcando em algum dos portos do reino de Aragão e passando por Valência, pátria do poeta latinista Jaime Falcão, teve ocasião de tratar com êle e de assim dar largas à sua predilecção pelas letras, concorrendo a influência literária daquele, com as inclinações de Manuel de Sousa e com o desalento que nas pessoas de maior generosidade causara por êsse tempo a ruína da Pátria, para o inflamarem muito mais no amor dos estudos, em que podia achar ocupação honesta e a consolação única que admitiam os infortúnios nacionais. Entrando em Portugal por 1578, aqui deve ter persistido sem mudança alguma de estado, até que, entre 1584 e 1586, veio a casar com D. Madalena de Vilhena, filha do capitão-mor do mar da Índia Francisco de Sousa Tavares, viúva de D. João de Portugal, neto do primeiro conde de Vimioso e morto ou dado por morto na batalha de Alcácer-Quibir.

Casado, permaneceu Manuel de Sousa Coutinho em Almada, onde era coronel de setecentos infantes e cem cavalos, ocupado no govêrno do corpo militar que tinha a seu cargo, no meneio da sua

casa e família, e decerto também, senão principalmente, na cultura das letras. A quietação, porêm, e honesto contentamento que ali disfrutava veio depois perturbá-la um estranho sucesso, que o obrigou a deixar a família e a pátria, e a ir peregrinar em remoto destêrro.

Sentiu-se peste em Lisboa no ano de 1599 e os Governadores que dispunham do Reino em nome de Filipe II procuraram ares livres, resolvendo passar-se a Almada e aposentar em casa de Manuel de Sousa. Barbosa Machado parece dizer que êle a ocupava nesse momento e que os Governadores quiseram lançá-lo dela com violência. O certo é que, não podendo de outro modo atalhar a tenção dos Governadores, se determinou a pòr-lhe fogo e a deixá-la consumir de todo.

Ou porque os Governadores procuraram desafrontar o seu respeito, ou porque, mesmo antes, disso se receou Manuel de Sousa, não há dúvida que a tôda a pressa se saíu do alcance do seu poder e se retirou a Madrid, onde esperava achar meios de iludir, ou pelo menos de entibiar, o ardor das suas representações e queixas. Não consta que êle tivesse em Madrid outro desgôsto que o achar-se nela em um género de destêrro. Continuou em tamanho sossêgo de ânimo, que pôde ocupar o seu ócio na emprêsa de publicar as *Obras Poéticas* de Jaime Falcão.

Desde o ano de 1600, em que Manuel de Sousa estava em Madrid, até o de 1613, em que se separou de sua mulher D. Madalena de Vilhena, pouco se sabe de como passou a existência do historiador. A êste período refere Barbosa Machado a viagem que êle fêz às Índias Ocidentais, instado por seu irmão João Rodrigues Coutinho, morador em Panamá, e por êle esperançado em grandes lucros de comércio. Voltou da América, ou por saùdoso, ou por desiludido, ou ainda pela notícia recebida da morte de sua filha única, D. Ana de Noronha. Ignora-se a data e o motivo certos do regresso, assim como a época e a idade em que a filha morreu; conjectura-se porém que a residência em Panamá duraria dois ou três anos, e que, tendo deixado Madrid na volta de 1601, tornou Manuel de Sousa a Lisboa e Almada na de 1604 ou 1605. Se continuou no comando militar que exercitara noutro tempo; se renovou a Academia que, como refere Barbosa, instituíra em sua casa e que era freqùentada dos que com êle se conformavam em propensões — são pontos duvidosos; mas pode afirmar-se que continuou na vida de liberdade, quási rural, e na cultura das boas letras, de que havia sempre feito as suas delícias, passando alguns anos de vida muito suave e venturosa, até o falecimento de sua filha, ocorrido entre 1605 e 1613, *depois da vinda de Panamá, porêm tempo avul-*

tado antes do divórcio. O trato de sua mulher, que amava com grande ternura, os estudos de que não podia desprender-se, não bastaram para cerrar as profundas feridas do coração, e para atalhar de todo um valente ímpeto de melancolia, principalmente em um temperamento brando e coração mavioso, qual em tudo e a cada página das suas obras nos mostra possuir Manuel de Sousa.

Daqui deve ter nascido a extraordinária resolução de se apartar, por consentimento recíproco, de sua mulher D. Madalena de Vilhena. No ano de 1613, e provávelmente no mês de Agosto ou Setembro, entrou Manuel de Sousa no convento de Bemfica, tomando o hábito de S. Domingos, e D. Madalena entrou e tomou o mesmo hábito no convento do Sacramento, pouco antes fundado pelo conde de Vimioso e sua mulher D. Joana de Mendonça. Êste sucesso parece agora muito notável e cinqüenta anos depois de ocorrido o não pareceu menos, obrigando por isso os curiosos a investigar com diligência as verdadeiras razões que o motivaram...

*

* *

Interrompamos aqui o extracto da narrativa biográfica do bispo de Viseu para seguirmos textualmente a de Frei António da Encarnação, na

parte referente aos motivos do *santo divórcio* dos dois cônjuges:

«Sôbre o motivo próximo que tiveram para uma resolução tão notável ouvimos falar váriamente; porêm, tomando informação de pessoas que disso tinham certa sciência, achámos o seguinte:

«Moravam na sua quinta de Almada e sucedeu que, estando ausente Manuel de Sousa Coutinho, visitou o Padre Frei Jorge Coutinho, seu irmão, um dia, sua cunhada D. Madalena. Estando ambos praticando, lhe deram recado que lhe queria falar um peregrino que vinha de fora do Reino. E, mandado vir à sua presença, disse:

— Senhora: sou português; fui, por devoção, visitar os lugares santos de Jerusalèm; e, querendo-me já voltar para êste Reino, me foi demandar um homem português, segundo se colhia de seu falar, o qual, depois de se informar de quem eu era, e como vinha para Portugal, me encomendou que passasse por esta vila e, sendo Vossa Mercê viva, lhe dissesse que ainda por lá vivia quem se lembrava de Vossa Mercê. Isto é o que me trouxe aqui.

«Ficou D. Madalena suspensa, ouvindo êste recado. E preguntou que estatura de corpo, que feições e que côr de rosto tinha o homem que dera aquele recado. O peregrino foi descrevendo todos

os acidentes pessoais, assim como os tinha visto com os olhos; e tudo quadrava ao vivo à pessoa de D. João de Portugal».

«Deu um desmaio a D. Madalena de Vilhena. O que vendo, o Mestre Frei Jorge Coutinho levantou-se e saiu com o peregrino para a sala de fora, onde havia muitos quadros, entre os quais estava também o retrato de D. João de Portugal. E disse ao peregrino:

— «Se virdes a imagem daquele homem que vos deu o recado em Jerusalêm, ¿conhecê-lo heis?

«Respondeu que sim. E, correndo os olhos pelos quadros, sem demora apontou para o quadro de D. João de Portugal, dizendo que o homem que lhe falara todo se parecia com aquela imagem. E com isto se despediu».

«Êste foi o motivo que houve para se apartar Manuel de Sousa Coutinho de D. Madalena de Vilhena, depois de viverem tantos anos tão bem casados. Porque, chegando êle de fora, ela lhe relatou tudo o que tinha passado com o peregrino e o mais que tinha visto seu irmão o Mestre Fr. Jorge; e, assim, que visse o que na matéria se devia fazer».

— «Atégora, senhora, vivi em boa fé convosco, e creio de vós que na mesma vivestes comigo; porque fio de vós que não casaríeis outra vez, se não tivéreis por certa a morte de vosso primeiro

espôso, D. João de Portugal. Porêm, se foi engano inculpável, ou isto é ordem de Deus para escolhermos melhor vida, desde logo para sempre nos apartemos. Não daremos de nós boa conta a Deus, se é ordem sua; que estas sempre teem por alvo o que é mais perfeição; nem ainda ao mundo, se ficarmos nêle apartados. O que mais convêm é fugir para o sagrado da Religião. Não fugiremos de todo ao mundo, se fugirmos para onde possamos ver seus tratos; convêm apartar dêle de sorte, quem nem nos veja mais, nem o vejamos. O caminho está franco, pois um penhor que tivemos foi Deus servido de o levar para si em tenros anos. Está no Céu, assim o creio. Para lá nos chamam as saùdades; a idade já nos desengana; a vaidade do mundo a vozes clama; a ocasião presente nos obriga; o exemplo dos condes de Vimioso, que com santo divórcio se retiraram, êle para o convento de Bemfica, ela para o de Sacramento — nos convida, e anima juntamente, o seguir seus passos pelos mesmos caminhos. Esta eleição parece necessária; êste emprêgo julgo por melhor».

«Mal tinha acabado de falar, com mais viva eloqùência, quando D. Madalena se mostrou em tudo mui conforme, sem o mínimo sinal de sentimento, porque lhe ditava o juízo interiormente, e a vontade abraçava, tudo quanto estava ouvindo...»

*

* *

O bispo de Viseu respeita êste testemunho de Frei António da Encarnação, que foi contemporâneo de Frei Luís de Sousa e era reputado homem de compostura e siso, e não se pode ter por iliterato e pouco entendido. Mas acha que a sua narração tem um ar de maravilhoso e um certo sabor ou gôsto de novela, que em quem procura com limpo ânimo a verdade deve logo causar alguma dúvida. E em seguida pregunta:

«Se D. João de Portugal ficou cativo na batalha de Alcácer, ou fugiu do campo depois do desbarato ¿como foi parar a Jerusalèm? Dado que escapasse e pudesse passar-se a Jerusalèm ¿como esperou para dar notícias suas *à mulher e filhos* trinta e cinco anos, que se contam de 1578 a 1613? ¿como se pode crer que, achando no peregrino ocasião de portador, não escrevesse do próprio punho e se contentasse de mandar novas suas tão vagas e tão pouco verosimilhantes? Do mesmo Frei António da Encarnação não consta que, da parte da família, se pusesse tempo e empenho em apurar a verdade de um facto tão importante, ou em fazer restituir D. João à pátria — o que indispensàvelmente se havia de fazer, naquela suposição. Últimamente, se D. João era vivo, ou ao me-

nos se êste acontecimento punha em dúvida a sua morte, D. Madalena não podia dispor de si, encerrando-se em um convento *logo com ânimo de professar*, como do teor do que refere Frei António da Encarnação, e do que conta na sua *Vida* Frei Lucas de Santa Catarina, devemos inferir por boa lógica... Tendo pois fundamento bem sólido, se me não engano, para desconfiar da história que Frei António da Encarnação dá por causa ao voluntário divórcio dos dois esposos, o que se pode julgar *com grande probabilidade* é que um e outro, nunca desinclinados à vida espiritual e devota, e agora cansados e desesperados do mundo e de suas vãs esperanças, e emulando com pio ardor o exemplo ainda fresco de D. Luís de Portugal e de D. Joana de Mendonça (1), tomaram o mesmo caminho e até se foram encerrar nos mesmos claustros que haviam escolhido os condes de Vimioso».

O conde de Vimioso, D. Luís de Portugal, era intimo de Manuel de Sousa Coutinho, e tanto que a essa circustância atribuem os historiadores o ter êste tomado na vida claustral o nome de *Luis*, como homenagem de amizade. Para o bispo de Viseu foi êste incitamento do exemplo, muito

(1) Eram os condes de Vimioso, já citados.

mais eficaz quando é de um respeitado e íntimo amigo, a causa próxima do acto de Manuel de Sousa, «sempre muito propenso a romper com o mundo pela melancolia procedida do cativeiro da Pátria e da falta de sua filha».

Garrett não podia simpatizar com este *despoetizamento* da versão de Frei António da Encarnação. Lá o mostra bem na citada memória ao Conservatório:

«Na história de Frei Luís de Sousa — como a tradição a legou à poesia, e desprezados para êste efeito os embargos da crítica moderna — a qual, ainda assim, *tam sòmente alegou mas não provou* — nessa história, digo, há tôda a simplicidade de uma fábula trágica antiga».

*

* *

Era Frei Luís de Sousa dotado de bela presença *(Frei José da Natividade)*. Pôsto que o principal fim do instituto de S. Domingos seja a convencer e persuadir nas matérias de espírito por meio da palavra, não se quis êle dar ao ministério do púlpito (apesar de ter para isso tôdas as condições de talento e de fé) dizem que por humildade. Despre-

zava-se e queria ser desprezado, não obstante ser entre os seus confrades objecto de geral respeito, que só com aparecer os punha em continência de compostura e acatamento. Aborrecia mortalmente a ociosidade, encarregando-se, por fugir dela, no ofício de enfermeiro, que exercia com desvêlo, assiduidade, diligência e doçura. *(D. Francisco Alexandre Lobo).*

Mas a sua principal ocupação foram as letras, desde que, por encargo dos superiores, se ocupou dos trabalhos históricos em que a Ordem de S. Domingos interessava e por convite de Filipe II começou a escrever os *Anais de João III.* Adiante veremos, quando tratarmos da sua obra, o enorme trabalho que produziu em tempo relativamente curtíssimo, e em idade já muito avançada.

A propósito da sua volumosa obra diga-se aqui que em nenhuma página de tantas que escreveu, e em que por vezes alude ao seu próprio passado, se surpreende uma única palavra de recordação ou simples referência à esposa ou à filha. D. Madalena de Vilhena morreu no seu convento oito anos depois do divórcio, a 7 de Março de 1621. E durante todo êsse longo período nunca mais os dois antigos cônjuges se viram, escreveram ou falaram.

Frei Luis de Sousa sobreviveu onze anos a sua espôsa, vindo a morrer em Bemfica a 5 ou 11 de

Maio de 1632. «Seu corpo, sem pedra insigne ou epitáfio, foi sepultado no ante-côro de Bemfica, junto aos degraus do côro. Como tão filósofo e tão cristão, êste seria certamente o seu desejo; mais eloqùente e durável epitáfio tem sem dúvida nas suas obras...; mas confesso que quisera ali uma campa decorosa, uma letra de ternura e saùdade». *(D. Francisco Alexandre Lobo).*

II

A obra de Frei Luís de Sousa

No *Dicionário Bibliográfico Português* apresenta Inocêncio três escritores com o nome de Frei Luís de Sousa. O primeiro dêles — primeiro em todos os sentidos — é aquele que neste momento nos ocupa, como um dos mais notáveis clássicos portugueses e autor da obra cuja antologia vamos submeter à atenção do leitor.

Pouco antes da entrada de Manuel de Sousa Coutinho na ordem de S. Domingos florescera ali um frade investigador e erudito, Frei Luís de Cácegas (1), que era infatigávelmente curioso do an-

(1) Frei Luís de Cácegas professou no convento de Azeitão; no ano de 1571 acompanhou ao Capítulo Geral em Roma o provincial Frei Nicolau Dias; em 1580 foi superior e vigário *in capite* do convento de Lisboa. Faleceu em Bemfica, depois de discorrer por mais de vinte anos por todo o Reino, escrevendo: *Genealogias de Portugal; Das Matronas ilustres da Ordem de S. Domingos; Carta de notícias de Santos da Ordem dos Prègadores a Gaspar Alves de Louzada*, não falando na *Crónica* de *S. Domigos* e na *Vida do Arcebispo de Braga*, para que ajuntou os materiais que empregou Frei Luís de Sousa. (D. Francisco Alex. Lobo.)

tigualhas e gastara anos da sua vida percorrendo os arquivos do Reino, e nêles recolhendo materiais de grande momento para a história dos dominicanos em Portugal. Êste homem não era, porêm, dotado de capacidade para ordenar e redigir em bom estilo as averigações que fizera, e morreu deixando apenas um acervo de apontamentos sôbre a vida do famoso arcebispo de Braga D. Frei Bartolomeu dos Mártires (que fôra também dominico) e sôbre a história da própria ordem de S. Domingos neste país.

Sobravam em Frei Luís de Sousa os talentos do prosador e ordenador literário que Frei Luís de Cácegas nunca tivera, e os frades superiores de S. Domingos de Bemfica procederam com boa inspiração e bom senso, impondo àquele monge a obrigação de dar ordem e forma aos elementos herdados da paciência do outro. Obrigado pela obediência monástica, mas também decerto contente de poder dar agradável emprêgo às suas aptidões e ao seu tempo, meteu Frei Luís de Sousa decididamente mãos à obra, e em menos de dois anos concluía o arranjo da *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires,* partindo logo a seguir para a vila de Viana de Entre Douro e Minho, hoje cidade de Viana do Castelo, onde o manuscrito ia ser impresso, pois os vianenses, grandes veneradores do Arcebispo, que ali fundara uma casa de

S. Domingos e ali morrera e fôra sepultado, se tinham oferecido para cobrirem à sua custa tôdas as despesas da publicação.

Frei Luís de Sousa escreveu, além desta obra (para a qual também preparou elementos o dominicano Frei Luís de Granada) e das três primeiras partes da *História de S. Domingos* (a quarta foi escrita por Frei Lucas de Santa Catarina) os seguintes livros, que Inocêncio enumera e descreve no seu *Dicionário:*

Considerações das lágrimas que a Virgem nossa senhora derramou na Sagrada Paixão;

Anais de D. João III; e

Vida do Beato Henrique Suso, traduzida de latim em português.

Outros historiadores literários atribuem ainda a Frei Luís de Sousa a autoria de outras obras, infelizmente perdidas: um livro sôbre a navegação antártica, e uma *Vida* de Soror Margarida do Sacramento, natural do Pôrto.

Foi pelos fins de 1616 — aos 61 anos de idade — que Frei Luís de Sousa começou a *traçar e alevantar* a obra da *Crónica de S. Domingos.* No ano seguinte, 1617, teve de interromper êste trabalho para começar a *Vida do Arcebispo,* que concluíu em dezanove meses, ordenando e *pondo em estilo* nesse tão breve espaço nada menos

de seis livros com cento oitenta e sete capítulos.

Nos três anos de 1619 a 1623 conclui êle a primeira parte da *Crónica de S. Domingos*, que logo foi impressa em 1623. De 1624 a 1626 escreveu a segunda parte, e de 1627 a 1630 (limite conjectural) a terceira parte da mesma obra. Em 1630 tinha Frei Luís de Sousa 75 anos de idade, e havia assim dado prontos para a estampa, nos onze anos anteriores da sua já tão avançada vida, dezoito livros de prosa com quatrocentos e setenta capítulos — não contando o que escreveu dos *Anais de D. João III*, que começou aos 70 anos, e a *Vida de Soror Margarida do Sacramento*, em que empregou os últimos tempos da existência.

*

* *

O título inteiro da *Vida do Arcebispo* é o seguinte:

Vida
de
D. Fr. Bertolameu dos Martyres
Da Ordem dos Prègadores, Arcebispo, & Senhor
de Braga Primás das Espanhas.
Repartido em seis livros com a solenidade de sua
tresladação
Por
Fr. Luis de Cacegas
da mesma Ordem, & Cronista della
na Prouincia de Portugal.
Reformada em estilo & ordem, & ampleada em
sucessos & particularidades de novo achadas
por
Fr. Luis de Sousa
da mesma Ordem & filho do Convento
de Bemfica

Ofereceu Frei Luis de Sousa a sua obra *á camara e governo da notavel villa de Viana: e a toda a mais nobreza & povo della,* e fê-lo numa dedicatória-prefácio de cêrca de seis páginas, por sua mão escrita, onde acentua que àqueles e não à Ordem a que pertencia, e a que pertencera o Arcebispo, se ficará devendo a benemerência de tal publicação.

A seguir transcreveremos alguns passos daquela peça literária, conservando a ortografia e pontua-

ção seiscentista em que foi escrita e estampada, como aliás o foi todo o livro, para assim darmos ao leitor uma idea das alterações que introduzimos no seu aspecto gráfico, com o fim de o tornarmos menos difícil ou antipático aos olhos de agora:

«Seja humildade, ou pejo natural de celebrar coufas que tornão em louvor proprio: feja confiança fobeja, ou generofidade de animos: queixa he antiga dos filhos defta Provincia sermos pouco cuidadofos em defenterrar, não só em illuftrar & levantar com meyos & cores eftudadas as maravilhas de valor & fantidade que Deos nella nos tem dado. Sintindo efte defcuido o devotiffimo Padre Fr. Luis de Granada, começou quarenta annos atraz & ainda em vida do Santo a hir apontando algũas de fuas virtudes & obras eroycas. Mas desemparou a vida a elle primeiro que ao Arcebifpo, & ficàrão entre os borrões as poucas que tinha notado. Defejoufe novo efcritor por morte de ambos: tomou o negocio a peito peffoa digniffima, qual era o Bifpo de Vifeu Dom frey Antonio de Soufa, por letras, por engenho & eloquencia, bem achado Homero pera tal Achilles. Porem foi desejo fem effeito: porque a poz os cuydados da Prelacia, foi falteado de infirmidades, & logo da morte, ordinario termo dellas. Daqui deceo o cargo, & o cuydado ao Padre frey Luis Cacegas, que como Cronista, que era da Provincia, foy folli-

cito inveſtigador & averiguador das couſas que avia do Santo, & encheo dellas hum crecido volume: no qual avia alguns annos que tambem estavam como enterradas, quando Vs. Ms. no anno de 616. vendo paſſados vinteſinco deſpois de ſua morte, & ſeis deſpois da treſladação começàrão a inſtar & requerer, por não dizer eſpertar, os noſſos Padres, que não deixaſſemos perecer hũa memoria de tanta honra noſſa, & gloria de toda a Religião & do reyno.

... Com eſtes penhores de verdadeira devação ſe deu por obrigado noſſo Padre Provincial a mandar ver com prontidão o eſtado dos eſcritos do Padre Cacegas. E parecendo que o que eſtava feito não era tanto historia formada, como materiaes juntos para ſe formar edificio de boa hiſtoria, aſſentou & mandou que foſſe eu o Architecto, & o alvener que novo a traçaſſe & alevantaſſe. E avendo dous annos que ando com as mãos na obra, venho agora de ſeu mandado presentalla a Vs. Ms.... Mas livro eſcrito he memoria viva, & estatua animada, com tantas linguas pera publicar eſſas grandezas, como tem letras: com tantas azas pera voar & as fazer estimar por todos os fins da terra, como tem folhas: com tanta vida, pola que recebe & renova em virtude da impreſſão, que fica Feniz na izenção das injurias do tempo & da idade. E tanto com mayor certeza, quanto neſta obra ouve mais de religião & Chriſtandade de parte de Vs. Ms. & menos de respeitos hu-

...

manos. Aquelle Senhor que tal animo deu a Vs. Ms. lho conserve com grandes adiantamentos de bens & profperidades de toda esta villa, & povo, pera fe empregarem fempre em mayores ferviços feus. Defte Convento de S. Domingos de Viana 7. de Mayo de 1619.»

*

Da *Vida do Arcebispo* existem muitas traduções para várias línguas estranjeiras, e algumas delas veem citadas na obra de Bernardes Branco, *Portugal e os Estranjeiros,* que Camilo corrigiu e acrescentou nos seguintes termos:

«*La Vie de Dom Barthélémy des Martyres*... etc. *Tirée de son histoire escrite en Espagnol et en Portugais par cinq Auteurs*, etc. *A' Paris, 1664,* 8º (aliás 1663). O autor ou tradutor dêste livro é *Isaac le Maître de Sacy.* O Cap. XVI é uma admirável descrição da batalha de Alcácer-Quibir com bastantes traços de outra idêntica de Luís Cabrera de Córdova, impressa em 1619. Menciona o Sr. B. Branco uma edição resumida por Caittot (Caillot) de 1825, e outra de 1834. Ora, tendo eu outra edição de 1826, figura-se-me impraticável tamanha devoção em França pelo nosso arcebispo. Nesta balbúrdia de traduções dá-se a singularidade de um Espanhol, em 1737, traduzir do fran-

cês a mesma versão feita do espanhol, e veio depois o português Padre Francisco Álvares Vitório, e publicou em 1748 uma tradução de todos os outros. E não pára aqui. O actual Arcebispo de Braga encomendou uma nova biografia do seu antecessor a um hábil escritor de Viana do Castelo. Frei Luís de Sousa já não serve: está fora dos processos modernos. Em 1869 imprimiu-se em Monteregali uma *Vita venerabilis Bartholomei de Martyribus*, etc. *a Fr. Joanne Thoma Ghilardi*, bispo Monragalense. 4.º gr. (1)».

*

* *

¿Qual é o valor da *Vida do Arcebispo* como obra de história? Não parece fácil considerar êsse livro como muito mais do que um panegírico ou agiológio, cujos materiais foram coligidos por um dominicano e postos em estilo por outro, *ad majorem gloriam* da Ordem a que ambos pertenciam e de um dos mais grados ornamentos dela. Fica-nos a figura psicológica do príncipe da Igreja, finda a leitura da sua longa biografia, envolta em fumos de mistério, e o seu verdadeiro carácter de político não ressalta nitidamente definido.

¿Foi com efeito um santo, um amigo e protector

(1) V. *Narcóticos, II*, p. 24 e 25.

dos humildes contra os grandes? ¿ Foi apenas um espírito demandista e rebelde a tôda a autoridade rival ou meramente limítrofe da sua? A mais atenta leitura da obra de Frei Luís de Sousa não dá resposta cabal a estas preguntas; mas as discussões e alegações que se teem travado e feito, depois que há história scientífica, filosofia da história, psicologia e outros vistosos progressos críticos, não adiantam grandemente ao depoimento incompleto e suspeito, mas ainda assim admirável para o tempo, que nos deixou o escritor dominicano.

Segundo D. Francisco Alexandre Lobo, *fòra melhor que o oráculo de Trento, o desenganado e intrépido conselheiro do Vaticano ou de Belvedere, se não mostrasse como frade rasteiro, comendo as couves grosseiras em tisnada escudela nas choupanas de Barroso.* E o Sr. Teófilo Braga transcreve êste libelo do bispo de Viseu e apoia-o como demonstração da *falsidade histórica* da obra de Frei Luís de Sousa. Sómente o erudito crítico do século XVIII esqueceu-se de que *o desenganado e intrépido conselheiro do Vaticano* se impôs ali moralmente, naquela atmosfera de côrte sumptuosa, pela sua mesma altíssima autoridade de *frade rasteiro.* Do que êle se não esqueceu é de que era também um prelado como Frei Bartolomeu, mas um prelado do século XVIII, a quem faziam sombra, na sua brilhante vida de aristocrata

ou aristocratizado, as *couves grosseiras* do puritano que professara e praticara, duzentos anos antes, a simplicidade da primitiva Igreja.

A atitude do Arcebispo durante a crise da nacionalidade, em 1580, tem sido muito discutida; mas não está provado que êle tenha procedido nessa grave ocasião como mau patriota e por interesseira inclinação ao pretendente espanhol.

A êste respeito convêm citar aqui a polémica em que interveio Camilo Castelo Branco, travada em Braga em 1866 e 1867 entre os jornais da localidade *Partido Liberal* e *Bracarense*, atacando o primeiro o Arcebispo pela pena do médico Manuel Alves Passos e defendendo-o no segundo o Dr. Joaquim Alves Mateus, cónego da Sé Primaz.

Quási trinta anos depois foram os artigos de defesa reùnidos num folheto com o título de *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e a usurpação dos Filipes — com as cartas de Camilo Castelo Branco — prefaciado pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Manuel de Albuquerque, Dom Prior de Guimarães* (1).

Para o seu ataque baseava-se o *Partido Liberal* em Faria e Castro, em Rebêlo da Silva e em documentos que, apesar de rubricados pelo nome

(1) Braga, Livraria Central, Editora, de Laurindo Costa, 1893.

de Camilo, que lhes desenvolveu o sentido em algumas cartas ao redactor do *Partido Liberal*, poderão estabelecer dúvidas e até presunções no nosso espírito, mas não fornecem prova concludente. A leitura daquele folheto é pouco interessante e ainda menos elucidativa.

III

Panegiristas e críticos

Encarregado pela Ordem de S. Domingos de rever a respectiva *História*, escrita por Frei Luís de Sousa, disse FREI AGOSTINHO DE SOUSA acêrca do seu estilo:

«Acho que temos nêle (neste livro) dous ricos tesouros: um de santidade, outro de excelência de estilo e linguagem: estilo grave, elegante e sentencioso, com brevidade e clareza juntamente, que em poucos se acha; linguagem natural, corrente e cortesã, com termos tão próprios, tão significativos e eficazes, e longe de afeites e artifícios viciosos, que sem encarecimento podemos afirmar que, dos livros que até o presente são escritos em português, nenhum se achará de mais polícia e perfeição. E atrevo-me a dizer que, assim como a linguagem castelhana está em sua pureza nos escritos do nosso (de S. Domingos) Frei Luís de Granada, e, quando acertasse de se perder, podíamos por êles restaurá-la, segundo foi opinião de um bom espírito de seu tempo nem mais nem menos

temos neste volume entesourada a portuguesa, e em grau tão subido, que não há desejar-lhe mais fineza, nem mais graça e gravidade. E o que mais admira é que, em tanto papel escrito e tanta variedade de cousas, nem um só vocábulo lhe acho tomado de língua estranha, nem ao perto nem ao longe, como muitos indignamente vão fazendo... por onde me parece que com tôda a brevidade se deve imprimir esta História, como espelho de santidade e virtude para os devotos, e como forma e modêlo de bem escrever e falar, para estudiosos».

A opinião do PADRE ANTÓNIO VIEIRA sôbre a língua e estilo de Frei Luís de Sousa encontra-se exarada na censura que fêz pela Mesa do Paço à *Terceira Parte da História de S. Domingos*. Do parecer do grande prègador transcreveremos alguns trechos, que são naturalmente oratórios, laudatórios, e, salvo pelo que respeita à propriedade e ao purismo da escrita de Sousa, não descem do vago e do abstracto, como era usual em tais circunstâncias e em tais tempos:

«O estilo é claro com brevidade, discreto sem afectação, copioso sem redundância, e tão corrente, fácil e notável que, enriquecendo a memória, não cansa o entendimento. Faltam geralmente nas histórias das (ordens) religiosas aqueles casos e nomes estrondosos, que por si mesmos levantam a

pena, e dão grandeza e pompa à narração; por por onde notou o mestre da facúndia romana ser mais fácil dizer as cousas sublimes com majestade, que as humildes com decência. E nesta parte é admirável o juízo, discreção e eloqüência do Autor; porque, falando em matérias domésticas e familiares (como são naturalmente as que se obram e executam à sombra da clausura monástica) tôdas refere com termos tão iguais e decentes, que nem nas mais avultadas se remonta, nem nas miúdas se abate: dizendo o comum com singularidade, o semelhante sem repetição, o sabido e vulgar com novidade, e mostrando as cousas (como faz a luz) cada uma como é e tôdas com lustre. A linguagem, tanto nas palavras como na frase, é puramente da língua em que professou escrever, sem mistura ou corrupção de vocábulos estranjeiros, os quais só mendigam de outras línguas os que são pobres de cabedais da nossa, tão rica e bem dotada, como filha primogénita da latina. Sendo tanto mais de notar esta pureza no Padre Frei Luís, quanto a sua lição em diversos idiomas, e as suas largas peregrinações em ambos os mundos, o não puderam apartar das fontes naturais da língua materna, como acontece aos rios que veem de longe, que sempre tomam a côr e sabor das terras por onde passam. A propriedade com que fala em tôdas as matérias é

como de quem a aprendeu na escola dos olhos. Nas do mar e navegação fala como quem o passou muitas vezes; nas da guerra, como quem exercitou as armas; nas das côrtes e Paço, como cortesão e desenganado; e nas da perfeição e virtudes religiosas, como religioso perfeito. Por isso a sua Religião, sapientíssima neste Reino como em tôda a parte, entre tantos sujeitos eminentes nas outras letras escolheu com alto conselho um tal cronista, entendendo que a arte de falar com propriedade em tudo o que abraça uma História não se estuda nas academias das sciências, senão na Universidade do Mundo».

D. Francisco Alexandre Lobo, bispo de Viseu, é ainda, até hoje (1), quem mais desenvolvidamente se ocupou da obra de Frei Luís de Sousa, procurando criticá-la objectiva e concretamente. Mas não nos deu, apesar disso, um estudo completo e profundo da linguagem e do estilo do escritor *seu valido entre todos os prosadores do nosso Portugal*, daquele que *acabou de formar e pulir* a nossa língua.

---

(1) V. a *Memória* já citada.

O bispo de Viseu entendia que «todos os que quiserem compor em qualquer género que seja, acharão com que se enriquecer e que imitar» nessa linguagem «de que em nenhum outro se podem achar sequer ligeiras sombras»; e revolta-se contra Frei Tomás Aranha, que na censura da segunda parte da *Crónica de S. Domingos*, escrita em 1662, comparava o autor dela a João de Barros: «Faz injúria a Frei Luís de Sousa quem não prefere o seus estilo ao modo de escrever de João de Barros. O de Barros, ainda que são e grave, é muito inferíor ao de Sousa na viveza das descrições, na magia dos afectos, nas graças do polimento».

Comparando Sousa com Frei Bernardo de Brito, diz o erudito académico:

«Quando eu, arrancando-me da leitura da crónica de S. Domingos, abro, para comparar, a de Cister, então é que mais completamente alcanço que grande escritor era Frei Luís de Sousa. Aquela elegância cortesã, aquela efusão do coração, aquela singeleza tão amável que me enlevavam em Sousa desaparecem totalmente em Brito, onde não acho senão português são e por ventura castigado, e algumas, pôsto que na verdade poucas, afectações do século de Seiscentos».

Depois fala da *Vida de D. João de Castro,* de Jacinto Freire de Andrade, condenando-lhe a agudeza e afectação do estilo. É sobretudo o estilista, incomparávelmente mais do que o historiador, que D. Francisco Alexandre Lobo aprecia e ama em Frei Luís de Sousa:

«Na parte em que seguiu Cácegas e outros cronistas deu ocasião a reparos e precisou da nossa desculpa; mas tanto que se descativou da escravidão do exemplo e quis andar por seus pés e sem arrimo ou encôsto de outrem, não oferece já senão motivos de louvor e em muitos casos de admiração. Reservamos o louvor encarecido e altas admirações para o estilo e linguagem. Aqui é que Frei Luis de Sousa verdadeiramente triunfa de todos os prosadores portugueses, e disputa vantagens com quási todos ou todos os históricos antigos e modernos. Dos livros que até ao presente são escritos em português nenhum se achará de mais polícia e perfeição, dizia em 1662 Frei Agostinho de Sousa; e a sua entendida inteireza, ainda agora, dois séculos depois, nos diria o mesmo. Corre sempre o seu estilo desembaraçado e claro; sobe ou desce com o assunto, mas em todo o caso com jeito muito natural e bem airoso; nunca é magro e defecado, nunca redundante e tímido. Os ornatos e elegâncias nunca faltam nem sobejam, e sempre

são de tal qualidade que jámais ofendem o delicado gosto do entendido leitor. ¡Que metáforas tão bem achadas! que comparações tão ajustadas e luminosas! que descrições tanto para admirar e para extasiar! *Não gasta em vão as sentenças, mas não falta com elas onde veem a propósito, e então as deixa cair sem estudo aparente, tornando-as, pela desafectação, mais eficazes.* Longe das agudezas muito puxadas de Séneca e ainda de Tácito, nem por isso é prolixo e pesado no ponderar e reflectir; é um mestre de moral muito apurada, que a propõe oportunamente, com a simplicidade descuidada, mas bela, que lhe dobra muitas vezes o valor. Sobretudo é eminente nas graças singelas e no tom brandamente afectuoso que domina, sem as enfraquecer, no todo das suas composições.»

Comparando Frei Luís de Sousa com afamados gregos, romanos e modernos, cuida D. Francisco Alexandre Lobo *que todos lhe são superiores na importância e crítica dos sucessos*, que muitos o emparelham nas outras boas prendas e qualidades de perfeita história, e que êle, nas graças do estilo, na doçura de afectos e suavidade de côres, excede todos, senão só porventura Xenofonte.

«Quanto à linguagem ¿que posso dizer, sem me expor a reparos, à vista dos pareceres de António Vieira e de Frei Agostinho de Sousa? Direi contudo que, sendo pura como diz Vieira, nas pa-

lavras e na frase, eu lhe não estimo tanto a pureza como a naturalidade, a flexibilidade, as graças. Sousa, se me não engano, é uma ou outra vez menos correcto no nosso idioma do que Vieira; mas então mesmo é bem parecido e engraçado. Não se pode tirar da língua maior partido. Se ela é de si nobre, e muito grave, êle a emprega, quando é preciso, segundo êste seu carácter; e também a dobra, noutras ocasiões, ao brando e afectuoso, com uma felicidade que não pode ser muito encarecida. ¡Como dizem entre si a viveza ou brandura das suas ideas e paixões, e a das palavras! ¡Como coloca com dignidade as locuções ou os termos mais claros e familiares! Tôdas as línguas que teem como a nossa, grande facilidade para diminutivos, levam às mais grande vantagem; e Frei Luís de Sousa reconheceu admirávelmente e usou desta superioridade da língua portuguesa.»

Nota apropósito o bispo de Viseu a narração do encontro do Arcebispo com o pastorinho (v. p. 70 dêste volume) admirando *com que efeito de patético suavíssimo* Sousa adopta as expressões mais vulgares *e três diminutivos,* um dos quais tem a habilidade de tornar belo, pôsto que representa uma imagem *quási asquerosa e pelo menos muito abjecta.*

Esta palavra que o bispo de Viseu considerava

tão evocadora de ascos e abjecções é o inocente particípio diminutivo *esfarrapadinho*... Sirva isto de exemplo para mostrar quanto a moda é versátil, no estilo como em tudo, e como parecia ascorosa e abjecta em 1830 uma palavra corrente e anodina na literatura de 1919.

*

* *

Frei Luís de Sousa é estudado pelo SR. TEÓFILO BRAGA entre os historiadores, e como tal depreciado sem injustiça de maior, visto que em geral se limitou a *escrevêr* a história que outros haviam preparado. Como escritor limita-se o eminente historiógrafo da literatura nacional a dizer que a Frei Luís de Sousa *se atribui o maior purismo na dicção portuguesa,* donde parece concluir-se que o Sr. Teófilo Braga não concorda com semelhante atribuição, ou, pelo menos, se abstêm de julgar e classificar por sua parte o grau do purismo da dicção de Sousa. Sôbre o seu estilo é, porêm, mais afirmativo, recordando que as suas obras foram escritas depois dos sessenta anos, *essa idade apática em que o dizer toma uma forma conceituosa e autoritária* (1). A lógica dirá que, *autoritarismo*

(1) *Os Seiscentistas,* Pôrto 1917, p. 643.

e *apatia* são termos contraditórios; e a leitura da *Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires*, cujo dizer nada tem de autoritário, permite por isso mesmo que também chamemos apática à idade em que êsse livro foi escrito. Forma conceituosa, exagerada e insistentemente conceituosa, é que não será fácil demonstrar com os textos à vista. Mais razoàvelmente parece ter falado a êste respeito o bispo de Viseu, quando disse que Frei Luís de Sousa *não gasta em vão as sentenças, mas não falta com elas quando veem a propósito, e então as deixa cair sem estudo aparente, tornando-as, pela desafectação, mais eficazes.*

Esta apreciação, ou antes depreciação do estilo de Frei Luís de Sousa pelo Sr. Teófilo Braga, no seu recente livro *Os Seiscentistas*, representa ainda assim um progresso crítico apreciável, se se compara com afirmações mais antigas.

No seu *Curso da História da Literatura Portuguesa* (1) disse o ilustre historiador e crítico da nossa literatura que Frei Luís de Sousa se entretinha descansadamente a *arredondar frases e a soprar as simples narrativas* de Frei Luís de Cácegas, acobertando a sua deficiência *com as flores recortadas do estilo culto.*

---

(1) Lisboa, 1885.

O leitor dirá, lendo as páginas da *Vida do Arcebispo* que a seguir lhe oferecemos, se nelas encontra frases *arredondadas,* um estilo *soprado* e *flores recortadas* com zêlo gongórico.

Não é preciso ser sábio para se ver que a escrita de Frei Luís de Sousa é exactamente o contrário de tudo isto. O que é preciso é ter bom gôsto, como, por exemplo, tinha Garrett, o qual, ao explicar os motivos por que escreveu em prosa, e não em verso, o seu drama *Frei Luis de Sousa,* exprimiu as seguintes afirmações a respeito da prosa do grande escritor clássico:

«O que escrevi em prosa, pudera escrevê-lo em verso; — e o nosso verso sôlto está provado que é dócil e ingénuo bastante para dar todos os efeitos de arte sem quebrar na natureza. Mas sempre havia de aparecer mais artifício do que a índole especial do assunto podia sofrer. E di-lo hei, porque é verdade — repugnava-me também pôr na bôca de Frei Luís de Sousa outro ritmo que não fôsse o da elegante prosa portuguesa que êle, *mais do que ninguêm,* deduziu com tanta harmonia e suavidade. Bem sei que assim ficará mais clara a impossibilidade de imitar *o grande modêlo;* mas antes isso do que fazer falar por versos meus *o mais perfeito prosador da lingua* (1)».

(1) *Ao Conservatório Rial.*

IV

Organização desta Antologia

O volume da matéria por nós escolhida da *Vida do Arcebispo,* e adiante apresentada ao leitor, constitui aproximadamente um têrço do texto total. A escolha foi feita de modo que a obra essencial pode ler-se e apreciar-se reduzida, sim, mas não decepada. Tudo o que nos cinco primeiros livros, dos seis de que a *Vida de D. Frei Bartolomeu* se compõe, encontrámos de mais importante e apreciável, literária e históricamente, aparecerá aos olhos do leitor, formando conjunto seguido e concluso, desde o nascimento à morte do grande prelado. Ficou totalmente de fora apenas o Livro sexto e último, que trata da *tresladação do Santo Arcebispo;* do *edifício da nova sepultura;* do *concêrto que havia nas crastas;* da *procissão e festas que houve;* da *fábrica e ornato da eça,* etc., etc. — assuntos decerto interessantes, mas exteriores e posteriores ao objecto intrínseco do livro, que era, e é, a vida do humilde monge e venerável pastor de almas. Dos cinco *livros* anteriores aproveitámos

quási tudo o que havia de narrativo, suprimindo repetições e prolixidades, assim como os longos passos de assunto mais espiritual e teológico, sem dúvida importantes para integral levantamento biográfico, histórico e religioso da figura tratada, mas de muito secundária monta para o intuito literário que nos guia.

Não quere isto dizer, evidentemente, que não tenha ficado de fóra matéria, e muita, de valor estilístico, e até real ou objectivo, apreciável para todos. Basta citar que, já depois de compostos na tipografia dois capítulos por nós formados com a narração do cêrco e vitória de Mazagão, e a notícia da origem lendária e religiosa do grito de *Santiago!*, forçoso nos foi retirá-los e sacrificá-los, para que o volume se contivesse nos limites que esta publicação não pode exceder sem prejuízo do seu plano económico e da sua própria leveza de índole e de aspecto. O que julgamos ter conseguido, apesar dos cortes feitos e das inevitáveis reduções, foi a agradável conciliação da forma com a essência, a possibilidade de oferecer ao leitor, não só uma selecta de Frei Luís de Sousa, mas a suficiente vista de conjunto sôbre a grande figura por êle desenhada miúdamente neste seu livro.

A mesma tirania da bitola material, que à última hora nos forçou a resumir ainda o texto

primitivamente apartado para êste volume, obriga-nos agora a encolher as proporções do presente antelóquio. Fazemo-lo sem maior contrariedade, porque tencionamos voltar muito breve à obra de Frei Luís de Sousa.

Lisboa, 24 de Novembro de 1919.

A. de C.

VIDA DE D. FREI
BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES

CAPÍTULO I

Nascimento e infância

A IGREJA de Nossa Senhora dos Mártires de Lisboa, que vulgarmente chamamos das Martens, foi morada e freguesia dos pais do Arcebispo D. Frei Bartolomeu, e a em que êle recebeu o primeiro ser de cristão pelo santo baptismo, e donde quis tomar o apelido que por tôda a a vida conservou e amou.

Contam as histórias dêste Reino que El-Rei D. Afonso Henriques, primeiro e mais antigo dos que nêle contamos, depois de ter ganhado aos Mouros a maior parte das terras de Portugal, de que eram senhores quando herdou o Reino, havia por afronta sua possuírem Lisboa, que só por si era outro Reino; e, resoluto em a conquistar ou deixar a vida na emprêsa, juntou as fôrças do Reino e, quando menos era esperado, entra pela comarca de Lisboa, levando

a ferro e fogo quanto se lhe opunha, e brevemente foi senhor de tôda a terra até os muros da cidade.

Era o campo (1) que seguia a El-Rei mui desigual e minguado, para o feito que levava na imaginação; se bem, para o que então era Portugal, assaz crescido. Mas aquele Senhor que tira e dá os reinos como é servido, lhe facilitou a emprêsa pelos meios que menos cuidava. Não eram passados muitos dias depois de tomado o castelo de Sintra, quando amanhecem sôbre a Roca (2) um grosso número de velas, que cobriam o mar. Mandadas reconhecer, soube que vinha nelas um bom exército, composto de várias nações: Franceses e Alemães, Inglêses e Flamengos, que passavam à conquista da Terra Santa; gente bem armada e determinada a dar a vida pela honra da Fé.

Era general da armada Guilherme, príncipe francês da casa de Anjou, bem celebrado nas histórias daquele tempo, por sobrenome *Longa Espada*. Pareceu a El-Rei e aos seus que lhes acudia o Céu com socorro: manda-lhe dar conta do estado em que se acha-

(1) = a hoste.
(2) = o Cabo da Roca.

va e lembrar-lhe quão honroso emprêgo seria para tão formosa armada ajudar-lhe a ganhar aquela cidade; e, pois iam em busca de infiéis tão longe de suas casas, não seria razão deixar quietos aqueles que, tão perto delas, faziam contínua guerra a seus irmãos. Quanto mais que a conquista era fácil, como apertassem o lugar por duas partes; e a honra grande, de poderem dizer lá na Síria que antes de saltarem em terra iam já conquistadores de infiéis.

Foi fácil de persuadir o valoroso cavaleiro. Entra no rio, lança sua gente em terra, fortifica-se da parte ocidental por todo aquele têso (1) onde agora é o convento de S. Francisco (2) até sôbre o mar.

Começou-se um porfiado cêrco. A desesperação criava fôrças e esfôrço nos cercados. Defendiam-se e ofendiam denodadamente. Morriam muitos de ambas as partes; e dos nossos, assim naturais como estranjeiros, como acometedores e mais expostos ao perigo, que pelejavam de lugar descoberto, era sempre maior o número. Bemdita morte,

---

(1) = alto do monte.

(2) Actualmente Biblioteca Nacional, Escola de Belas Artes, Govêrno Civil, etc.

que aos mortos passava em um momento a gozos eternos, laureados de glorioso sangue, e nos vivos acendia inveja e dobrava o ânimo.

Mártires os chamavam os companheiros, e por mártires os veneravam; e, como a tais, foi acôrdo juntamente de ambos os campos dar-lhes memória e lugar sagrado dentro em seus alojamentos, na forma que o tempo permitia. Começou El-Rei a igreja de S. Vicente. Fundaram os estranjeiros a de Nossa Senhora, chamaram-lhe dos Mártires, para quem se fêz, e a grande antiguidade foi corrompendo o nome de Mártires em Martens, e até a natureza (1) do artigo trocou.

Nesta freguesia eram moradores Domingos Fernandes e Maria Correia, sua mulher, nascidos ambos no lugar da Verdelha, termo da cidade, de gente boa e limpa (2).

Viviam abastados de bens da terra, e não tinham menos do Céu; porque eram muito virtuosos e devotos, e dotados duma particular inclinação de partir do seu com os

(1) = o género.
(2) = «limpa» de sangue israelita

pobres. Esta singular virtude da caridade lhes quis Nosso Senhor pagar, pelo muito que a estima, dando-lhes um filho tal, que fôsse extremo nela e honra e alegria dêles.

No mês de Maio dos anos do Senhor de mil e quinhentos e catorze, reinando em Portugal El-Rei D. Manuel, único dêste nome, e presidindo na Igreja de Deus o Papa Leão X, nasceu a Maria Correia um filho, que baptizaram na sua igreja e freguesia, e chamaram Bartolomeu.

Nasceu êste menino com um notável sinal e bem ilustre prognóstico do que havia de ser dêle ao diante. Tinha na mão direita sôbre as costas dela naturalmente impressa uma cruz, florida de quatro flores de lis nos quatro remates, como feitas de pincel, e da mesma forma que são as que usam os comendadores de Avis e as que andam nas divisas da nossa Ordem.

Representava a carne naquele debuxo um calo duro e relevado, de côr branca: ou um debrum que fica em ferida mal curada; e não era maior que uma polegada; mas tão perfeita, e distinta, e bem proporcionada, que bem mostrava ser obra do Autor da natureza.

Muitas vezes acontece honrar Deus com

sinais antecipados os que tem escolhido para serem insignes no mundo. Assim assinalou o nascimento de S. Carlos, arcebispo de Milão, com uma luz maravilhosa, que tornou em claro dia a noite que nasceu (1) no castelo de Arona, junto do Lago Maior, em Lombardia. Assim tinha assinalado muitos séculos antes o de S. Ambrósio, seu antecessor, com o enxame de abelhas que o cobriu no berço. E nas Crónicas do nosso padre S. Domingos é celebrada outra cruz que se achou com pouca diferença desta sôbre o peito de Frei Volando, religioso desta Ordem, na hora de sua morte.

O que nós achamos de grande maravilha neste sinal, e não menos louvor de quem o teve, é que, vivendo setenta e seis anos, o guardou e encobriu com tanto recato, que quando chegou a falecer uma só pessoa era sabedora dêle: que foi um cónego de Braga, que fôra seu criado e cubiculário, e rezara com êle alguns tempos, e podia com esta ocasião ver-lhe as mãos e notar o sinal. E foi Deus servido que se achasse êste padre em sua morte para o revelar a D. Fr. Agostinho do Castro, arcebispo seu sucessor, e

(1) = em que nasceu.

aos religiosos que com êle se acharam; e com dissimulação, tomando-lhe a mão, mostrá-lo a todos.

E todos o estiveram notando, e considerando com curiosidade as particularidades que temos referido: as quais contou depois miúdamente a quem isto escrevia o mesmo D. Fr. Agostinho em Braga, alêm do testemunho dos nossos religiosos. Mas esta maravilha me causa a mim outra maior, que é ser tal a compostura e gravidade dêste varão, que não tivesse em tantos anos de vida mais que uma só testemunha de uma mão descoberta.

Outro sucesso houve na criação dêste menino, muito de notar, de que não fizéramos tanto caso, se os tempos não vieram depois a confirmar que foi cousa mais que ordinária, e não carecente de mistério.

Criava-o a mãe a seus peitos com o cuidado de mãe, e mãe de grande virtude. Estava fugida da peste que ardia em Lisboa, em um casal que tinham, no lugar da Torrugem, limite de Oeiras, quási três léguas da cidade. Era sôbre tarde, tinha-o nos braços à porta do casal: chegou um homem, no trajo pobre mendicante, no sem-

blante estranjeiro, e pediu-lhe esmola. Emquanto lha mandava dar foi cousa de espanto, e que deu muito que cuidar à mãe e aos de casa, o que viram no menino:

Encarou no pobre todo risonho, todo alegre, debatendo-se para êle, e festejando-o com as mãozinhas, bôca e olhos, como se fôra um dos mais conhecidos de casa; e emquanto o pobre se não despediu, não desviou os olhos dêle, nem deixou de o estar agasalhando com aquelas inocentes mostras; sendo assim que (1) semelhantes vistas são o côco (2) com que as amas assombram ou acalentam os meninos desta e ainda de maior idade.

Dada a esmola, disse o pobre à mãe que criasse com muito cuidado aquele menino e, como fôsse maior, o encaminhasse para as letras; porque lhe fazia saber que nelas seria eminente, e andando o tempo viria a ser uma grande cousa na Igreja de Deus. Despediu-se; e o menino, como o perdeu de vista, virou para a mãe, pendurando-se-lhe todo do pescoço com outras tantas e mais festas; e foram elas tão extraordinárias e desacostumadas,

---

(1) = não obstante que.

(2) = papão com que se põe mêdo às crianças.

que a obrigaram a julgar que eram umas significações, e génera de agradecimento da esmola que fizera ao pobre, de cuja vista tanto se agradara.

Mas, se é lícito fazer juízo, quem teve poder para fazer tais efeitos em uma criança de peito, e prognosticar tanto de antemão cousa em que tão inteiro cumprimento vimos, mais devia ser que homem ordinário. E se assim foi, como parece, já isto eram luzes do Céu e da Graça, que começavam a alumiar aquela alma.

Saído das mantilhas, foi logo dando mostras de como Deus lha ia dispondo para si. Era grande o gôsto que tinha de o levarem à igreja, e nela a sua vida era andar de altar em altar, parando com atenção em cada imagem e reverenciando tôdas. Tornando para casa, em aparecendo pobres, êle era o requerente da esmola, êle o que com alvorôço e alegria lha levava; e crescendo na idade, crescia juntamente na caridade e devoção.

(Liv. I, Cap. I.)

CAPÍTULO II

Estudos e profissão monástica

Dura jurisdição, por não dizer tirania, exercitam hoje muitos pais sôbre as condições e natureza dos filhos. Em nascendo, já fazem a um, clérigo; a outro, frade; a outro, soldado. De espreitar a inclinação e jeito que cada um tem para as cousas, não há tratar.

Assim fica mau letrado o que fôra bom sapateiro; e não é bom soldado o que fôra bom religioso. E daqui nasce haver hoje tão poucos pais que se gabem de filhos amigos e obedientes; porque, como todo seu intento foi fundado em lhes negociar pão temporal, com menos providência do espiritual, é permissão divina que paguem o êrro com receberem dêles temporalmente muita desconsolação.

Não se fêz assim com Bartolomeu: logo foi mandado ao estudo. E logo mostrou quanto importa correr trás a boa inclina-

ção. Inda não tinha perfeitos quinze anos, já era valente gramático. Tinha rara habilidade junto com felicíssima memória; não lhe faltava diligência e cuidado nascido da virtude. ¿Que não alcançaria?

Para lhe suceder tudo melhor ajudava-se de um santo exercício. Tinha um avô velho e cego. Quando ia pela manhã para casa do mestre (que naquele tempo tinham as letras mui poucos professores) guiava-o de caminho até à igreja das Martens, ouvia missa e deixava-o na igreja. Acabadas as horas da lição tornava por ela e levava o seu velho para casa. Com estas ajudas de custo estudava para poder dizer já naquela idade: — *Oculus fui cœco:* (1) servi de olhos a um cego.

Era já bom latino; acudia-lhe o Senhor com santas inspirações e estava resoluto em buscar a Deus na Religião. Detinha-o sómente um pejo natural de acometer por si tamanho negócio; entretanto continuava com grande afeição no nosso Convento e com os religiosos. Assim andou alguns dias em contendas consigo, alegre com a determinação, triste porque a não acabava de exe-

(1) Job. 29. 15

cutar. Até que, um dia de S. Martinho do ano de 1528, achando-se no Convento, sentiu em si um tão veemente impulso de acabar de deixar o mundo e romper por tudo, que, não lhe podendo resistir, se foi ao Prior e com poucas palavras, que sua modéstia atalhava e deixava mal pronunciar, lhe descobriu sua tenção e desejos, pedindo perdão dêles, como de um grande atrevimento.

Era o Prior Fr. Jorge Vogado, Mestre em Teologia, que muitos anos fôra confessor e prègador de El-Rei D. Manuel, douto e experimentado prelado; e ainda que entendeu do rosto e das palavras do moço, e do jeito e fervor com que as dizia, que vinha guiado do Espírito Santo, quis, como prudente, meter mais a mão nêle, e ver se lhe descobria alguma leviandade ou movimento pueril debaixo daquela composição. E depois dalgumas preguntas, que lhe fêz de sua vida e costumes, pôs-lhe diante o rigor e austeridades da Ordem, declarando-lhe por extenso a obrigação do peixe contínuo e dos jejuns prolongados; as vigias cotidianas, o silêncio, a pobreza, o cilício perpétuo no vestido e na cama: tudo violências que-

(1) = quando.

brantadoras de qualquer natureza mui robusta, quanto mais de um menino que, alêm de o ser, representava compleição fraquinha.

Assim como o Prior lhe ia propondo estas cousas, assim lhe ia lendo no rosto as diferenças de efeitos que lhe causavam dentro na alma. Já se inflamava todo com a relação dos trabalhos, alvoroçando-se para se ver com êles a braços; já se enfiava e perdia as côres, com mêdo de ser enjeitado por fraco, ouvindo-se julgar por tal.

Como teve lugar de responder:

— Padre, disse, trabalhos busco, e aborreço mimos; por fugir de mimos que me sobejam e provar trabalhos que desejo, e sei que para a salvação me são necessários, busco a Religião. Não temo êsses, nem me assombrarão outros maiores, que não há corpo fraco onde o coração é forte.

Edificado ficou o Prior, não só satisfeito do que achava no moço. Chamou o mestre dos noviços, e alguns padres outros, que o examinassem na latinidade. Acharam-lhe suficiência e agudeza de engenho. Chegaram-se outros padres que o conheciam, e informaram de suas partes. Tudo junto foi causa de se determinar o Prior em não atalhar

aquele fervor, nem perder a ocasião de um sujeito que, por onde quer que o tomava, lhe enchia os olhos. Tomou-lhe os votos e logo no mesmo dia, depois de Completas (1), lhe lançou o hábito com tamanha consolação do noviço, que não podia crer o que via.

*

* *

Emfim teve o ano fim e chegou Deus o noviço ao prazo que tanto desejava.

Fèz-lhe profissão o mesmo frei Jorge Vogado, aos 20 de Novembro do ano de 1529, sendo Provincial nesta Província frei Manuel Estaço, e Mestre Geral da Ordem frei Francisco de Ferrara; e não tinha dezasseis anos cumpridos, porque lhe faltava para os cumprir o que há de Novembro até Maio.

O apelido que tomou na profissão foi do Vale, em memória de um avô seu, mais por vontade alheia que pela sua. Usou dêle algum tempo, até que foi mais senhor de si e

---

(1) Completas: as últimas horas do dia canónico, que se divide em Matinas e Laudes, Prima e Tércia, Sexta e Nona ou Noa, Vésperas e Completas.

teve liberdade para seguir aquilo que, sem encontrar (1) as leis da observância, dizia mais com as de seu espírito. Foi caindo (2) que para quem fugira do mundo, como êle, o acertado era fugir também de tudo o que dêle lhe podia fazer lembranças; e juntamente fugir de casa de seu pai e dos parentes.

E a lição dos livros ensinava-o a considerar a obrigação grande que tinha ao lugar onde fôra regenerado no sangue de Jesus Cristo; onde começara a ter nome e adopção de filho de Deus.

Ponderando tudo com bom discurso, determinou arrimar-se aos seus Mártires, e só do seu apelido usar, em reconhecimento dos benefícios grandes que na sua casa recebera.

Era quási princípio de ano novo quando professou. Começava em S. Domingos de Lisboa curso de Artes. Entrou nêle e estudou com tal cuidado, que em Lógica e Filosofia não tinha igual entre todos seus condiscípulos. Foi logo prosseguindo na Teologia escolástica e moral.

---

(1) = Contrariar.
(2) = acontecendo

Como tinha muito estudo e aplicação e o engenho era grande, e passado já pela Lógica, que apura e adelgaça qualquer meã habilidade, bastaram poucos anos para dar eminente letrado.

(Liv. I, Cap. II e III)

CAPÍTULO III

Progressos

QUANDO começava a estudar a sagrada Teologia, sucedeu celebrar-se Capítulo Provincial em Guimarães, no ano de 1532. E foi mandado a êle por (1) uma das melhores habilidades da Ordem, para defender umas Conclusões de Lógica. Nelas confirmou largamente a opinião que dêle se tinha; porque respondeu aos argumentos com muita viveza de engenho e com uma certa confiança, que mais parecia leitor antigo que sustentante moderno.

Poucos anos depois, no primeiro Capítulo que celebraram, entrando neste Reino, o Padre frei Jerónimo de Padilha e os mais companheiros que com êle desceram de Castela, com título de reformadores, à petição de El-Rei Dom João, teve frei Bartolomeu conclusões de Teologia.

---

(1) = como, na qualidade de.

Juntamente lhe foi mandado pelos prelados que começasse a exercitar o ofício de prègador apostólico, que é o fim dos estudos e trabalhos da ordem de S. Domingos.

Em uma e outra cousa começou a intender, armando-se primeiro de dobradas horas de oração, como quem tinha experiência que se alcançava mais nela em pouco espaço que nos melhores cartapácios em muito.

Pedia a Deus que lhe desse particular favor e ajuda para fazer discípulos santos, mais que doutos com a lição; para salvar almas com a prègação.

Assim foi sempre o intento de seus sermões desterrar vícios e pecados, mostrando o dano e o perigo dêles, e afeiçoar os corações a Deus.

E como a palavra divina seja espada de fogo, e poderosíssima para estes efeitos, se não bota (1) os fios na bôca do prègador (o que acontece quando êle se busca a si mais que a Deus, pretendendo fazer alarde de letras e engenho, mais que converter almas) determinou trazer sempre diante dos olhos um espertador desta verdade, o qual achou

(1) = embota.

nas duas palavras *ardere, et lucere,* em que Cristo nosso Redentor significou as obrigações do verdadeiro prègador evangélico, louvando ao glorioso Baptista e mostrando que quem tal houver de ser, primeiro há-de *arder* em fogo de amor divino e da salvação dos ouvintes, e depois *alumiar* com sua doutrina.

Antes de cumpridos trinta anos, lhe foi dado o grau de Presentado (1), no de 1542, que responde ao justo com os vinte oito de sua idade.

Assim achamos que foi leitor (2) de Artes e Teologia mais de vinte anos contínuos, sem levantar mão. Onde havia agudeza de engenho com tantas outras boas qualidades que temos apontado, fácil fica de entender quanto adiantaria nas letras, no decurso de tão estendido leitorado. Bem podemos assentar que não tinha igual em Espanha.

Era em suas lições doutíssimo, agudo no que declarava, claro no que ditava. Ninguêm mais profundamente ponderava as palavras do angélico doutor Santo Tomás.

---

(1) = habilitado para receber o grau de Mestre.
(2) = lente, professor.

Ninguêm com mais subtileza penetrava o sentido delas. No argumentar tinha particular graça e singular modéstia, porque tocava excelentemente o ponto da dificuldade, e prosseguia o argumento com muita delicadeza, e convencia sem usar de brados.

No ano de 1551 foi eleito pela Província por companheiro do Provincial frei Francisco de Bovadilha, para irem ao Capítulo Geral que se celebrava em Santo Estèvão de Salamanca. Nêle defendeu umas Conclusões públicas por esta Província, e argumentou em outras, e de maneira se houve em tôdas, que o Reverendíssimo Geral, que era frei Francisco Romeu, lhe deu grau de Mestre; e, nas palavras da patente que dêle lhe mandou dar, declara bem a grande satisfação com que ficou de suas partes (1). A própria patente veio a nossas mãos. As palavras são as seguintes em nossa linguagem:

Vista a suficiência de vossa doutrina e a destreza de engenho que mostrastes nas públicas disputas que houve neste nosso Capítulo Geral de Salamanca: confiando

---

(1) = qualidades, merecimentos.

nós, Fr. Francisco Romeu Castellione, Mestre Geral de tôda a Ordem dos Prègadores, de vossa Religião e sã doutrina, e de vossa observância e devoção e zêlo para defenderdes a Santa Fé Católica, vos fazemos e criamos Doutor e Mestre em Santa Teologia, para o qual grau fôstes exposto e apresentado pela vossa Província, etc.

Até aqui são palavras da patente. E logo em Junho do mesmo ano (1) se ajuntou Capítulo Provincial em Lisboa, no qual foi eleito por Definidor (2) e aceitado seu magistério, perseguindo-o o mundo com honras multiplicadas e enfiadas umas após outras, a quem nenhuma buscava nem queria dêle.

Sofria frei Bartolomeu as honras que lhe dava a sua Ordem, por ver que era estilo dela; mas bem se lhe enxergava que lhe serviam mais de carga que de alívio ou de gôsto; porque tão pobre era a sua cela como dantes, tão fácil seu trato, tão humilde sua conversação; da mesma maneira continuava o côro e comunidades (3); o

---

(1) 1551.

(2) = vogal do conselho director da Ordem

(3) = exercícios e deveres religiosos em comum.

mesmo recolhimento guardava que ainda antes de Presentado.

Só lhe acarretou de novo a dignidade ser buscado e importunado de partes (1), à conta da fama que já corria de suas abalizadas letras, que era trabalho que muito o inquietava. E pouco tardou em o buscar outro, que qualquer grande sujeito tivera por ventura e êle o julgou por tentação e adversidade.

Vivia neste tempo o Infante Dom Luís, príncipe de quem se não pode falar, por suas grandes partes, sem prólogos de muito louvor. Desejava fazer letrado ao senhor Dom António seu filho (que depois foi Prior do Crato) e pediu nomeadamente frei Bartolomeu para lhe ler Teologia.

Não se podia negar nada a tal príncipe, e menos em matéria de que resultava honra para a Ordem e para o Mestre: foi logo mandado pelos Superiores a Évora, onde estava o discípulo.

Houve assaz invejosos desta honra, e frei Bartolomeu a aceitou com notável mortificação de espírito; porque, como nêle ne-

(1) = pessoas interessadas em qualquer negócio.

nhuma cousa tinha entrada nem lugar mais que Deus, aborrecia côrtes e todo o concurso de gente.

Todavia obedeceu, como humilde súbdito, e serviu algum tempo estes príncipes; mas não nos constou em que ano começou, nem quantos esteve com êles. O que sabemos é que estava violentado e como em prisão, comquanto o amavam e estimavam muito; e sempre suspirava pelo canto da sua cela, como quem tinha experimentado que só no deserto da Religião goza vida segura, e descansada, quem estima e sabe conhecer o preço da verdadeira liberdade.

(Livro I, Cap. IV)

CAPÍTULO IV

Como foi eleito em Prior do Convento de S. Domingos de Bemfica e como se houve no cargo

Residia em Évora o Mestre frei Bartolomeu, intendendo na lição que dava ao filho do Infante, descuidado de nova mudança — quando foi apontado para Prior do Convento de Bemfica, onde foi eleito e aceitado com muita conformidade e alegria de todos os Religiosos.

Pelo que, tomada licença do Infante e do discípulo, se veio a Bemfica; onde, temperando o tormento do govêrno, que muito o cansava, com o gôsto que recebia em ver como estava em seu ponto (1) o rigor da observância, começou a intender na administração da casa. E a primeira cousa foi tratar do espiritual, dando traças para não descair o que achava em bom estado, antes melho-

(1) = nos devidos termos.

rar; e procurando reformar até as cousas mui leves, e prantar novas virtudes; e sôbre tôdas acender nos corações dos súbditos um fogo ardente do divino amor, por meio da oração e contemplação, que são as escadas por onde êle se busca, e traz o Céu.

Mas porque é tempo perdido animar para a batalha quem fica fora dela, e aconselhar virtude quem não é primeiro em segui-la, começou a empregar-se com estremado fervor nos espirituais exercícios.

Assim trabalhava prelado, como se começara a ser súbdito: mais seguidor das comunidades, mais áspero no jejum, mais cuidadoso do silêncio, pobre em todo o extremo, inimigo de sair da cela, muito mais do convento; pouco sono, muita oração, missa cada dia, sem perder nenhuma senão com grande causa, e dita com cordial devoção.

Com êste exemplo animava os fracos e acendia os animosos, não havia nenhum covarde, e a observância regular andava em todo o concêrto de um bem temperado relógio.

Na criação dos noviços se esmerava frei Bartolomeu com particular cuidado, porque

(dizia êle, e assim o deixou escrito) dela dependia todo o bem ou mal das Religiões. E trouxe-lhes logo para Mestre o padre frei Simão das Chagas, varão de singular exemplo de virtude, que por tal foi depois mandado à Índia e, assistindo nos conventos e residências que a Ordem tem nas partes de Malaca, viveu e morreu tão santamente, que dos Cristãos, e até dos gentios que dali navegam para a China, é particular advogado nas temerosas tempestades que naquela viagem são ordinárias. E com ser tal o Mestre, não se descuidava êle, mas antes ajudava tambêm e servia como de sobrerolda (1).

Pelo temporal (2) do Convento matava-se pouco, ainda que não tinha descuido. Mas persuadido e confiado que não podia Deus faltar a quem de verdade o servisse, conforme as suas divinas promessas, não fazia diligência por adquirir renda nem acrescentar a que a casa tinha; e do que havia de portas adentro era tão liberal, que lhe

(1) = sòbre-ronda: o que vigia se a ronda faz a sua obrigação.

(2) = pelos negócios temporais, práticos ou administrativos do convento.

aconteceu em tempo de fome, acudindo muitos pobres à portaria, mandar repartir por êles o peixe que estava guisado e prestes para o jantar da comunidade, dizendo que em tempos de necessidade, para religiosos que professavam pobreza, bastavam ervas e fruta; e que se êles fôssem verdadeiros filhos de S. Domingos em obras e exemplo, isso bastaria para os seculares se desentranharem por lhes acudir.

E na verdade não se enganava; porque acontecia virem ao convento a miúdo os Príncipes que então havia no Reino, e mais particularmente o Cardial D. Henrique e o Infante D. Luís, pelo gôsto que tinham de comunicar com o Prior; e como sabiam a vida que ali se fazia, sempre lhe deixavam esmolas de dinheiro, que o bom prelado não entesourava; mas, porque eram anos de carestia e andava a terra cheia de pobres e gente sem remédio, mandava-o trocar em moeda miúda e, confiado na providência divina, repartia francamente tudo por êles e consolava a todos.

(Lív I Cap. V.)

CAPÍTULO V

Como foi chamado da rainha D. Catarina e nomeado por arcebispo de Braga, e da resposta que lhe deu

Andavam em competência com frei Bartolomeu as honras e as dignidades. Êle a aborrecê-las, elas a entrar-lhe por casa. ¿Quem persuadira esta filosofia aos ambiciosos: que é poderoso meio para as alcançar o fugir delas? Levaram (1) êles melhor vida, e tiveram no mundo mais quietação.

Vagou por êste tempo o arcebispado de Braga, por falecimento de D. frei Baltasar Limpo, da Ordem de Nossa Senhora do Carmo. Governava êstes Reinos a Rainha D. Catarina, por seu neto el-rei D. Sebastião, que era menino; e como em tudo procedia

---

(1) Levaram... e fizeram = levariam... e fariam.

com grande prudência e ânimo de acertar, e era a primeira prelacia que lhe tocava prover, desejava empregá-la em tal sujeito que a juízo de todos fôsse dela digníssimo, e sua consciência ficasse satisfeita e segura.

Havia em tôdas as Religiões pessoas de virtude e letras. Não faltavam sacerdotes seculares que à virtude e letras ajuntavam merecimentos de sangue e serviços de pais e avós. Começou a ferver a cobiça e ambição, e a entrar em batalha com a constância e inteireza da rainha. E como os filhos do mundo são mais destros nas pretensões dêle que os filhos da luz, eram os combates fortíssimos, porque não aparecia pretendente (que então ainda se tinha êsse respeito às Prelacias, que se não requeriam de praça) (1) e tanto maior era a fôrça, quanto mais secretos os meios que se usavam.

Eram muitos os que aspiravam à prebenda e nenhum tão desamparado de valias ou de esperanças, que se não prometesse a vitória; e porventura havia algum que já repartia cargos ou mandava fazer a mitra.

---

(1) = em público, à cara descoberta.

Requeriam parentes, instavam amigos e aliados, uns com interêsses manifestos, outros encobertos.

Os pretendentes estavam escondidos, mas não descuidados, e querendo que se entendesse dêles que viviam inocentes das culpas ou efeitos da negociação. Valia (1) com a Rainha, e era seu confessor o mestre frei Luís da Granada, que por suas grandes partes e provada virtude foi sempre aceito aos príncipes dêste Reino, e era juntamente nosso Provincial nêle.

Como o vulgo em tudo arremessa seu voto, saíu dêle e corria pela terra, que a Raínha lhe dava o Arcebispado. Não era para desprezar a voz do povo, que muitas vezes faz melhor eleições, ainda que pareçam feitas a montão, do que são as dos príncipes, com muito acôrdo e conselheiros. Tudo cabia na pessoa do Provincial, o qual estava a êste tempo em Santarêm, maltratado duma perna, duma queda que dera com perigo, andando na visita da Província.

Chegou a fama pública a frei Bartolomeu

(1) Valer com alguêm = ter valimento junto de alguêm.

desta eleição, e por outra parte que tinha melhoria (1) o que davam por eleito. Como amigo, e amigo de alma, estimou a nova da melhoria e sentiu a outra: tomou papel e tinta e escreveu-lhe logo, dando-lhe os parabêns da saúde, mas nenhuns da mitra; antes lhe lembrava que instasse a Deus nosso Senhor com apertadas orações, que pois lhe livrara o pé da queda, lho livrasse também da *Braga* (2) com que o mundo o ameaçava, que a tinha por pior género de queda e por maior perigo. Pouco tardou o Provincial em ser em Lisboa. Foi, e veio ao Paço.

Não havia quem duvidasse em ser êle o chamado e eleito. E não falta quem afirme que assim foi, mas que enjeitou a honra com ânimo de varão apostólico. E é bom argumento sabermos de certo que foi êle quem nomeou (3) o que na verdade veio a

(1) = melhoras.

(2) Trocadilho freqùentemente empregado por frei Bartolomeu. O substantivo comum *braga* significava uma argola ligada a uma cadeia de ferro e com a qual se prendia alguêm pela perna, andando a cadeia presa à cinta ou a uma argola que prendia outra pessoa.

(3) = indicou, propôs.

ser eleito; ao qual na idade, no cargo, na valia e na opinião dos homens, fazia então conhecida vantagem.

Mandou-lhe a rainha que, como confessor seu, a cuja conta estava descarregar-lhe a consciência, lhe apontasse para aquela igreja uma pessoa tal, que para diante de Deus ficasse provida de pastor muito idóneo, sem outros respeitos nem considerações, quais lhe tinham as orelhas quebradas e quebravam cada hora (1).

O Provincial, encomendado o negócio a Deus, e ponderando devagar com que pessoa satisfaria à tenção pia e sábia da rainha, resolveu-se que não havia em todo o Reino outra como frei Bartolomeu dos Mártires, prior de Bemfica; e por tal lho propôs, afirmando que em razão de homem, e letrado, e virtuoso, e de valor, não achava quem melhor merecesse o cargo.

O trabalho era contentar aos sátrapas, queria dizer: que parecesse bem a eleição aos senhores e aos nobres da Côrte. Porque, como entre estes geralmente se tem por

---

(1) = quais eram aquelas com que a importunavam e a que o autor alude no princípio do capítulo.

melhor medida a do sangue ilustre e avoengos, até para as cousas de Deus, que a de virtude, estava certo haverem de empecer e levantar poeiras no que disto faltava a frei Bartolomeu.

Mas dêste ponto dizia êle que tinha a desfeita na mão (1) visto como Cristo, redentor nosso e cabeça da sua Igreja, não se chamava Sacerdote segundo a ordem de Aarão, senão segundo a de Melquisedeque, para nos ensinar que as prelacias só por merecimentos pessoais e não por outro nenhum respeito se haviam de prover; e logo quando a fundou escolheu para Príncipes dela homens que pela maior parte não eram de sangue ilustre, mostrando nisto que não há dependência de carne e sangue nos dons do Espírito Santo, que só trazem origem da pura graça de Deus e da sua divina misericórdia; nem a deve haver na distribuição das dignidades eclesiásticas, as quais, para perfeitamente administradas, pouco ou nada importa ser o ministro mais ou menos ilustre em geração, quando o fôr em pureza de

---

(1) Tinha a desfeita na mão = era fácil de contestar.

costumes, e crédito de letras, e entendimento.

«Que não se podia duvidar que em sujeitos iguais por tôdas as mais partes devia preceder (1) a nobreza, porque em tôda a República são os nobres o mesmo que no corpo humano a cabeça e o coração; mas havendo homem menos nobre que no valor se lhes avantajasse, com tanta distância como frei Bartolomeu se avantajava a todos, antepor-lhe os mais ilustres só por mais ilustres, seria fazer agravo ao valor, seria defraudar o Arcebispado dum perfeito pastor e seria faltar quem tinha o Reino a seu cargo da inteireza de sua obrigação, que era buscar-lhe o melhor.»

Deu-se a Rainha por obrigada a informação tão resoluta e não tardou em chamar o apontado.

Entretanto não dormiam os pretendentes; e como se foi entendendo que já se não tratava do Mestre frei Luís de Granada, eram tantas e tão apertadas as diligências com que por tôda a parte importunavam e

(1) = ter preferência.

cansavam a Rainha, que houve quem lhe ouviu dizer que pedia a Deus fizesse immortais os prelados de Portugal em todo o tempo de seu govêrno, por lhe não acontecer achar-se mais em semelhante conflito.

Acudiu frei Bartolomeu ao Paço tão alheio da honra que o buscava, que tôda outra cousa fôra mais fácil subir-lhe à imaginação. Declarou-lhe a Rainha em poucas palavras o para que o chamara, dizendo que pela boa informação e muita satisfação que tinha de sua pessoa e letras, lhe fazia mercê, em nome de el-rei seu neto, do arcebispado de Braga, confiando de sua virtude e prudência que faria nêle muitos serviços a nosso Senhor e a el-rei.

Não se pode crer, nem há palavras que bastantemente declarem o sobressalto, o enleio, o espanto que recebeu a alma de frei Bartolomeu com esta nova. Parecia-lhe cousa tão nova e tão fora de caminho, e para a sua arte e modo de vida tão despropositada, que pelas muitas razões que sentia em contrário se lhe tolhia a fala, não dando lugar a saír umas às outras (1). E de tudo se co-

(1) = umas razões às outras.

meçou a afligir sobremaneira; e com sobeja angústia, de que seu rosto dava bem vistos penhores, se foi escusando e alegando com muita humildade tôdas as razões que lhe ocorriam para não merecer nem haver de aceitar tamanha honra.

—¿Como se havia de atrever a dar conta a Deus de tantas mil almas, como havia naquela Igreja, um pecador miserável, que da sua se não atrevia a dá-la boa? Um pobre fradinho sem experiência, criado desde menino no deserto da Religião, ¿como se havia de buscar para govêrno de tanto pêso? Tinha por grande cargo de consciência cuidar em tal, quanto mais aceitá-lo; e assim pedia a sua Alteza fôsse servida de o escusar dêle, porque, falando com o devido acatamento, por nenhum caso o aceitaria.

Replicou a Rainha que diferentes eram as informações que dêle tinha, e dadas por pessoas que sabia lhe falavam verdade.

Aqui tomou frei Bartolomeu um pouco de alento, aparecendo-lhe que se ia convencendo a Rainha, e animosamente respondeu que de informações, por boas que fôssem, não havia que fiar nem fazer caso; que muitos homens houvera no mundo de quem se tiveram informações e conceitos bem

fundados, e na hora que se viram entronizados logo foram outros; e sendo êle mais fraco e mais pecador que todos, não duvidava acontecer-lhe pior que a todos. Quanto mais, que ninguêm se conhecia melhor que a própria pessoa, se queria falar verdade; e êle de si sabia que lhe faltavam tôdas as partes necessárias para o cargo.

Não valeu à Rainha responder-lhe tambêm a esta razão e obrigá-lo com uma brandura e termo (1) benigníssimo, como foi dizer-lhe que as mudanças dos que se trocavam nos cargos não era mudarem os tais condição e natureza, senão descobrirem a que as fôrças da ambição lhe faziam esconder emquanto eram pretendentes; que dêle, que nunca pretendera nada, não se podia cuidar tal, e portanto folgasse de servir a Deus no que lhe mandava, que como bom religioso tinha obrigação a fazê-lo, e com tanto mais deliberação e ânimo, quanto as cousas eram mais contra seu gôsto e natureza.

Cerrou-se o frade, arrimado a seu parecer; e, resoluto em não querer nada do

(1) = modo.

mundo, sentia pouco ficar havido por mau cortesão e descortês. Despediu-o a Rainha, ficando descontente do sucesso, mas não do homem. Antes, passando pela imaginação as respostas, a alteração que no rosto lhe viu, a humildade das palavras, a eficácia e ânsia com que as dizia, edificava-se tanto, que já em seu conceito era merecedor de tôda a cousa grande; e logo mandou chamar o Provincial, e lhe encarregou que o obrigasse por tôda a via que pudesse, quando não bastassem razões. Porque lhe afirmava que ela o tinha por digno do arcebispado, só pelo que nêle vira e ouvira, não já pela informação que èle Provincial lhe dera.

*

* *

Novo género de contenda temos em campo, espectáculo digno de um anfiteatro romano.

Até agora vimos a inteireza (1) combatida

---

(1) A inteireza da Rainha, que primeiro tivera de lutar com a cobiça dos pretendentes e ainda agora se mantinha perante a humildade de Frei Bartolomeu.

da cobiça e ambição: e não fazia pouco em se defender. Agora entra em novas fadigas. Porque, no mesmo tempo que peleja com êsses monstros, se dá por obrigada a fazer fôrças por levantar de terra a humildade e modéstia que a todo poder lhe resiste.

Mil parabêns dou a minha pátria e à côrte de Portugal, que vejo nela os ambiciosos rebatidos e um humilde rogado; e não só rogado, mas buscam-se valedores e terceiros para que um pobre fradinho encantoado (1) queira subir ao primeiro lugar das Espanhas.

Mas o verdadeiro humilde, como áspide a quem a natureza ensina tapar as orelhas por não ouvir a voz do encantador, armava-se, fechava-se contra a retórica também encantadora do seu Provincial, e com uma só razão rebatia tôdas as suas: que era juiz de sua alma e sabia de si; que não tinha suficiência para governar as alheias. E quando o apertava e obrigava a sair desta santa teima, afligia-se e dizia gemendo:

— ¿É possível, nosso Padre, que V. Paternidade, em quem sempre achei pai e amigo

(1) = metido no seu canto.

e bom prelado, se compadeça tão pouco de um filho, e amigo, e súbdito seu, que a quem se não sabe dar a conselho com o govêrno de um convento de gente santa e observantíssima como é o de Bemfica (do qual V. Paternidade é boa testemunha quantas vezes e com quanta dor desta alma lhe tenho pedido absolvição) queira lançar às costas a maior e mais pesada prelacia do Reino?

Era isto em Lisboa. Sem dizer mais, despediu-se para se tornar a Bemfica.

Mandou-lhe o Provincial que sem sua expressa licença se não saísse de Lisboa, e entretanto tomasse bom conselho e falasse com seus amigos; que êle se faria conhecer por Prelado, já que não era crido nem conhecido por amigo de quem sempre o fôra, e muito grande.

Passados dois dias tornou ao Provincial, por licença para se ir. Preguntou-lhe o Provincial de que bordo estava (1) no que lhe aconselhara, e se determinava conformar-se com o que estava bem a todos, e a êle só melhor que a todos.

(1) = em que disposição

Alterou-se frei Bartolomeu com esta nova instância, e quisera antes um grande castigo e penitência, qual se lhe representava que havia de ter por fim da contenda, que ouvir tal; e com grandes lástimas e desconsolação lhe pediu que o não quisesse forçar a uma cousa para a qual totalmente se sentia sem talento nem capacidade. Que não era novo recusarem e ainda enjeitarem grandes cargos os que tinham para êles suficiência, quanto mais quem de todo carecia dela. Que bom exemplo nos deixara disso nosso Padre S. Domingos, que, sendo quem era, no primeiro Capítulo geral, que celebrou em Bolonha, pediu aos padres que fizessem eleição e o aliviassem do govêrno de uma Ordem que, havia pouco, êle mesmo acabara de fundar, e estava cheia de Santos e do seu espírito.

—Com êsse mesmo exemplo, (respondeu o Provincial) quero convencer a V. R. e mostrar-lhe que favorece a minha razão e condena a sua. Se nosso glorioso Padre trabalhou por renunciar o Magistério da Ordem, não foi precisamente por escusar o trabalho de prelado e querer retirar-se a vida quieta; porque, se tal fôra sua tenção, não aceitara o ofício de inquisidor geral contra os

herejes; ou ao menos pedira ao Papa absolvição dêle, pois os trabalhos que levava servindo-o eram (como sabemos) intoleráveis, pelos caminhos, e perigos, e afrontas, a que sem descansar andava oferecido. O que o movia era querer trocar um trabalho pequeno por outro muitas vezes maior. E emfim queria trocar a quietação de governar santos pelo tormento e perigo de converter e salvar infiéis; e quem traz o hábito de tal Santo em semelhantes obras o há-de imitar, sujeitando o entendimento ao parecer alheio, e o corpo a todo o trabalho, por serviço de Deus e bem do próximo.

Liv. I, Cap. VI e VII.)

CAPÍTULO VI

Aceita o arcebispado por obediência

Passados alguns dias depois das últimas razões que acabamos de contar, que o Provincial teve com o Mestre frei Bartolomeu, vendo que lhe tinha dado tempo bastante para se aconselhar e resolver, e que, pois não acudia, era sinal que se não descia de sua opinião, determinou usar das armas da Ordem.

Uma segunda-feira, oito dias de Agôsto do ano do Senhor de 1558, acabadas Completas (1), manda tanger a Capítulo, e juntos no côro (que aí quis que fôsse) todos os religiosos que havia no convento, chama o Mestre frei Bartolomeu e, tendo-o em pé, lhe fêz uma prática acomodada ao que determinava fazer, começando pelas palavras

---

(1) Horas canónicas, últimas do Ofício Divino.

de S. Paulo (1): *Cristo não se glorificou a si mesmo para se fazer pontífice; mas àquele que lhe disse: Tu és meu filho, eu hoje te gerei.*

—Padre Mestre, dou a V. Reverência por exemplo a Cristo nosso Salvador, o qual só por obediência do Padre Eterno aceitou emquanto homem o pontificado. A Rainha nossa Senhora quer que Vossa Reverência aceite o arcebispado de Braga, no que faz mercê não sómente a V. R. mas a esta Província e a tôda a nossa Ordem, e me ordenou que obrigasse a V. R. com preceito (2). Pelo que, pois, entra nesta dignidade não derribando muros, nem saltando valados, senão pela estrada rial e pela porta; chamado, buscado e rogado, e últimamente forçado pela obediência. Deus, que ordenou a entrada, disporá o processo e guardará a saída de tôda a culpa, ajudando a V. R. com sua divina graça para que não sómente não tire daqui condenação, mas alcance nos Céus o prémio, e não qualquer prémio, senão o que êle tem prometido aos que bem administram semelhantes cargos.

---

(1) *Hebreus* V., 5.

(2) Ordem formal do superior.

De boas razões vinha frei Bartolomeu armado, se houvera de ser ouvido, como ainda esperava. A dor interior e a brevidade do tempo lhe tiraram o conselho e ataram a língua, para que obrasse a obediência. Levantou os olhos ao Céu e, dando um grande gemido, arrancado do íntimo das entranhas, que logo os olhos seguiram com lágrimas, prostrou-se todo por terra (é cerimónia de humildade que usam os nossos religiosos quando o Prelado lhes quer notificar alguma obediência).

O Provincial, então, primeiro que tudo o absolveu do priorado de Bemfica, e logo foi pronunciado o preceito e censura, na forma da Constituição da Ordem, concluindo que em virtude da santa obediência aceitasse o arcebispado.

À primeira palavra que o Provincial pronunciou do preceito, acudiu frei Bartolomeu com estas, que todos ouviram:

— Meu Senhor Jesus Cristo, não me desampareis.

E quando chegou a dizer: *mando a V. R. que aceite,* levantou a voz (como que tivera o laço na garganta e esperara o garrote) e disse:

— ¡Deus seja comigo!

Aceitou finalmente, à pura fôrça da obediência, que é um des três votos essenciais e solenes de todo o Religioso, que sem pecado se não podem quebrar. Esta fôrça pôde sómente acabar com êle (1) o que não acabou nenhuma representação de comodidades ou interêsses próprios, nem a honra que êle e os seus (2) ficavam ganhando, nem a autoridade rial, nem os rogos do Provincial e amigos.

Levantou-se frei Bartolomeu arcebispo; e com a mesma humildade com que se tinha prostrado na vénia, pediu licença para falar e começou desta maneira:

— A santa obediência busquei no princípio de minha vida, para me livrar por seu meio dos perigos do mundo. Ela, depois de velho, me lança de si e me obriga com censuras que torne às ondas e às tempestades dêsse mesmo mundo; e quer que a creia eu, e que tenha por bom e acertado o que me manda, quando assim me desampara. Grande poder, duríssimo mandado que haja

(1) = só esta fôrça pôde conseguir dêle, etc.

(2) = *Os seus*, isto é: os seus confrades ou companheiros na religião dominicana.

de negar o meu entendimento e haver (1) que será seguro e sadio para mim o que sei que foi veneno, e veneno mortífero, para muitos melhores que eu. Digo, Padre nosso, que eu me submeto à santa obediência, e dela protesto que recebo esta Prelacia, e não da mão de nenhum príncipe da terra; porque a Deus tomo por testemunha que só o poder da minha Religião, que é poder seu, e nenhum outro do Céu abaixo me pudera obrigar. E assim protesto diante de V. Paternidade e de todos êstes Padres, que nisto seguirei o de que sou notado entre êles: de ser com demasia arrimado a meu parecer, que em nenhum tempo mudarei o estilo de vida que até agora segui e nela (2) aprendi; nem me negarei de filho dela. E como tal desde agora peço a V. Paternidade, e em seu nome a todos os padres provinciais seus sucessores, que quando, visitando esta Província, chegarem a êsses Conventos lá vizinhos aonde me desterram, façam conta que teem outro um pouco mais adiante aonde eu estiver, para o visitarem em todo o rigor e para me avisarem e repreende-

(1) = considerar.

(2) — na ordem ou religião de S. Domingos.

rem de minhas faltas. Confiança tenho em Deus, não chegará nunca minha cegueira a tanto que os enjeite por mestres e censores; e desde aqui me ofereço a tôda a pena, se acharem que despendo o património de Cristo fora do que é sua santa vontade. Não o gastarei em mimos ou comodidades de minha pessoa; não em faustos de casa e aparatos de criados; nem com êle enriquecerei meus parentes, como vão; nem o esconderei em tesouro, como avaro.

*

* *

Ao recolher para a cela ajuntou-se o Convento a lhe dar os parabêns, os quais foram para êle novo tormento, porque estava mais necessitado de consolação e ânimo.

Já se repreendia, já fabricava montes de razões para não proceder (1) sua eleição, e tôdas a seu parecer mui justas.

Alegrava-se um pouco: mas logo tornava a cair (2) que era negócio fora de tempo, e sem remédio; e entristecia-se mortalmente.

---

(1) = ser válida, ir àvante.
(2) = a cair em si, a dar fé de que, etc.

Assim foi levando a noite e perdendo o sono, da (1) forte apreensão; e amanheceu com grande dor de cabeça. Seguiu logo febre intenso, com agastamentos e desassossegos, que deram em doença formada e perigosa.

Todos andavam no convento assombrados (2); êle só não temia, antes estava alegre. E houve quem lhe ouviu dizer que haveria por muito bem-vinda a morte, porque o livraria de muitas ocasiões de poder ofender a Deus e desacreditar com isso a Ordem, de quem tanta honra tinha recebido. Mas o Senhor, que o guardava para lhe fazer grandes serviços e honrar com êle a Religião de seu glorioso servo S. Domingos, foi servido que fôsse aliviando e melhorando, e emfim teve perfeita saúde.

*

* *

Aconteceu neste tempo mandar-lhe pedir a abadessa do mosteiro de Odivelas, da ordem de S. Bernardo, quisesse ir lançar uma

(1) da = com a, por causa da
(2) = atemorizados, aflitos.

bênção àquelas religiosas, que lhe tinham devoção, e ao sábado que havia de ir mandou-lhe a Lisboa, onde se achava, uma mula.

Aceitou o Arcebispo a ida, mas não a mula: tomou companheiro e foi a pé. E é uma boa légua e meia de caminho.

Quando se recolheu à hospedaria estavam duas camas feitas; e porque notou diferença nelas, na que viu avantajada mandou lançar seu companheiro e êle tomou a que parecia mais pobre.

Esteve o Arcebispo em Bemfica, continuando com a lição de seus noviços todo aquele inverno.

Quando entrou o verão seguinte, do ano de 1559, começaram a continuar (1) os fidalgos da Côrte em o visitar e conversar de maneira que o cansavam e lhe tomavam o tempo de suas ocupações e estudo, que nunca deixava. Pelo que determinou mudar estância e se passou a Azeitão, ao antiqüíssimo convento que ali tem a Ordem, e nêle residiu até a vinda das letras (2) que

---

(1) *Continuar em visitar* = visitar com freqüência.

(2) = letras ou carta de confirmação papal.

chegaram a Lisboa por Agôsto seguinte, e foram despachadas em Roma aos vinte sete de Janeiro do mesmo ano, no dia que celebramos a festa do valoroso arcebispo de Constantinopla S. João Crisóstomo,

(Liv. I, Cap. VIII e IX).

CAPÍTULO VII

Como partiu para Braga o Arcebispo e da recâmara e companhia que levou

Passava de um ano que Braga estava sem Pastor, e parecia razão não lhe tardar quem a tinha à sua conta. Fêz-se prestes o Arcebispo e, segundo se determinou, havia pouco que aprestar. O mais por que se deteve foram visitas de cumprimento dos fidalgos da Côrte, e tomar licença e despedir-se da Rainha, e do Cardial Infante.

Um dia inteiro tomou para Bemfica, aonde se foi a pé, e só com o padre frei João de Leiria. Abraçava todos aqueles religiosos, e a cada um com muita brandura e palavras de amor pedia em particular o encomendassem a Deus; e até com as fontes e arvoredos e com as paredes daquela devotíssima casa teve saüdosos colóquios.

A casa e acompanhamento com que par-

tiu fêz tão pouco estrondo, que não sabemos pessoa de importância que levasse consigo, mais que o padre frei João de Leiria, a quem escolheu para o levar por seu companheiro, a uso da Religião.

Mais levou consigo alguns religiosos da Ordem, que não podia estar sem êles; e seculares, poucos.

A recâmara (1) não passava dalguns livros, e não muitos, e uma pobre cama da Ordem, sem cousa comprada de novo para fazer aparato, ou ao menos para um pouco de mais gasalhado e melhor tratamento de sua pessoa, do que usava na Ordem.

Assim fêz brevemente o caminho. Quando lhe disseram que estava em terras de sua Diocese, sobressaltou-se todo e apertou-selhe o coração. Sentem-se mais os perigos quando estamos perto dêles.

Chegou a Braga dia de S. Francisco, quatro de Outubro, dia em que a santa Igreja já faz memória de outro arcebispo que sem pretensão, mas antes por particular revelação de Céu, foi dado à cidade de Bolonha em Itália, que foi S. Petrónio.

De todos os estados foi recebido alegre-

(1) = guarda-roupa, roupa, bagagem.

mente; que em terras pobres, e nas ricas também, é bem visto e parece muito gentil-homem o prelado, e ainda qualquer governador secular, que entra com poucas bôcas e pouco estado: julga-se que partirá melhor com os naturais quando houver menos gastadores de fora; que fará mais justiça, e as mãos serão mais limpas.

Ao entrar da casa pontifical pareceu aos que o acompanhavam que se achava estranho; e assim foi, mas não de assombrado da magnificência dos paços, das pinturas, dos dourados (como êles cuidavam), que nada disto estimava: senão considerando de quantos prelados santos, e muito santos, haviam sido morada. E disse com um suspiro sentido:

— ¡Oh arcebispos santos que aqui vos agasalhastes! Oh arcebispo pecador, que aqui te atreves a entrar!

Só da câmara em que se recolheu e do concèrto (1) dela mostrou contentar-se, porque era a seu modo, e por ordem sua nesta forma:

Uma cama sem nenhuma diferença das ordinárias da Ordem de S. Domingos, do

(1) = arranjo.

feitio seguinte: três tábuas mal lavradas, atravessadas sôbre dous banquinhos do mesmo lavor. Sôbre èste leito (que na Ordem chamamos *barra*) lançado um enxergão de palha, e em cima seu colchão de lã, coberto com duas mantas brancas de pano grosso, que eram as mesmas que tirou do Mosteiro e lhe serviram muitos anos depois. Estas faziam ofício de lençóis mimosos e amparo para o frio; e entre mantas dormiu tôda a vida, sem admitir nenhum género de linho emquanto tinha saúde. Na cabeceira uma tábua de pinho arrimada à parede, com um papel pregado, em que havia só estas duas letras S. B. que, admitindo muitas significações, a que èle lhe dava teve em segrêdo, até que tornou para a Ordem, e acaso a declarou como adiante contará a história (1).

Esta era a cama pontifical sem outro paramento, nem pavilhão, nem cortina; e era

---

(1) Ao contrário do que muitos supunham as duas iniciais S. B. não significavam *São Bartolomeu,* isto é: o santo patrono do Arcebispo; mas sim: *Surge, bestia!* (levanta-te, animal!) e eram uma exortação ao corpo, para que èste se não afizesse à moleza do leito.

ão curta que, segundo sua estatura (1), de fôrça havia de jazer encolhido; e tão estreita que não dava lugar de mudar sítio nem jazida.

Junto da cabeceira, no chão, um vaso de água, que era uma escudela branca ordinária de Talaveira, que lhe servia de espertador contra o sono (costume seu desde o tempo de noviço) para não perder as horas de seus exercícios. Nas paredes não havia pano, nem armação, nem pintura, nem painel. Só na porta se armou, da banda de fora, um pano azul grosso por guarda dela, que pouco tempo a guardou, como adiante veremos.

A mesa que tinha para escrever e estudar era como as que usamos na Ordem (é seu próprio nome *banca*, na figura e feitio). Esta, sôbre pouco pulida na sorte da madeira e lavor, estava de todo nua. Sôbre ela um devoto crucifixo, a quem tal mesa ficava servindo mais de Calvário que de altar.

Ao longo da parede umas estantes a uso fradesco, que diziam com a mesa na feição e pobreza. Poucos livros nelas, mas cartapácios muitos, e cadernos de sua mão es-

(1) D. Frei Bartolomeu era homem alto

critos, argumento de seus estudos: uns de matérias que ditara, sendo leitor por tantos anos; e outros de notações que ia fazendo e tirando dos Padres e Santos antigos, sôbre diversos intentos. Do meio das estantes pendia um pequeno retábulo de nossa Senhora do Rosário.

Com êste retrato da sua cela, que nunca alterou emquanto viveu e foi prelado, temperava as vivas saùdades que sempre o seguiam dela.

(Liv. I, Cap. X).

CAPÍTULO VIII

Como ordenou o Arcebispo a sua vida em Braga

O TRATAMENTO de sua pessoa e mesa, que agora diremos, não principiou em Braga: continuou em Braga o que tinha na Religião. O que espanta é que não afrouxou nunca um ponto do rigor com que entrou.

No vestido, como na cama, não admitia nenhum género de linho, nem outro lenço (1). O hábito da Ordem não deixou nunca: as túnicas usou sempre de estamenha, e vestidas a termos tão largos, que acontecia perder-lhe a conta.

Cilícios usava em todo tempo, mas com segrêdo e cautela que se lhe não entendessem (2); porque a imaginar-se que os tra-

---

(1) = tela de linho ou algodão
(2) = notassem.

zia, era sua natureza tam alheia de hipocrisias, que antes os não traria.

O mantimento cotidiano da sua mesa, os dias de carne (excepto as quartas-feiras, que para êle eram dias de peixe) era uma só ração de vaca ou carneiro; e se lhe punham acaso alguma cousa mais dêste ordinário, em a vendo, logo a mandava dar inteiramente aos pobres.

Não comia peixe contínuo, como manda a regra de S. Domingos, por lho defenderem os médicos, respeito de certo achaque que tinha em uma perna. Punham-lhe na mesa um copo de vinho, que ordináriamente era medida de meio quartilho; e junto dêste outro vazio, capaz de quantidade dobrada. Começando a jantar, lançava por sua mão no vazio ametade vinho, e acabava de o encher com água, e assim ia bebendo e lançando mais água, de maneira que quando acabava a mesa sempre ficava quási meio daquela agua avinhada, e esta com o vinho do mais pequeno mandava ajuntar e dar a um pobre.

Era isto devoção que começou na Religião, e não perdeu depois de arcebispo, nem por tôda a vida. E o mesmo fazia de tudo quanto para comer lhe punham diante. A

primeira cousa era apartar logo ametade para os pobres, fazendo conta, quando se assentava à mesa, que tinha a Cristo por convidado.

A baixela mais lustrosa era louça branca de Talaveira. O mais, tudo estanho; que nem uma colhér de prata havia em tôda a casa. Por maneira que um dia, que houve de tomar uma amendoada, se mandou buscar uma colhér fora de casa, emprestada. Para os caminhos, quando visitava, mandava levar louça de pau.

Segundo isto, fácil fica de crer que não haveria guarda na parede do reposteiro, nem outro pano que honrasse o aparador.

*

* *

Para tesoureiros do dinheiro buscou os mais afeiçoados aos pobres e a fazer esmolas. O celeiro, que era a parte mais grossa de todo o rendimento do Arcebispado, entregou a um pobre clérigo que levou consigo, passando de caminho pelo convento da Batalha; e a ocasião de o levar (1) foi

(1)=o que deu ocasião a levar, etc.

esta: Sendo leitor naquele Convento, como atrás fica dito, foi um dia prègar a um lugar vizinho, que chamam a Barreira, e agasalhou-se em casa do Cura. Estando nela, sucedeu entrar um pobre homem mal ferido em uma mão, a valer-se do Cura. O Cura, sem mais obrigação que de piedade e boa natureza, o recolheu e o teve em casa, provendo-o do necessário e curando-o muitas vezes por sua mão até sarar.

Notou o Arcebispo a caridade que viu com seus olhos e o que soube depois, preguntando pelo ferido; e não lhe esqueceu quando passava para Braga. Preguntou por êle. Achando-o vivo, tirou-o da miséria da aldeia. A êste entregou o celeiro, e soube êle dar tal satisfação de si, que o Arcebispo, andando o tempo, o fêz cónego, rico e honrado.

Não havia escudeiros, nem pagens, nem homem de capa e espada. Oficiais de câmara e mesa, a uso de casas de grandes, como êle era, (1) — que são camareiro, mordomo, estribeiro, trinchante — eram para o Arcebispo matéria de riso.

Apresentou-se um dia diante dêle um ho-

---

(1) *Como èle era* = como a dêle era.

mem de boa pessoa e bem entrajado, dizendo que fôra trinchante de seu antecessor e por tal merecia não lhe ser preferido outrem no lugar; e, por destro no ofício, pedia lhe desse o Arcebispo a praça em seu serviço.

Respondeu-lhe o Arcebispo, sem detença, que trazia trinchantes. Reparando (1) um pouco o requerente como espantado, porque sabia bem a casa que trazia, acudiu êle e, apontando nos dentes, disse-lhe que em-quanto aqueles trinchantes durassem escusava outros; que buscasse sua vida.

Da mesma maneira escusou estribeiro. Todo o aparato da sua estrebaria era uma mula só de sua pessoa, e esta de tão pouco estado que de ordinário, por (2) não comer a cevada ociosa, andava ocupada com as outras de serviço, acarretando o que era necessário para provisão de casa.

Assim, quem via aquela família via pintado um mosteiro de grande reformação. O vestido, as práticas, o trato de todos, representavam virtude e honestidade. Não havia jogar, nem jurar, nem dormir fora de casa.

---

(1) = olhando, ou parando, espantado.
(2) = para.

Por fim de Janeiro, primeiro que teve (1) em Braga, apresentaram-lhe umas lampreias. Não faltou quem o advertiu que era costume de seus antecessores as primeiras lampreias que se pescavam enviarem-nas à Rainha; e para chegarem frescas e boas, buscavam um valente peão que, bem pago, corria com elas como em posta (2).

Ouviu o conselho, mandou que se buscasse o correio, que se fizesse preço do porte e caminho. Feito tudo, mandou vir diante as lampreias e o dinheiro que se montava (3) ao caminheiro; e logo fêz entregar tudo ao seu esmoler, com ordem que as lampreias se vendessem e o dinheiro delas com o do correio se desse aos pobres, acrescentando que a rainha de Portugal tinha rendas e poder para mandar comprar e levar lampreias, quando as quisesse, de muito mais longe; e tinha tanta virtude e caridade, que não havia de achar sabor nas que lhe fôssem de Braga, à custa daqueles necessitados por quem mandava repartir o dinheiro.

(Liv. I, Caps. XI a XIII).

---

(1) = passou.
(2) = em serviço de correio.
(3) = se contava, se destinava.

CAPÍTULO IX

Começa D. Frei Bartolomeu a visitar o arcebispado

Com a entrada do ano novo determinou começar a visitar o Arcebispado. Diziam-lhe os cónegos e desembargadores que era o tempo do inverno mui áspero naquelas partes de muitas neves e frios intoleráveis, que lhe poderiam fazer dano irreparável na saúde. A isto respondia que o bom pastor não deixava de estar com suas ovelhas por mêdo das chuvas, nem frios, nem calmas, nem tempestades; porque antes então teem elas mais necessidade de sua companhia.

Era fim de Janeiro, tempo ventoso e frigidíssimo. Deixou o abrigo e chaminés dos seus paços, foi-se experimentar os maus caminhos e piores gasalhados das aldeias.

Mas queixavam-se os seus que não podiam aturar a continuação do trabalho, dos caminhos, das invernadas; êle só, com tra-

balhar mais que todos, sofria desassombradamente tôdas as incomodidades; e nos caminhos, por fragosos e ásperos que fôssem, era o primeiro que os acometia, pondo-se na dianteira.

Passavam um dia de um lugar para outro: salteou-os uma chuva fria e importuna que os não largou na maior parte da jornada; e corria um vento agudo e desabrigado, que os congelava. Tinha-se adiantado o Arcebispo, segundo seu costume, que era caminhar quási sempre só para se ocupar com mais liberdade em suas contemplações; e ia fazendo matéria de tudo quanto via no campo e na serra, para louvar a Deus.

Ofereceu-se-lhe à vista, não longe do caminho, pôsto sôbre um penedo alto e descoberto ao vento e à chuva, um menino pobre e bem mal reparado (1) de roupa, que vigiava umas ovelhinhas que ao longe andavam pastando. Notou o Arcebispo a estância (2), o tempo, a idade, o vestido, a paciência do pobrezinho; e viu juntamente que ao pé

(1) = provido.
(2) = o lugar.

do penedo se abria uma lapa (1), que podia ser bastante abrigo para o tempo. Movido de piedade, parou e chamou-o, e disse-lhe que se descesse abaixo para a lapa e fugisse da chuva, pois não tinha roupa bastante para a esperar.

— Isso não, respondeu o pastorinho; que em deixando de estar álerta e com o ôlho aberto, vem logo o lôbo e leva-me a ovelha, ou vem a raposa e mata-me o cordeiro.

— ¿E que vai nisso? disse o Arcebispo.

— A mim me vai muito, tornou êle; que tenho pai em casa, que pelejará comigo, e tão bom dia (2) se não forem mais que brados. Eu vigio o gado, êle me vigia a mim; mais vale sofrer a chuva...

Não quis o Arcebispo dar mais passo. Esperou que chegassem os da sua companhia, contou-lhes o que se passara com o menino e acrescentou;

— ¡Êste esfarrapadinho inocente ensina a frei Bartolomeu a ser arcebispo! Êste me avisa que não deixe de acudir e visitar minhas ovelhas, por mais tempestades que ful-

---

(1) = concavidade.

(2) *Tão bom dia se...* = por muito feliz me darei se...

mine o Céu; que se êste, com tão pouco remédio para as passar, todavia não foge delas, respeitando o mandado do pai mais que o seu descanso—¿ que razão poderei eu dar, se, por mêdo de adoecer ou padecer um pouco de frio, desamparar as ovelhas cujo cuidado e vigia Cristo fiou de mim, quando me fêz Pastor delas?

O modo de proceder que o Arcebispo tinha nas visitações era o seguinte:

Aos clérigos que achava de boa vida e boa fama, depois de apontar o nome e lugar em que moravam, sinalava-os com um círculo de campo branco; e nos que havia infâmia provada, eclipsava o círculo, fazendo-lhe o campo negro. Se a infâmia era com defeito de prova, eclipsava o campo só pela metade; e se as testemunhas depunham ao costume alguma matéria de suspeição, sôbre o círculo meado de branco e preto, lançava um «S».

Com os homens e mulheres que achava embaraçados e em mau estado, usava de um meio diferentíssimo do que hoje anda

em costume (costume pernicioso, e porventura fomentado pelo inimigo comum, que procura acrescentar pecados e pecadores, e não ver nenhum emendado). Mandava aos abades e curas que, sendo os cúmplices ambos solteiros, lhes fizessem perguntas se queriam casar; e, vindo nisso, (1) os recebessem logo, não havendo impedimento; e em caso que não quisessem casar, de nenhuma maneira se lhes levasse pena pecuniária.

O remédio que dava era mandá-los evitar (2) das igrejas, e avisar cinco e seis léguas à roda que em nenhuma fôssem admitidos aos ofícios divinos. Com mêdo da afronta e de serem apontados com o dedo, tornavam muitos em si: ou casavam, ou se apartavam.

Achou compreendido na visitação um homem poderoso, e que por sua qualidade era razão ter-se-lhe respeito. (3) ¿Que faria o zeloso prelado em caso que (4) a doença pedia remédio aprestado, e as mèzinhas ordinárias não eram adequadas ao sujeito?

---

(1) = concordando nisso um e outro.
(2) = afastar.
(3) = tratar-se com deferência especial.
(4) = num caso em que.

Deu traça com que o culpado aparecesse diante dêle, a título de cumprimento e cortesia. Como estiveram assentados em suas cadeiras e a casa despejada, levanta-se da sua, põe-se de joelhos diante dêle com as mãos juntas, dizendo:

— Peço-vos, senhor, pelas chagas de Jesus Cristo, nosso bem, que vos queirais emendar do pecado de que estais visitado; que eu não hei-de proceder contra vós, assim porque tenho a prova por suspeitosa e forjada por inimigos, como porque fio da honra e entendimento que Deus vos deu que bastará êste aviso de pai e amigo para tornardes sôbre vós e vos levantardes.

Não disse mais o Arcebispo. E o homem, atónito do que via e confuso do que ouvia, ficou de maneira atalhado, que, sem saber nem poder dizer palavra, se levantou e se foi pela porta fora.

A seta ia no coração e penetrou de maneira que mudou a vida. E afirmava depois que mais acabara com êle (1) aquela profunda humildade, e o zêlo que de sua salvação enxergara no Arcebispo, que tinha por santo, que todos quantos castigos pudera executar nêle.

---

(1) = mais alcançara dêle, mais influira nêle.

Como andava visitando e não lhe ficava lugar, por pobre que fôsse, que pessoalmente não visitasse, foi forçado a fazer noite em um tão desamparado (como há muitos naquele Arcebispado), que em todo êle não havia mais que uma só casa sobradada, a qual, como por maravilha ou excelência, chamavam a *Tôrre.* Tôdas as mais eram térreas e de pedra em fôsso (1), e cobertas de côlmo, que as coava (2) o vento e o sereno da noite, e nem da água do Céu eram bem defendidas.

Assim, arremeteram os criados à *Tôrre*, para lhe fazerem aposento nela. Mandou-os avisar que tal não fizessem. Instaram, alegaram que tudo o mais eram choupanas ou palheiros, por não dizer pocilgas, sujeitos a tôda a injúria do tempo. Resolutamente mandou que em qualquer que quisessem, ou lhes parecesse, aparelhassem, como não

---

(1) *Parede ensossa*, parede de *pedra ensossa*. parede de pedra *ensosso (Morais, Dicionário)* Esta última forma parece corrupção da anterior e dela se originou decerto a forma *pedra em fôsso* A significação é sempre a mesma: uma construção de pedras meramente sobrepostas, sem cal a uni-las e a sustentá-las.

(2) = atravessava.

fôsse na *Tôrre*. Houveram de obedecer a seu amo, que era senhor de si e do que mandava: alojaram-no na melhor ou na menos má da aldeia, ficando fazendo discursos (1) sôbre os efeitos da constante humildade do prelado que, por não se melhorar da companhia (2), deixara de aceitar a maior comodidade.

Era o tempo escuro e tormentoso: eis que alta noite sentem um rumor extraordinário, como de um trovão continuado; e, sabido pela manhã, era a *Tôrre* que naquela hora se veio redondamente ao chão, sem ficar pedra sôbre pedra.

¡Caso temeroso! Louvaram os companheiros a providência divina, e o Arcebispo se confirmou e animou a não temer nada, nem deixar aldeia por visitar, por triste e mal reparada que fôsse, ainda que lhe custasse cansar-se e quebrantar-se muito.

*

* *

Tinha o Arcebispo visitado os lugares de junto a Valença do Minho. Tornou para

---

(1) = raciocínios, considerações.

(2) *Por não se melhorar da companhia*=para se não diferençar dela, aceitando melhor comodidade

terra de Barcelos, distância de sete para oito léguas de caminho. Estando aqui, achou pelos róis que trazia consigo, das freguesias, que lhe ficara por visitar na Vigairaria de Valença uma igreja bem pequena (chamam-lhe Nogueira) uma légua de Vila Nova de Cerveira. No mesmo ponto fêz volta para lá, dizendo aos seus que cumpria desandar uma jornada, porque lhe lembrara uma diligência de importância que ficara por fazer.

Chegando à igreja, e bem moído e cansado, desculpou-se com os companheiros e declarou-lhes a causa da volta. Esta sentiram êles mais que o mesmo caminho (1), dizendo que, com mandar a um dêles fazer aquela visitação, se pudera escusar a fadiga que sem razão tomara e dera a todos. Entendeu o Arcebispo que vinham quebrantados e desgostosos; e não estando êle mais folgado, começou com brandura a consolá-los e consolar-se:

— Meus filhos, dizia, eu sou físico-mor de mil e quatro centos hospitais, que são outras tantas freguesias que à minha conta

---

(1) = sentiram mais a caminhada quando souberam o motivo, a seu ver insignificante, por que a tinham feito.

tenho neste arcebispado. Pois, quando nesta pequena (que é uma delas) não haja mais que um só doente, ¿parece-vos que me seria bem contado (1) deixá-lo morrer sem pessoalmente o visitar, podendo-lhe acudir a tempo e sendo eu a isso obrigado? Bem é verdade que tenho provido cada hospital de seu físico, que são os abades, reitores, vigários e curas; mas dêsses, como Físico-mor, sou eu o superintendente e obrigado a saber se visitam êles os doentes; e, se o não fizerem, sôbre mim cai seu descuido. Por onde convêm que vigie eu e seja sôbre-rolda; e sabendo êles que me hão-de achar consigo quando menos me esperarem, bastará (2) para andarem espertos; e eu fico ganhando saber como fazem seu ofício e o que posso fiar dêles.

Um dia que, estando já a cavalo e o fato de tôda a companhia entrouxado e carregado, chegou a êle um pobre homem com um menino pela mão e dizendo que o trazia a crismar — no mesmo instante se apeou e mandou que descarregassem e aparelhassem para administrar o Sacramento.

---

(1) = bem notado, levado em boa conta.
(2) = bastará isto.

*

* *

Discorria o Arcebispo que misérias de ignorâncias, que monstros de maldades, que feras bravas de vícios criaria o inimigo comum, e teria como de sua mão, nas serranias e picos do monte Gerez e da Gavia, nas matas e alturas das terras de Barroso e serra do Marão — muitas das quais nunca em nenhum tempo tinham visto rosto de prelado, e outras quási nunca:

— Se ali ao perto e quási nos olhos dos prelados achava muita gente tão agreste, tão inculta e selvática, no que cumpria à sua salvação, que havia assaz que sentir e que chorar, ¿que seria nesses outros sítios mais remotos?

Então caía na conta de quanta razão tivera nas fôrças, e repugnâncias, e extremos que fizera por escusar tamanha carga, quando o buscavam para ela; e só isto o consolava, aliviando a tristeza que oprimia sua alma, com a memória de que nunca dera consentimento nela. Aqui acudia a Deus com rios de lágrimas, pedindo-lhe conselho e luz: conselho para acertar com eméiodr conveniente a tamanho desamparo

e poder encaminhar tantos milhares de almas pela estrada da verdade e da vida; luz celestial e poderosa que desfizesse os cerrados nevoeiros da ignorância e barbaria, e os corações de todos com viva fé alumiasse e com inteiro conhecimento dela.

(Liv. I, Caps. XIV a XVIII).

CAPÍTULO X

Inúteis conselhos de transigência e moleza

Por bôca dos que se davam por mais seus afeiçoados procura o inimigo comum divertir o Arcebispo das obras começadas.

Entra um e outro, cheio de compaixão de o ver aplicar-se a tantas cousas e tomar, só, o trabalho de muitos homens juntos: de dia ouvir partes, negociar, despachar, prègar, visitar, crismar, dar ordens; de noite, velar, orar, meditar, contemplar, escrever livros; sobretudo (1) pouca e grosseira comida...

— Não temos, diziam, arcebispo para seis meses.

Foram-se a êle por vezes, sem advertirem que com ânimos singelos e palavras

(1) = além de tudo, de mais a mais.

de amizade faziam a causa de Satanaz. E eram da gente mais grada da cidade.

Afirmam-lhe que se mata com tanto e tão aturado trabalho, estando sempre entendendo em puro negócio sem ter vaga uma hora do dia para descansar; que se mata a si e a todos os que naquela cidade tem já obrigado com suas obras santas a lhe terem afeição de filhos; que tenha dó de si e dêles; e saiba que, por mais diligências que faça e reformações que intente, será impossível tirar abusos e arrancar vícios arreigados com anos, confirmados com posse e feitos quási naturais com o costume; e em-fim era tempo perdido cuidar de melhorar o mundo à custa de sua vida...

Que o que devia fazer era, para se aliviar do trabalho corporal, criar um bispo titular que o ajudasse, segundo costume de tôdas as igrejas semelhantes. E, quanto ao mais, bastava deixar-se ir pelo fio de seus antecessores de próximo: despender mais consigo, e menos com filhos alheios e com tantas obras como empreendia; e viver, e descansar...

Sentiu o Arcebispo estas linguagens e, como era Santo, devia conhecer a raiz donde procediam.

Resolutamente respondeu que em vão trabalharia quem lhe persuadisse descanso, em-quanto lhe durasse a obrigação de que uma vez se encarregara; que lhe não entregara Deus suas ovelhas só para lhes ordenar leis, como superior ocioso, nem para as castigar como rigoroso juiz, nem menos para se aproveitar e servir da lã, do leite, e do sangue delas, como injusto senhor; senão para buscar todos os meios e não lhe ficar pedra por mover por que tôdas se salvassem. O que muito agradeceria aos que se davam por amigos seus seria aconselharem-no como faria mais, e como trabalharia mais; que poupar o corpo, grangear descanso, apertar a bôlsa, mal o poderia fazer, quando desejava sacrificar a vida ao serviço de seus súbditos.

*

* *

Era muito notável o sentimento que o Arcebispo tinha de se lhe fazer qualquer peça de vestido nova para sua pessoa. Por humildade havia tudo por mal empregado em si; e pela caridade parecia-lhe que quanto punha em si tanto tirava aos pobres, para os quais só queria tudo.

Mandou-lhe frei João de Leiria fazer hábitos sem lhe dar conta nem preceder medida; e ordenou, porque arreceava que os não quisesse vestir, que quem tinha cuidado da sua câmara lhe tirasse os velhos como estivesse deitado, e em seu lugar deixasse os novos, sem dizer nada.

Quando se quis vestir, sentiu o pêso e a diferença do fato, desacostumada. Caíu no (1) engano e chamou depressa pelo cubiculário, (2) queixou-se ásperamente, como se lhe fôra feito algum grande desserviço, e mandou-lhe que na mesma hora lhe tornasse ali os seus hábitos. Mas já não havia remédio: que frei João, acautelando-se com tempo, como sabia com quem o havia (3), na hora que houve à mão o fato velho logo o mandou dar a um pobre.

Disse-lhe o criado o que passava. Quietou-se algum tanto, porêm não deixou de ficar queixoso e dando suspiros.

Por dia de Páscoa, querendo ir para a Sé às Matinas da Ressurreição, pediu a capa. Ao tempo que foi a cobri-la conheceu

---

(1) = descobriu o engano.
(2) =criado de quarto.
(3) = com quem tratava.

que era nova e disse com dissimulação a quem lha dava:

— Deixemos o vestido novo para outro dia que me enfeite mais devagar. (1) Vamo-nos agora às matinas.

E tomou a capa velha.

Tornando para casa, chamou um familiar que era seu esmoler secreto e pessoa de confiança. Mandou-lhe que com todo o segrêdo levasse a capa nova, que era de um pano muito fino, que naquele tempo chamavam Contray, a um cidadão nobre, e ve-velho e doente, dizendo-lhe de sua parte que fizesse dela um vestido, e lembrando-lhe que dos retalhos mandasse fazer barretinhos para se valer do frio.

Notou frei João de Leiria a falta da capa: não achava rasto do furto. Preguntou por ela a seu dono que, com muita modéstia, lhe respondeu:

— Parece que a levaram alguns Anjos que andavam nus, para se cobrirem com ela, que vai grande frio. (Foram palavras formais do Arcebispo).

---

(1) = em que tenha mais vagar para enfeitar-me.

É nossa natureza muito amiga de si, e a experiência nos ensina que não há nenhuma tão mortificada, que deixe de mostrar alvorôço para uma peça de vestido novo.

Alegra e estima-se, ou seja pela novidade, ou pela honra e gasalhado que recebe o corpo: até os pensamentos e as esperanças renova um vestido novo.

Queria o Arcebispo vencer, e pisar, e mortificar êste gôsto natural, quando lançava de si o vestido novo: visto como lhe não faltava possibilidade para fazer no mesmo tempo esmola mais crescida, ficando-se com a roupa que havia mister.

Defendia-lhe o vento e honrava a entrada da câmara, ou cela em que sempre residia, um pano azul com título de guarda-porta, o qual nem era fino nem muito de estimar, e nêle se resolviam (1) tôdas as tapeçarias daquele palácio pontifical. Entrou a desora uma pobre velha tão mal enroupada, que sem falar palavra falava por ela a idade, o tempo e a necessidade; e pedia socorro apressado. Estava a Arcebispo só, não tinha

(1) = resumiam.

homem de quem se valer: lançou olhos pela casa, não viu cousa que dar e viu-se obrigado a acudir. Levanta-se, arrasta com suas mãos uma arca. Subindo nela, despregou a guarda-porta, dobrou-a, entregou-a à velha e mandou-lhe que se fôsse depressa.

E é de notar que, provida a porta de nova guarda e novo pano, logo proveu com êle outro pobre que se lhe pôs diante, necessitado de roupa. E desde então ficou para sempre desarmada.

*

Era na entrada do estio dêste ano de 1560, quando o Mestre frei Luís de Granada, Provincial da nossa Ordem, entrou por Braga, e por casa do Arcebispo. Trazia consigo D. frei Bernardo da Cruz, religioso da mesma ordem, e bispo de S. Tomé, que, renunciado o bispado, estava recolhido no mosteiro de Tibães e gozava da renda e título de Abade dêle.

Tinha chegado a Lisboa a estreiteza que corria em casa do Arcebispo de portas a dentro, o pouco fausto com que aparecia em público; e contavam-se as cousas em termos mais rigorosos, certo efeito da fama

e condição de noveleiros, mormente em distância grande de lugares.

Por maneira que o Provincial, em que vinham quebrar tôdas as ondas destas murmurações, em figura de queixas, como que fôra êle causa de uma eleição avêssa (1), se houve por obrigado a ir a Braga e ver por seus olhos o que lhe diziam.

Foi grande o alvorôço com que o bom Arcebispo os recebeu, alegrando-se de ver em sua casa duas tais pessoas que a cada uma por sua razão estimava e venerava: ao Bispo por sua dignidade e por criação e companhia que ambos tiveram na Ordem; ao Provincial por seu cargo e grande respeito que sempre a sua pessoa e virtude tivera.

Esperou a família tôda que houvesse extremos no gasalhado de tais hóspedes; e houve todos os que se podiam desejar, de amor e boa sombra; mas a mesa não saíu dos limites ordinários: *vaca e riso* (como dizia um velho honrado do bom tempo). Só um pouco de carneiro se acrescentou por festa, e êste em uma só figura, quero dizer assado.

---

(1) Pois fôra êle quem forçara D. Frei Bartolomeu a aceitar o arcebispado.

Boa prática e santos discursos foram os mirrastes, (1) e os alfitetes (1), e os doces que continuaram a mesa. Os postres (2) com que se concluíu, alguma fruta pouca do tempo. E foi boa parte do gasalhado o concêrto e limpeza do serviço, toalhas alvas, estanho luzente e limpo, louça branca e fina, mas não da China.

E estando uma tarde todos três juntos em boa prática, tratando de cousas passadas, vieram dar no sucesso da eleição do Arcebispo.

Doeu-se êle, porque lhe tocaram em chaga que estava em carne viva, tanto ou mais que o primeiro dia.

Acudiu o Bispo, desculpando o Provincial com muitas razões; e, vendo ocasião para o que traziam acordado, continuou, dizendo:

—Pois a sua eleição fôra obra da mão de Deus, devia conformar-se com êle, e não usar da dignidade de maneira que desse a entender ao mundo (como já se ia notando) que a estimava pouco, ou andava com ela desgostado e, como dizem, de brigas.

---

(1) Caldos e massas doces com que se temperavam aves e outras viandas.

(2) = a sobremesa, o pospasto.

Que isto dizia, porque nem a trabalhosa vida que se dava, nem o modo de sua família e acompanhamento conformava com a grandeza pontifical e Primacia de Espanha, em que o Deus pusera, fazendo-o sucessor de tantos e tam famosos arcebispos, e em fim do grande filho do trovão S. Tiago, primeiro fundador da Igreja e Primacia de Braga.

Aqui tomou a mão o Provincial e foi prosseguindo no mesmo argumento, mostrando-lhe com vivas razões que o Bispo apontara bem; e dizia que o seguir extremos sempre fôra estranhado dos bons entendimentos; que faustos demasiados, nem os louvava, nem lhos persuadia; mas fazer-se respeitar com mais casa e melhores atavios e acompanhamento decente, não sòmente não encontrava (1) a virtude, mas era cousa necessária.

Que fôsse embora santo e muito santo de suas portas a dentro e para consigo, como fazia; que isso era o certo, e êle lho não podia desaconselhar; mas fora de casa não era indecente, antes convinha muito, mostrar brio e uma certa majestade de

(1) = contrariava.

Príncipe (pois êle o era na Igreja de Deus); que isto não era pedir-lhe novidades, senão lembrar-lhe que se acomodasse aos costumes que achava no mundo, e ao que via usado em tôda a Cristandade, e na cabeça dela e dêle, que era Roma, onde o poder humano junto ao divino fazia venerável e respeitada a suprema cadeira; e por isso o Sumo Pontífice que a regia, consentia que os cardiais e príncipes dela possuíssem muitos contos de renda, usassem baixelas de ouro e prata, tivessem coches e ginetes, suas casas e palácios magníficos se autorizassem com suntuosas arquitecturas, e recâmaras cheias de sêdas e brocados; porque na verdade estas cousas de si não encontravam a virtude e serviam de acrescentar majestade à Igreja.

Que seguir e sentir o contrário disto era (se se havia de falar claro e como entre amigos) um querer ressuscitar velhices e impossibilidades que, por esquecidas e desusadas, eram meras novidades; e fazê-las èle, e pretender mantê-las, era ser singular, e um género de fazer seita por si, fiando pertinazmente de sua opinião cousas de que o mundo já não estava capaz. E que pois tinha presentes dous amigos que estima-

vam e tinham sua honra por própria, assentassem todos três uma forma e ordem tal em sua vida e govèrno, que sem chegar a demasias bastasse para lhe grangear reverência, e autoridade, e estimação no povo.

*

* *

Estava o humilde arcebispo com os olhos pregados no chão, ouvindo o Provincial com muita quietação e serenidade, fazendo conta que ouvia a seu Prelado; porque o não respeitava então menos que quando era seu súbdito e frade particular.

Como viu que acabara, deteve-se um pouco; e então levantou os olhos e com um termo grave e sentido começou assim:

— De maneira que vejo dous prelados da ordem de meu glorioso Padre S. Domingos, prelados santos e religiosos, convertidos hoje em Platões e Túlios, formando repúblicas gentílicas com razões e preceitos em tudo humanos: repúblicas até para os mesmos gentios fundadas no ar, ou em sonhos e desejos sómente, vistas nunca, nunca executadas; e isto para me darem método no govèrno de república espiritual e cristã.

Confesso que tomara ver esta linguagem em tôda outra pessoa, antes que na bôca dos que tanto me tocam.

¿Que me faça respeitar dos pobres, gastando com minha pessoa e tirando aos mesmos pobres aquilo com que os posso remediar e manter? ¿Que meta em ataviar criados, e dourar baixelas, e ornar paredes mortas, o cabedal com que posso amparar a órfã, socorrer a viúva e vestir paredes vivas? ¿Que empregue tempo e cuidado em aparato de mesa e mestres de cozinha, para que sobejem potagens (1) que desbaratam a saúde, levam a fazenda e aos pobres não matam a fome? ¿Quem não vê que são isto preceitos gentílicos?

Mas se eu leio e acho em todos o contrário destas razões, ¿como hei-de acabar comigo (2) deixar-me vencer delas?

Aos usos e costumes do tempo presente, que Vossa Paternidade me alegou; às permissões e consentimentos que há de quem pode e sabe, respondo que tudo é santo, tudo louvável, e por tal o tenho. Mas também sei que não posso errar seguindo o fa-

(1) = bebidas, môlhos, acepipes.

(2) *acabar comigo* = conseguir de mim próprio

rol de Paulo; e se todavia ainda contra isto há que dizer, e V. Paternidade entende que tenho perdido o Norte neste govêrno, não está longe de remédio: V. Paternidade, que foi o meio de se me lançar esta *Braga* que não trago só nos pés, como a trazem os cativos, mas também sôbre o pescoço e no coração, pode, com ma fazer tirar, juntamente atalhar meus erros, e usar comigo de grande misericórdia.

(Liv. I, Caps. XVIII a XXIII).

CAPITULO XI

Fundação do convento de S. Domingos na insigne vila de Viana

Estivera o Arcebispo em Viana, vila das mais insignes dêste Reino; considerara o estado e importância dela: terra cheia de gente rica e muito nobre, de grande trato e comércio por uma parte com as conquistas de Portugal, Ilhas e terras novas do Brasil; por outra com França e Flandres, Inglaterra e Alemanha, donde e para onde recebia de ordinário muitos géneros de mercadorias e despedia outras; para os quais tratos traziam os moradores no mar grande número de naus e caravelas, com grossas despesas a que respondiam iguais retornos e proveitos, que tinham a vila florentíssima e em estado de uma nova Lisboa.

Pelo mesmo caso julgava (1) que onde havia concurso de mercadorias e mercado-

(1) Subentenda-se: o *Arcebispo*.

res não faltaria a raiz de todos os males, que é a cobiça.

Temia como bom pai e doía-se de poder haver algum mal onde havia tanta ocasião.

Ajuntava-se (1) que não só Viana, mas tôda a terra de entre Douro e Minho é uma feira contínua de comprar e vender, e embarcar, e mercadejar — a gente tôda trabalhadora e negociadora da vida (que não é pequeno louvor, como (2) se não passem os termos devidos).

Assim, entendia que cumpria e era muito necessário haver uma escola em que se aprendesse a pureza destas matérias, — o que havia de ser edificando um mosteiro em que houvesse letrados e prègadores contínuos, que fizessem o ofício que o Apóstolo aconselha em serviço dos próximos.

Só havia que cuidar se estava a Ordem em tempo (3) para aceitar mais casas das que tinha. Assim lhe dobrou o gôsto a vinda do Provincial, pela ocasião de tratar desta obra; e na primeira hora que se acharam ambos sós lhe deu conta do desígnio e da

---

(1) = acrescia a isto.
(2) = com tanto que.
(3) = em circunstâncias.

importância dêle, e do gôsto que sua alma receberia com o ver executado.

Tratado tudo com a miüdeza e ponderação que o negócio requeria, só uma dificuldade se oferecia ao Provincial, que havia pela maior de tôdas: e era se poderiam as rendas do Arcebispo suprir a tamanha carga. Não basta só ânimo para emprêsas altas: é necessário substância e cabedal.

A esta dúvida satisfez o Arcebispo, dando-lhe conta donde, e como, e com que quantia podia ajudar a obra, que era traça de muito atrás; e como trazia em pronto (1) e como contadas pelos dedos tôdas as despesas que fazia, e os ministros eram fiéis, e èle assistia em tudo, e não se perdia nem malgastava nada, mostrou que havia para tudo.

Assim ficaram de acôrdo e assentaram que se proporia a casa no Capítulo provincial futuro, como é costume.

*

* *

Viana, que vulgarmente se chama da Foz do Lima, para diferença de outra Viana de

(1) = prontas, frescas no pensamento ou na memória.

Alentejo, que dizem de Alvito, é vila tam notável em grandes e várias qualidades, e por tantas vias avantajada a estoutra do mesmo nome e outras grandes do Reino, que mais depressa lhe houvéramos de consentir distinção os que lemos as histórias do mundo, para a diferençarmos de Viana de Áustria ou de Viana de França, que não da que lhe fica tanto inferior como esta do Alentejo.

E por esta razão pudéramos aconselhar aos moradores, que ou a nomeassem por Viana de Portugal, ou Viana sómente sem outra adição; de maneira que, nomeando entre Portugueses Viana singelamente, se entendera esta nossa de que ao presente tratamos, pela figura que os retóricos chamam antonomásia ou excelência: que é aquela pela qual em Itália dizendo a Cidade entendemos Roma, e entre os homens de letras o Filósofo é Arístóteles, e o Poeta é Vergílio.

Esta vila teve nos tempos antigos mui diferente sítio daquele em que hoje a vemos. Era seu assento sôbre um monte alto que se levanta ao Norte dela, afastado do rio e do mar, sítio forte e sobranceiro, se-

gundo naqueles tempos se buscava para lugares de importância, respeito das guerras.

Sepultada ou adormecida esteve em suas ruínas Viana até o tempo de el-rei D. Afonso III de Portugal, que comummente chamamos Conde de Bolonha, o qual no ano do Senhor de 1266 a trouxe do monte ao baixo, e ao longo do rio, onde agora está; sítio que então havia nome Átrio, que logo ficou apagado, e trocado no antigo de Viana. E sendo dantes apaùlado e de muitas águas, enxugou com o edifício, quanto bastou para ficar sadio, e ficarem fontes e poços para comodidade.

Mostrou el-rei que amava o seu juízo, engrandecendo e honrando a vila por tôdas as vias que podia. E o tempo descobriu logo que não sómente se não enganara, mas que fôra um antever de alto entendimento.

Dilatou-se em arrabaldes, como a gente começou a navegar, porque foram grandes os interêsses que tirou da navegação e mercancia, correndo com seus navios a tôdas as províncias do Norte, e às ilhas e conquistas de Portugal.

Mas nenhum comércio lhe tem mon-

tado tanto como o das terras novas do Brasil, que vai em tamanho crescimento, que no tempo que isto escrevíamos traziam no mar setenta navios de tôda a sorte, com que a terra está mossiça de rìqueza, porque se estendem os proveitos a todos, sucedendo nos mais dos navios serem armadores e marinhagem tudo da mesma terra.

Os homens, ou sigam as armas ou as letras, ou se dêem à mercancia e navegação, em tudo provam bem, em geral agudos de engenhos, duros no trabalho, capazes, sisudos, amigos do bem comum e da conservação dêle, moderados na vida e gasto ordinário, mas nas ocasiões de honra mais que liberais: esforçados e animosos nos perigos, briosos em todo o tempo e amigos de se fazer respeitar e conhecer por tais; nas armas e nas sciências tem lançado homens de tanto valor, e tantos em número, que se fazem agravo no que teem por honra, que é não buscarem escritores que os façam no mundo celebrados.

Todos os nobres exercitam a mercancia a uso de Veneza e Génova, contra o costume das mais terras de Portugal, que os louvam e não os seguem, invejam a felicidade e

bons sucessos do trato, e não sabem imitar a indústria.

As mulheres não vivem em ociosidade, mas são daquele humor que a Escritura gaba na que chama *forte:* aplicadas ao govêrno de sua casa e a grangear com trabalho e indústria, das portas a dentro, como os homens fora de casa. E onde isto há não faltam as mais virtudes de honestidade e concêrto de vida.

Assim há matronas de muito preço e bom exemplo, e tão inclinadas a encaminhar as filhas a serem mulheres de casa e govêrno, que assim como em outras terras é ordinário na tenra idade mandá-las a casa das mestras com almofada e agulhas, assim nesta as vemos ir às escolas com papel e tinta, e aprender a ler, e escrever, e contar.

Como a gente é tal a terra é bem governada: barata, limpa, bem provida, cheia de fontes trazidas com arte a lugares diferentes para comodidade dos vizinhos, e fabricadas custosamente. Há muitos edifícios nobres, se bem são de arquitectura ordinária. Nas mais das casas portais, e janelas de pedraria com suas rexas (1) de ferro, e seus

(1) = grades.

brazões e divisas sôbre as entradas; dentro, concêrto e polícia (1) em atavios e trajos e alfaias. Os templos, como as casas, não teem excelências de arquitectura, mas riqueza de retábulos (2) dourados e abundância de prata, e ornamentos, e bom serviço, especialmente a Matriz, que é acompanhada de grande número de clérigos, e autorizada com suas dignidades de arcipreste e cónegos.

Para estarem seguros dos temporais os navios que entram, e haver juntamente comodidades na carga e descarga dêles, corre ao longo do rio um grande e estendido cais de grossa cantaria, altamente fundado e terraplenado, com suas descidas de escadas, e lingùetas para serviço de tôda a hora: obra de muito custo e de grande importância e nobreza para a vila; e vai continuando rio abaixo até despegar dos muros; e depois de acompanhar um espaço a povoação, de fora alarga contra o rio e logo recolhe outra vez para a terra, de maneira que faz em cima uma boa praça. E da esquina donde

---

(1) = limpeza, bom-gôsto.

(2) *Retábulo:* painel de altar; obra de marcenaria a que aquele está pregado.

começa a recolher lança um molde de forte muro, que corre água abaixo um bom espaço, arqueado como um braço; e assim fica fazendo um reduto capaz de grande número de navios, estância seguríssima de todos os ventos que aqui fazem dano; porque além de poderem ficar dentro os navios em sêco e com as proas em terra, ou metidos na vasa, ficam amparados dos ventos travessias (1) que entram por cima da barra, com outro muro que abaixo, em distância competente, sai da vila contra o rio e faz frontaria com a praça que dizemos acima.

Guarda a bôca do rio uma Fôrça (2) feita à moderna, com cinco grandes baluartes providos de boa artelharia e guarnição de soldados competente. Mas melhor a guardam os moradores da vila, sempre espertos e sempre prestes a tornarem por si (3).

A um tal lugar parece que faltava só, para inteira nobreza, uma companhia de

---

(1) *Travessia* ou *vento travessia* = vento contrário, de proa ou de través.

(2) = fortificação.

(3) = a acudirem pelas suas cousas ou interêsses.

prègadores que, como soldados e juntamente mercadores do Céu, esforçassem a devoção, fizessem guerra aos vícios, e abrissem loja de mercadoria e trato celestial, onde tanto havia da terra.

(Liv. I, Caps. XXIV a XXVI).

CAPITULO XII

Parte o Arcebispo para o concílio de Trento

Muitos anos havia que na Côrte Romana se tinha acordado convocar-se concílio geral de tôda a Cristandade, como único remédio para as muitas desordens e abusos que, parte a malícia, parte a fragilidade humana, tinha introduzido nos membros mais sãos da Igreja; e sobretudo para atalhar o fogo das heresias, que abrasava Alemanha e Inglaterra e grande parte de França, e buscar-se meio de tornar ao grémio da Santa Madre Igreja as partes infeccionadas, dando lugar aos dogmatistas (1) e aos pertinazes e rebeldes para virem disputar suas opiniões em praça livre e franca para todos, como se tinha feito em tempos antigos com outros hereges; e estava esco-

---

(1) = os que ensinam doutrinas contrárias à fé católica.

lhida e nomeada a cidade de Trento por lugar seguro e mais acomodado de todos para o tal efeito.

Veio a assentar-se na cadeira de S. Pedro o Papa Pio IV em 25 de Dezembro do ano de Cristo de 1559; e acudiu a Majestade Divina à sua Igreja, quietando os ânimos dos princípes seculares com a paz tão desejada entre Espanha e França, que se assentou por meio do casamento de el-rei D. Filipe II com Isabel, filha de Henrique, Rei de França.

Não deixou o Santo Pontífice passar tão boa ocasião, e despachou suas bulas a todos os príncipes e prelados da Cristandade, para que os príncipes por seus embaixadores, os prelados pessoalmente, se achassem em Trento com tôda a brevidade possível, a tratar do bem comum.

Razões tinha o nosso arcebispo bem suficientes para poder furtar o corpo ao trabalho de tão comprida jornada.

Actualmente estava em cura de um achaque de importância, em uma perna; e o largo distrito de sua diocese, que ainda não tinha visitado nem reconhecido todo, e o grande número de almas dêle, em que havia muito a que acudir, pediam assistência pessoal de solícito pastor.

Contudo, pondo em balança o bem universal de tôda a Cristandade com o particular de sua igreja; e o espiritual de todos com o corporal seu, logo se resolveu em tomar o caminho com tôda a pressa, e se começou a fazer prestes.

Saíu de Braga uma segunda-feira depois da Dominga da Paixão, em 24 de Março do ano de 1561.

*

*   *

Poucos passos tinha dado o Arcebispo fora dos limites de sua igreja, quando se sentiu salteado de novos cuidados ou novos escrúpulos, nascidos do amor que ia crescendo a passo igual com os que dava caminhando. Então lhe lembravam muitas cousas juntas: já se culpava, já se repreendia, que pudera fazer mais, ou dizer mais em serviço da Espôsa (1).

E não quietou seu espírito até que, chegando a um lugar que chamam S. Martinho, três léguas de Bragança, passada a raia de Portugal, sem querer ir avante

(1) = da sua diocese.

parou, e escreveu ao governador do Arcebispado.

Algum tanto ficou o Arcebispo aliviado com a diligência desta carta e outras que escreveu; e, despachando o mensageiro, tornou a prosseguir seu caminho, no qual guardava esta ordem desde o dia que entrou por Castela até o que chegou a Trento:

Quando chegava ao lugar em que havia de fazer noite, se tinha informação que havia nêle convento de S. Domingos, ou de S. Francisco, deixava a mula e a companhia, e a pé com seu companheiro como pobres frades iam demandar o convento; e deixava ordem aos seus que pousassem juntos onde achassem mais cómodo, e no dia seguinte o esperassem à saída do lugar para tornarem todos ao caminho, com advertência que por nenhum caso dessem notícia de sua pessoa, nem dissessem serem de sua família (1).

Em muitos conventos entrou com esta dissimulação e foi recebido e agasalhado como religioso ordinário (que era tôda a recreação de sua alma) ainda que em alguns foi reconhecido por quem era, ou por

(1) = séquito, criadagem.

descuido dos criados, ou por outras ocasiões.

A primeira casa em que executou êste santo engano foi a de S. Domingos da cidade de Zamora; e continuando suas jornadas chegou à cidade de Palência. Apeou-se à entrada com seu companheiro, e juntos foram preguntando pelo Convento, a uso de frades pobres. Chegaram à portaria, chamaram à campainha. Recolhidos dentro, foram à cela do Prior e, prostrados por terra com sua vénia feita, segundo o estilo da Religião, lhe tomaram a bênção; mas não lhe succedeu aqui a traça como esperava.

Era o Prior homem austero e pontual na observância da regra; preguntou-lhes pela licença de seus maiores para andarem pelos reinos estranhos, e mandou que a exibissem.

Ficou o Arcebispo atalhado (1), que não queria perder uma noite de ceia e cama de pobre; e foi embebendo tempo e estendendo a prática com rodeios e dissimulação, a ver se se descuidava o Prior. Mas haviam com homem executivo (2), que, vendo que não

(1) = confuso, embaraçado.
(2) = deram com homem decidido.

mostravam papéis, mandou que fôssem os bons hóspedes separados e metidos cada um em sua cela, para ver mais devagar o que devia fazer com êles. Aqui caíram em terra as traças e não tiveram mais lugar os fingimentos.

Como ia a cousa deveras, arreceou o Arcebispo dar escândalo e com grande mágoa de seu coração se deu a conhecer; mas com igual alegria do religioso prelado, que não foi menos aprazível em o festejar com todos os súbditos daquela antiqüíssima casa (que é das primeiras da nossa Ordem em Espanha), do que andara sêco e pesado em o descobrir.

Por outras partes passou desconhecido; porque, ou havia menos rigor nos prelados, ou o defendia a gravidade de sua pessoa; que, quando menos, eram julgados por mestres em Teologia que caminhavam para o Santo Concílio, como cada dia iam passando outros.

Assim lhe aconteceu que, entrando em outro convento da Ordem, que (segundo a via que levou, que temos apontada de sua mão por dias, e jornadas, e léguas) devia ser S. Paulo de Burgos, inda que não foi conhecido na entrada por quem era, foi rece-

bido e tratado com respeito devido a pessoa de importância, só por sua fisionomia e representação.

Pareceu-lhe o lugar acomodado para repousar um dia da pressa com que caminhava, fazendo conta de sair no seguinte sôbre tarde. Jantou com a comunidade, e depois de graças assentou-se na crasta (1) com o prior e padres, em boa conversação.

Eis que chamam apressadamente à portaria: acode o porteiro, acha um homem empoado e suado que no jeito e trajo representava ser correio, e com eficácia (2) preguntava pelo arcebispo de Braga, dizendo e afirmando que ali chegara e estava no convento.

Não sabia que respondesse o porteiro, de embaraçado em ouvir uma cousa a seu parecer tão nova. Sómente disse que verdade era que estavam em casa dous frades do hábito, Portugueses, chegados do dia atrás.

Não foi necessário mais: lança-se pela porta dentro, entra pela crasta e dá de rosto com o Arcebispo. Conhecia-o, foi-se a êle

(1) = claustra, claustro.
(2) = instância, empenho.

e, pondo os joelhos em terra, tirou de uma carta, beijou-a e disse que era de el-rei D. Sebastião, por cujo mandado fôra despachado em seu seguimento, a tôda a diligência e com a mesma pedia lhe desse resposta, para dar boa conta de si. E pôs-lhe a carta nas mãos.

Grandemente ficou o Prior sobressaltado: mas muito mais o Arcebispo, que sentiu no extremo ver-se privar de uma hora de muito seu gôsto, quais eram tôdas as que lhe representavam o seu estado antigo de pobre frade:

—Ah, homem, ¿porque que me mataste? Perdôe-te Deus.

Acudiram logo os religiosos todos e, lançados aos pés do Arcebispo, lhe pediam as mãos para lhas beijar; e mais particularmente o Prior, que se queixava com palavras de humildade do engano; e com as mesmas pedia muitos perdões de sua pouca caridade, desculpando com o mesmo engano o pobre gasalhado (1) e mau tratamento de quem tão diferente o merecia.

O Arcebispo abraçava a todos e consolava o Prior, afirmando-lhe que não tivera

(1) = hospitalidade.

melhor noite nem melhor dia em muitos da vida que aquele, por se ver agasalhado com a facilidade e amor da sua Religião; e nisso o reconhecia por verdadeiro filho de nosso Padre S. Domingos; e sempre viveria agradecido e obrigado àquela santa caridade e bom termo que ali achara. E porque o tratamento começava a ser outro, deu-se pressa a responder; e, despachado o correio, deixou logo o convento.

Desta desgraça de Burgos (que por tal a teve o Arcebispo) se pagou logo à sua vontade em outros conventos, especialmente em um mui observante que (suspeito) devia ser em um de dous lugares de Biscaia: Vitória ou S. Sebastião, que ambas teem casa da Ordem, e em ambas entrou.

Não largou o Arcebispo em todo o caminho esta santa porfia, tendo por alívio dêle ver-se de quando em quando pobre entre pobres, súbdito entre súbditos, desacompanhado de criados e esquecidas as senhorias, encantoado na estreiteza de uma humilde e mal composta cela.

(Liv. I Cap. XXVII; Liv. II Caps. I a IV).

CAPITULO XIII

O Arcebispo e os Cardiais

Estavam as cousas do Concílio tanto em flor (1) por mais diligências que o Sumo Pontífice com todo o fervor fazia, que a parecer de todos se julgava que passariam muitos meses primeiro que tivesse princípio.

O Arcebispo, que não tinha natureza para estar ocioso, quis aproveitar aquele tempo e empregar parte dêle em ir ver a cidade e República de Veneza, e visitar nela as muitas e grandes relíquias de santos que a ilustram, e em Pádua o nosso milagroso Português Santo António. Curiosidade (se o fôra) bem lícita em quem se achava tão vizinho àquelas cidades; mas na verdade foi emprêgo de devoção, que não se pode cuidar outra cousa de quem sôbre dous meses

---

(1) = em atraso.

de aturado caminho empreendia nova jornada.

Abriu finalmente o Concílio um domingo a 18 de Janeiro de 1562, dia bem próprio para tão santo e importante acto, porque nêle celebra a Igreja a festa da Cadeira de S. Pedro em Roma.

Depois das cerimónias, estando com os cardiais legados todos os padres juntos, antes de se proceder a outra cousa, postos todos de joelhos, com devoção e humildade se cantou a oração seguinte:

«Aqui somos, Senhor Santo Espírito, em vossa presença, na verdade alcançados de nossas culpas e da graveza delas anteparados; mas contudo só em vosso nome e à vossa conta aqui juntos. Vinde a nós, achai-vos connosco, sêde servido descer sôbre nossas almas e ensinai-nos que façamos, (1) mostrai-nos para onde e por onde caminhemos, e sêde vós o que façais aquilo que é bem que nós obremos. Sêde de nossas opiniões e juízos conselheiro secreto e dos

(1) = o que devemos fazer.

mesmos oficial e obreiro descoberto, vós que só com Deus Padre e com seu filho possuís honra e nome glorioso. Vós que no extremo amais virtude e bondade, não sofrais que sejamos perturbadores da razão e da justiça. Fazei que nos não leve o sestro da ignorância, que nos não torça favor nem amizade, nem nos corrompam dádivas nem valias; mas liai nossas almas em perfeita união convosco por meio do divino dom de vossa única graça, de maneira que sejamos todos um só corpo e uma só cousa em vós, e nem em um mínimo ponto nos desviemos da verdade; para que assim como de várias partes nos viemos aqui em vosso nome ajuntar, de tal modo sigamos em tudo as leis da virtude e justiça, regulada por verdadeira religião e piedade, que em nenhum negócio discrepem nossas opiniões e decretos de vossa santa vontade, e assim alcancemos ao diante por merecimento de boas obras a glória e prémios eternos, por Cristo Nosso Senhor. Amen».

Não se fêz mais êste dia que dar-se por legítimamente aberto o santo e geral concílio. E foi esta a primeira sessão dêle das do tempo do papa Pio IV; mas décima sé-

tima, contando as que precederam em vida dos papas Paulo e Pio tércios.

Logo ficou nomeado dia para a segunda e lançada para os 26 de Fevereiro.

Entretanto se tratava com grande calor, em juntas contínuas, que matérias convinha serem as primeiras, para se irem logo estudando, disputando e discutindo. E pareceu que se começasse pela reformação dos livros que andavam espalhados por tôda a Cristandade, uns de doutrina suspeitosa, outros claramente falsa, semente do inferno, cujo veneno para os mal acautelados é mortífero e para todos danoso.

Por onde se acordou nesta sessão cometer-se o negócio a uma junta de padres escolhidos, para o verem com madureza e fazerem relação ao Santo Concílio. Isto é o que parece pelo texto da sessão.

Entre os deputados foi em segundo lugar o nosso Arcebispo. E com não menos honra da Ordem dos Prègadores e da Província de Portugal, foi dado por secretário dela o Mestre frei Francisco Foreiro, de cujas letras e grandes partes (1) havia entre

---

(1) = dotes, virtudes

aqueles padres tal satisfação, que se afirma que a maior parte do texto que hoje temos dêste sagrado Concílio foi composição sua, e depois do Concílio acabado lhe cometeu o Papa a reformação do *Breviário* e *Missal Romano* em companhia de dous eminentes prelados, e juntamente o cargo de comporem um mui escolhido catecismo, que é o *Romano* que anda impresso.

Entrou a Quaresma dêste ano de 1562 e ainda que as ocupações que todos tinham eram grandes e contínuas, quis o Arcebispo que os menos ocupados também de sua parte ajudassem, animando ao trabalho e acendendo em devoção os que com suor e fadiga contínua cavavam na vinha do Senhor; e ordenou para êste efeito algumas prègações particulares dos padres portugueses que havia em Trento.

Entretanto não se descansava em discorrer e ventilar, em juntas quási cotidianas as matérias que haviam de ser sujeito da futura sessão do Concílio.

Mas não eram as que o Arcebispo tinha assentado em seu ânimo que deviam ser as primeiras. Porque lhe parecia que, como o fim principal daquela sagrada e geral congregação era emendar o mundo e purificá-lo

de vícios, convinha começar a obra pela parte mais grave dêle, que era o Eclesiástico, e pela melhor do Eclesiástico que eram os Prelados; e daí passar às cousas de menos consideração e a tudo o mais que havia que remediar, e isto dizia que era proceder com ordem, e tudo o mais chamava prepóstero (1) e desconcertado. Mas achava votos contra si, que reformação em casa, inda que seja tomada com as próprias mãos, não é cousa saborosa; e como negócio em que os maiores e mais poderosos eram os mais interessados, dissimulavam todos e iam pegando doutras matérias, discutindo e definindo sem tratarem desta.

Porêm o Arcebispo não mudou de ânimo, e tomando fôrças da mesma contrariedade instava, rogava, persuadia e aconselhava, em público e em particular, que não gastassem em cousas de pouca importância uma tam preciosa ocasião como tinham entre mãos para grandes efeitos; que começassem logo pelo que mais convinha, que era limpar e apurar o ouro da Igreja, que era o estado eclesiástico, que estava escurecido com costumes depravados de delícias,

---

(1) = ilógico, desordenado.

e pompas e com muitos vícios que daqui brotavam; que reduzido isto a bom termo, então se procederia ao mais com ordem, e seria fácil o remédio em tudo. Que pois eram todos médicos e para curar a Cristandade estavam ali juntos, curassem primeiro a si mesmos; que em boa física, quando há mal no corpo, sempre é costume acudir primeiro aos membros mais nobres; e pois êles eram os principais do corpo da Cristandade, não perdessem tempo em curar o que menos importava. Que assim persuadiriam eficazmente ao mundo, e aos herejes, e aos membros podres da Igreja, que sofressem o ferro e o cautério onde fôsse necessário, sem poderem dizer: *Medice cura te ipsum* (1).

Venceu em-fim que se entendesse neste ponto (2) em cabo de muitos dias que aportiou; e tocando-lhe falar em uma junta, fêz uma eloqùentíssima invectiva, cheia de doutrina e zêlo cristão, contra o fausto e vaidades com que viviam alguns prelados e outros eclesiásticos (e nomeou a nação em que mais se enxergava esta superfluidade).

(1) Médico, cura-te a ti próprio.
(2) = conseguiu que se tratasse dêste ponto.

E, procedendo (1), queixava-se com grande espírito de se quererem defender com título de fazerem por esta via mais venerável e respeitada a dignidade. E mostrava que era tam digna de repreensão a desculpa como a mesma culpa; e que usavam dela por não ter outra nenhuma a que pudessem arrimar-se.

Em-fim provava e concluía, com vivas razões e fôrça de exemplos, que muito maior é a autoridade e respeito que nos prelados, e príncipes da Igreja cria e grangeia a virtude e zêlo da honra de Deus e da salvação das almas, que todo o que podem mendigar e adquirir por vaidades e meios humanos.

Procedeu-se na matéria e propôs-se aos Padres em primeiro lugar se era razão que as pessoas dos cardiais fôssem na reformação compreendidas.

Era chegada neste tempo ordem e mandato de Sua Santidade que no votar dos Prelados iguais em dignidade se tomasse a preferência da antiguidade em promoção de cada um, sem respeito de Primacias, por evitar as dúvidas que ali e em Roma se ti-

(1) = prosseguindo

nham levantado por parte dos embaixadores e prelados castelhanos, sentidos do prejuízo que fazia à Cadeira Toledana o favor que Sua Santidade antes de se abrir o Concílio, fizera ao Bracarense, quando mandou que fôsse preferido em voto e lugar a todos os arcebispos, e particularmente a um que por anterior em promoção se lhe opunha.

Começaram a votar os que por esta razão ficavam precedendo, e um após outro, *nemine discrepante,* foram dizendo com a cortesia costumada que *os Ilustríssimos e Reverendíssimos Cardiais não havia mister reformados.*

Quando tocou dizer ao Arcebispo, disse assim, aproveitando-se das mesmas palavras e termo dos que tinham votado, mas com liberdade e espírito de varão apostólico: *Illustrissimi et Reverendissimi Cardinales indigent illustrissima, et reverendissima reformatione.*

Palavras formais, (1) que foram celebradas por tôda a Cristandade com honra do Arcebispo, e o são ainda hoje. E não tenho dúvida que (como o ouro e outras cousas boas, que ganham fineza e valor com

(1) = textuais

o tempo) serão mais estimadas quanto mais ao longe lembrarem, visto como o mundo cada dia se vai avantajando a si mesmo em criar nos que mandam ânimos mais imperiosos, e nos que obedecem espíritos mais cativos. Por isso vão postas como saíram da bôca de quem as disse. A linguagem (1) é: *Os Ilustríssimos, e Reverendíssimos Cardiais hão mister uma Ilustríssima e Reverendíssima reformação.* E logo, virando com muita segurança por onde estavam os cardiais legados, e fazendo uma mui cortês inclinação, disse com voz grave e sonora:

— *Vossas Senhorias Ilustríssimas são as fontes donde todos os Prelados bebemos: e portanto convém que esta água esteja mui limpa e pura.*

Aqui se mostrou bem quanto poder tem reformar um homem primeiro em si o que pretende emendar nos outros.

Como era pública e conhecida a muita religião e rigor de vida do Arcebispo, não sómente não causou alteração esta liberdade nos cardiais legados, mas antes se afirma que ficaram mui edificados dela.

---

(1) = tradução.

Para todos os mais Padres foi matéria de gravíssimo espanto, e a que nenhum se atrevera. E não os admirou menos a confiança com que se declarou, e sobretudo verem suas palavras não só toleradas, mas bem recebidas dos cardiais.

(Liv. II, Caps. VI a X).

CAPÍTULO XIV

Parte o Arcebispo para Roma com o cardial de Lorena

Tais eram (1) as mostras que o Arcebispo tinha dado de suas letras e juntamente de seu zêlo em tôdas as consultas e congregações e actos públicos, e em conselhos e juntas particulares, agora propondo e apontando como sábio prelado, agora votando com liberdade de varão apostólico só com os olhos em Deus, e em seu maior serviço e glória sem nenhum respeito humano; agora praticando e definindo como douto e resoluto mestre — que de todos era igualmente estimado e amado. E geralmente diziam que a melhor escola que podia haver no mundo era a sua.

---

(1) O assunto dos Caps. XII e XIII do Liv. 2.º da obra de Frei Luís de Sousa, anteriores a êste excerpto, é a intervenção enérgica e afinal vitoriosa do Arcebispo sôbre a matéria da *residência*,

Entrando em consulta a matéria da Ordem, uma das principais cousas que os mais dos prelados apontaram, e pediram com instância, foi que se buscasse meio para tirarem do mundo um pernicioso costume, que por muitas partes altamente estava arreigado no modo de prover as igrejas curadas: que era darem-nas os senhores dos Padroados a quem lhes dava gôsto, sem escolha de partes (1) nem mais razão que a de seu poder.

Neste argumento fêz um dia um largo discurso, estando todos os Padres juntos; e depois de muitas razões, acendendo-se em zêlo, dizia:

— ¡Ai, e muitas vezes ai, gravíssimos Padres, que vejo e sei que se dão hoje as igrejas paroquiais como quem dá hortas ou quintas. E daí vem que não temos quem ensine, quem confesse, nem quem pregue frutuosamente. Por isso ninguêm estuda, ninguêm trabalha por saber, e geralmente se tem por êrro gastar tempo, vida e fazenda

---

isto é: da obrigação moral e pastoral, que os bispos em geral não cumpriam, de residirem nas suas dioceses.

(1) = virtudes, merecimentos.

nas Universidades, quando basta servir ociosamente ao bispo ou a seu parente, sem mais cansar nem saber, para gozar rendas de grandes benefícios; quando vale mais a ignorância com poucas onças de favor, que a sciência e boas letras com grandes pesos de merecimento!

Levou o Arcebispo após si a maior parte dos padres; mas como o negócio tocava, ao que parecia, na jurisdição da Suprema Cadeira, não se deu por decidido naquele dia, e ordenaram os Legados remetê-lo ao Papa e ouvir seu parecer para final determinação.

Êste aviso veio a Trento, e quási juntamente outro do nosso embaixador bem conforme a êle. Porque escreveu que, fazendo lembrança a Sua Santidade, lhe respondera por oráculo de sua bôca e palavra:

— Ordenar-se há que não seja valioso o provimento que fizer o Papa, se o Bispo não aprovar o eleito.

E ficou determinado e definido pelo Concílio não se darem igrejas curadas senão por concurso e exame de letrados ajuramentados, que era o mesmo que o Arcebispo pediu. E assim lhe chamava depois *a sessão preclaríssima.*

No restante de Agôsto, e até meado Setembro, foi acudindo a juntas particulares em que se ventilavam e votavam as cláusulas e notas dos capítulos e cousas decretadas; e, vendo que estavam no cabo, pôs-se ao caminho em companhia do cardial de Lorena, seu grande afeiçoado, que como fazia a mesma jornada obrigou o Arcebispo a irem juntos.

Saíram de Trento em 18 de Setembro, aproveitando-se do rio água-abaixo quási vinte léguas: quinze a Nerona e cinco a um lugar que chamam a Abadia. Aqui tomaram coches: meteu o Cardial consigo ao Arcebispo e a outros três bispos franceses.

Pela razão da companhia acudiam também ao Arcebispo cerimónias e cumprimentos das pessoas que os faziam ao Cardial — cousa abominável para a sua arte e quietação.

E já ia traçando (1) desfazer a companhia no primeiro lugar em que, sem parecer descortês, lhe pudesse furtar o corpo. Assim passaram a Rovigo, e de Rovigo a Ferrara.

Saltou o Arcebispo do coche como quem sai de prisão; e, tomando consigo seu com-

---

(1) = planeando.

panheiro sós e a pé, se foi ao convento da Ordem que ali há.

Mais dias fazia conta o Arcebispo dar a êste santo convento, pelo extremo de recreação que seu espírito nêle sentia. Mas o receio que tinha aos favores do Cardial, que estava certo não o deixaria gozar daquela quietação, o fêz apressar e cortar por seu gôsto.

Muito a seu pesar se levantou e, sem fazer detença, se pôs a cavalo e deixou o convento e a cidade, por escapar às honras e travessuras cortesãs do amigo, que sentia como verdadeiras perseguições. E não tinha andado muito, quando viram que vinha já chegando pelo caminho de Bolonha. Daqui o mandou visitar pelo secretário, mandando-lhe dizer com termo português *que boa prol* (1) *lhe fizesse tanta festa e tanta côrte, que êle lhe ia fugindo a rédea sôlta.*

E' costume em Itália, nas terras em que há dous conventos, agasalharem os hóspedes aos meses, para que seja igual a caridade e a despesa. Não tocava recebê-lo a

(1) = bom proveito.

êste, (1) e o Prior se mandava escusar. Contudo, replicando que era um Mestre que vinha do Concílio e passava a Roma, foi admitido; era sôbre tarde, foi chamado para a caridade da ceia. Achou-se com um pão e dous ovos cozidos, duros e pouco quentes, esplêndido e mimoso banquete para quem só estes buscava.

Chama-se esta casa de Santo Espírito, e está nela parte do corpo de Santa Catarina (que por isso a buscou o Arcebispo). Mostrou-lhe o Prior no dia seguinte a cabeça da santa e a cadeia de ferro com que se disciplinava três vezes no dia, e depois lhe ficava servindo de cilício cingindo-a.

Entretanto entrou o Cardial pelo Convento, que (2) advinhava a ceia e a má noite que o Arcebispo teria levado; e chamado o Prior preguntou-lhe se entrara ali algum frade da Ordem, espanhol, hóspede. Respondeu o Prior o que era: que da tarde dantes eram entrados dous que diziam ser espanhóis e virem do Concílio, e um dêles mestre em Teologia.

---

(1) Isto é: Não tocava a êste convento a vez de receber o Arcebispo.

(2)=porque.

Finava-se o francês de riso, vendo quam inocente e enganado estava o pobre Prior, e quam bem se sabia o Arcebispo contrafazer para levar má vida. E foi-lhe dizendo quem era, em dignidade e renda, e ajuntando louvores de sua virtude e letras, com que o Frade ficou espantado e confuso; e dali se foi logo onde estava o Arcebispo e, queixando-se do engano, lançado a seus pés pedia-lhe perdões de sua pouca caridade, e da culpa alheia.

E soube-se depois que neste ofício foi (1) continuando até Roma, com muitos cardiais amigos que o esperavam e festejaram em suas quintas e casas de campo antes de entrar na cidade; aos quais contava com grande festa as travessuras que lhe viera fazendo e a pena que o Arcebispo recebia, de lhe êle tolher as fomes a que armava com seus disfarces.

(Liv. II, Caps. XV a XX)

(1) o cardial de Lorena.

CAPÍTULO XV

Em Roma

Dia de S. Miguel, 29 de Setembro pela manhã, chegou o Arcebispo à vista de Roma. Tanto que descobriu a cidade, apeou-se com todos os seus, pôs os joelhos em terra e, cheio de alegria e de devoção, em seu espírito começou a dizer: — ¡ Salve oh mãe nossa: salve oh mãe santa, escola da Religião Cristã, coluna e fundamento da verdade, donde sai a luz que ilumina o mundo e o conhecimento do sumo bem!...

Mas, vendo-se já perto da cidade, adiantou-se com seu companheiro e apertou o passo por entrar mais dissimulado. Era embaixador de Portugal em Roma D. Álvaro de Castro, e estava avisado da vinda do Arcebispo àquela Côrte, e do dia que saíra de Trento, e do caminho e diligência que trazia. E lançando boa conta, esperava que poderia ser entrar naquele dia.

Desejava ir buscá-lo ao caminho e acom-

panhá-lo, e trazê-lo a sua casa, assim por obrigação e honra de seu cargo como pela pessoa e dignidade do Arcebispo, e não menos pelo grande nome que tinha diante de Sua Santidade.

Assim, determinou ter espias nas estradas; e, ou fôsse pela medida que tinha tomado ao caminho e ao tempo, ou acaso (1), despediu aquela manhã dous criados a cavalo, com ordem que saíssem pela porta e caminho de Sena um bom espaço, e, se o encontrassem, um voltasse logo em tôda a diligência a dar-lhe a nova, e o outro ficasse com êle, procurando entretê-lo para lhe dar tempo de poder sair a recebê-lo com todo o acompanhamento e aparato que a tal pessoa se devia. Ambos o toparam sem dar fé de quem era, porque ainda que o tiveram (2) bem conhecido de rosto, bastante razão era para o desconhecerem o modo em que o viram (3).

---

(1) *Ou acaso.* Hoje costumamos dizer incorrectamente *por acaso* em vez de *acaso* só, esquecendo ou ignorando que nesta palavra já está incluida a preposição *a* e acrescentando-lhe assim desnecessáriamente a preposição *por.*

(2) = tivessem.

(1) Isto é: só com outro frade, tendo deixado atrás o séquito que trazia.

Passando adiante deram com gente junta: era a família do Arcebispo, preguntaram novas de quem buscavam. Um lhes deu as com que ficaram satisfeitos para voltarem ambos a rédea sôlta, a ver se o podiam ainda alcançar.

Mas êle já neste tempo estava na igreja de S. Pedro em Vaticano.

Soube o embaixador dos seus como tinha o Arcebispo na cidade; e não sendo já tempo para outra cousa, mandou a tôda a pressa quantos tinha em casa, que repartidos por tôdas as ruas lho descobrissem. Dous, que foram mais advertidos, deram ambos juntamente com êle onde cuidou que mais escondido estava, e de parte do embaixador lhe disseram tudo o que em boa cortesia era devido, para o obrigarem a querer ir-se para êle e aceitar sua casa, referindo-lhe as diligências que desde ante-manhã tinha feito para ter tempo de o ir buscar ao caminho.

Sabia-se o Arcebispo defender e estava sentido do pouco que lhe valera a madrugada; não houve cousa que o movesse. Levaram-no então por manha. Disseram-lhe que a Minerva era longe e se fazia tarde para esperar ali; que se devia ir para lá,

que êles o guiariam e acompanhariam. Porfiaram tanto, que à pura fôrça o tiraram da igreja (que acabam (1) muito os importunos) e parece que advinhava o que havia de ser.

Foram atravessando de uma em outra rua, e êle lembrando-lhes sempre a promessa.

Em-fim deram com êle em casa do embaixador.

Quando o tiveram à porta, disseram-lhe que estavam perto da Minerva, mas que seria melhor esperar ali o recado que lá tinha mandado.

Entretanto foi avisado o embaixador e saíu à rua; e levando-o nos braços dizia:

—¿Como se compadece, senhor Arcebispo, que faça tantas diligências por fugir dos Portugueses, quem tantas e tam grandes tem feito pelos honrar? Olhe V. Senhoria que a razão quere que ou não faça tanto por nós, ou seja mais humano e se dê melhor connosco.

Não havia cousa que o dobrasse, sentido do engano dos criados. Mas o embaixador soube dizer tantas cousas e era tam cortês e bem entendido, que em-fim acabou (1) com

(1) Acabar = conseguir.

êle ficar a jantar, porêm com a condição que depois lhe não faria mais fôrça e o deixaria ir para os Frades.

Assim comeram ambos com particular gôsto do embaixador, que sôbre mesa começou de novo a provar todos os meios e lanços de bom cortesão para o persuadir a lhe não fazer tamanho agravo, como seria saber-se naquela Côrte que depois de estar em sua casa fôra buscar outra estalagem. Mas era tempo perdido; que o Arcebispo valeu-se da palavra dada e levantou-se, como fugindo.

Foi-se no mesmo tempo o embaixador ao Sacro Palácio e fêz sua queixa ao Papa, contando tudo o que tinha passado com o Arcebispo, e pedindo de mercê que Sua Santidade lhe mandasse que não alojasse noutra parte senão em sua casa.

Sôbre tarde foi à Minerva visitá-lo e tornou-lhe a fazer suas instâncias, com novas razões e apertados encarecimentos.

Querendo-se despedir, desesperado já de o poder vencer, entrou o Físico-mor do Papa pelo convento, e disse ao Arcebispo, depois de lhe significar o gôsto que S. Santidade tinha de sua vinda, que juntamente lhe mandava sob pena de santa obediência se

saísse logo daquele mosteiro, e fôsse ser seu hóspede no Sacro Palácio; e não se contentando dêste aposento, em tal caso se haveria por satisfeito com que se fôsse para casa do embaixador de Portugal.

Afligiu-se notávelmente o Arcebispo com êste recado e quis começar a interpretá-lo por espécie de favor e honra que Sua Santidade lhe queria fazer, e não por mandado expresso. Mas acudiu o escrúpulo que sempre o acompanhava de cair em culpa, e em-fim, por fugir à desobediência, escolheu por mais humildade, já que havia de deixar os seus frades, ir com o embaixador, ficando êles sentidíssimos de perderem tal companhia, e tanto mais quanto viam as honras extraordinárias que Sua Santidade lhe fazia, de que estavam sobremaneira admirados.

(Liv. II, Cap. XXI)

CAPÍTULO XVI

O Arcebispo diante do Papa

No mesmo dia sôbre tarde fêz sua entrada o cardial de Lorena, que foi recebido como tal pessoa com grande pompa pelos dous cardiais sobrinhos de Sua Santidade, Borromeu e Altemps: os quais o foram buscar fora da cidade e o levaram ao Sacro Palácio, onde foi aposentado.

Como o francês vinha tam afeiçoado ao Arcebispo, na primeira audiência que teve de Sua Santidade gastou tempo em lhe dar conta de sua pessoa e partes, acreditando-as (1) não menos do que vinha fazendo pelo caminho. E ainda disse mais, porque afirmava que tudo era nêle em supremo grau: a virtude, letras, zêlo, observância religiosa, eleição acertada em apontar, eficácia em persuadir, liberdade santa no votar; de feição

(1) = exemplificando-as, demonstrando-as.

que não havia poder-se discernir em qual se esmerava mais.

Depois lhe foi particularizando o amor que tinha ao seu estado monástico e àquela pobreza e vida humilde, e o que trabalhava por encobrir a dignidade só a fim de ser pouco respeitado, e maltratado. E não calou as travessuras com que o perseguia, fazendo-o conhecer por quem era quando mais dissimulado estava.

Tudo folgava o Papa de ouvir. E como tinha outras informações gerais de sua pessoa, por cartas de Portugal, de el-rei D. Sebastião e do cardial D. Henrique, e pelas que lhe mandavam os cardiais legados cotidianamente do Concílio, das razões e voto que dava em tôdas as matérias — estava-lhe por extremo afeiçoado e havia-se por obrigado a lhe fazer mercê e honra. E com o grande desejo que tinha de o ver, logo à sexta-feira seguinte, terceiro dia depois de chegado, lhe mandou que o fôsse ver.

Foi o Arcebispo só com seu companheiro, e a pé.

Recebeu-o S. Santidade todo risonho e alegre, e com honras mui diferentes das costumadas com outros prelados de igual dignidade.

Como o Arcebispo teve lugar de falar, tratou logo de se absolver da obediência com que Sua Santidade o fizera hóspede do embaixador, afirmando que não se atrevia a sofrer tanto rugido de sèdas como tinha em seu aposento, nem tantos mimos como lhe punham na mesa; que era frade e não sabia viver sem frades; que fôsse Sua Santidade servido dar-lhe licença para se tornar à Minerva, levantando-lhe o preceito.

Ria o Papa da eficácia e ânsia com que o Arcebispo requeria; e, rindo, dissimulava e mudava o propósito (1). Mas vendo que não deixava o requerimento e todavia apertava com instância, disse que lhe outorgava a graça como fôsse sem prejuízo de terceiro, que era o embaixador; e a razão pedia que fôsse primeiro ouvido e, consentindo êle, havia a obediência por alevantada.

Apontava-lhe o Arcebispo com uma liberdade humilde erros e abusos que havia em partes da Cristandade no govèrno eclesiás-

(1) = o assunto da conversação

tico, e com peito de varão apostólico admoestava-o que convinha não tardar com o remédio, que para isso o tinha Deus pôsto naquele lugar supremo, para vigiar e acudir a tudo; que, se se descuidasse, quanto era maior a honra, tanto seria a conta mais estreita.

Tinha o Papa um entendimento mui vivo e dócil e era naturalmente brando e bem inclinado; ouvia-o com atenção e, como se conversara com um igual seu, umas vezes lhe dava descargos (1), outras lhe pedia conselho, ou remetia o remédio das cousas ao Concílio, agradecendo-lhe sempre as lembranças. E como enxergava em tôdas profundo juízo de quem lhas fazia, ia formando maior conceito cada dia do homem, maravilhado de ver que em tam pobres hábitos, e tam humildes palavras, estivesse escondida uma tamanha luz de zêlo, de virtude, de prudência.

— Não sei que é isto, Bracarense, que vos não posso negar nada.

E em certo negócio lhe respondeu uma vez:

— Isso que me pedis, até hoje o não tenho

(1) = satisfações, explicações.

concedido a ninguêm; mas a vós não o posso negar: *Fiat.*

E outra, pedindo-lhe licença o Arcebispo para lhe falar em uma matéria, disse:

— Podeis falar agora, e à tarde, antes de comer e depois de comer, e tôdas quantas vezes quiserdes, porque sempre vos ouvirei de boa vontade.

Levou-o um dia consigo, passeando até o jardim famoso dos Papas, que chamam Belveder, e mostrando-lhe as obras que se iam fazendo, disse-lhe, sorrindo-se, como quem lhe sabia já o humor ¿ porque não fazia lá na sua Braga uns Paços como aqueles?

— Santíssimo Padre, respondeu o Arcebispo, não é de minha condição ocupar-me em edifícios que o tempo gasta.

Não ignorava o Papa que havia de ser esta a resposta; e contudo tornou a instar e disse:

— ¿ Pois que vos parece destas minhas obras?

Então, com maior energia, respondeu:

— O que me parece, Santíssimo Padre, é que não devia curar V. Santidade de fábricas que cedo ou tarde hão-de acabar e cair. E o que digo delas é que, de tudo isto, pouco, e muito pouco, e nada: e do edifício

temporal das igrejas seja mais do que se faz. Mas no espiritual, aí sim, que é razão ponha V. Santidade tôda a fôrça e mêta todo o cabedal de seus poderes.

E por não ficar com escrúpulo de dizer pouco onde via despesa grossa e mal empregada, foi carregando a mão e ajuntando razões, às quais o Papa com sua natural brandura acudiu com estas palavras:

— Pois ¿que há-de ser? ¿Quereis que deixemos a obra imperfeita? Eu na verdade não fui autor dela, que não sou amigo de gastar dinheiro em vaidades. Achei-a começada, folgarei de a acabar, que também não tenho outros passatempos em que me ocupe.

(Liv. II, Cap. XXII).

CAPÍTULO XVII

Cardiais sentados e bispos de pé

Desejavam os Padres do Concílio, e procuraram com grande cuidado, achar algum meio eficaz e poderoso para atalhar os muitos inconvenientes que se seguiam dos matrimónios clandestinos.

Ventilado o negócio, quiseram antes de última resolução consultar a Sua Santidade, e pareceu bem que fôsse por meio do cardial de Lorena e do Arcebispo, pois iam a Roma e levavam a cargo outras matérias que os Legados lhes tinham cometido.

Depois que o Papa os ouviu, mandou fazer uma junta de cardiais e bispos em sua presença para resolver a causa. Juntaram-se os chamados no dia e hora assinada.

Entrando diante de Sua Santidade, assentaram-se os cardiais em seus lugares, ficaram os bispos em pé e as cabeças desco-

bertas. Foi o Arcebispo dos chamados. Deu seu voto, resumindo tôda a matéria em breves razões, tam substanciais e tam doutamente apontadas que deixou a todos admirados.

Mas ficou mui descontente, não levando em paciência ver muitos bispos velhos e honrados postos em pé e desbarretados, e assistirem assim algumas horas que a junta durou, quando os cardiais estavam bem assentados e cobertos.

Pareceu-lhe acto feio (não só desarrazoado) para Côrte Romana, e indigno da Igreja de Deus, e estranhou-o mais por ser a primeira junta em que se tinha achado. Logo, em saindo, se apartou com o cardial de Lorena para descobrir que ânimo tinha no caso.

Achou-o bastantemente desgostado, e os bispos franceses que trouxera consigo, que todos foram presentes, sentidíssimos.

Pediu então ao cardial que êle, como pessoa de tanta autoridade, dissesse a Sua Santidade o que entendia. Mas não o pôde persuadir, porque nas côrtes o mêdo de desagradar ao príncipe, ainda que os males sejam patentes, faz mudas tôdas as línguas. As que os não gabam cuidam que fazem

auto de virtude, porque não falta quem os louve, encontrando o entendimento (1).

Passados poucos dias, eis que manda o Papa intimar outra junta como a passada, de cardiais e bispos, e recado ao Arcebispo para se achar nela. Veio-lhe a ocasião como a pudera pintar, e, pela não perder, porque a junta havia de ser á tarde, foi-se aquela manhã a Palácio. Entrou logo, que para êle não havia porta fechada nem detença.

Falou a S. Santidade em algumas matérias das que trazia a cargo de Trento, apontou nelas o que entendia, com advertências importantes para se poder dar fim com bre vidade ao Concílio, como S. Santidade dese java.

Foi prosseguindo nas cousas do Concílio, e, para tomar chegada ao seu escrúpulo, pegou dos pontos da Reformação (2), e, depois de encarecer quanto importava para haver bom sucesso nela começar a cortar pelas pessoas e casas maiores e de mais dignidade, louvou-lhe com palavras graves e nada lison-

(1) = contra a própria consciência,

(2) = para puxar a conversação ao assunto que o preocupava começou a falar dos pontos da Reformação, etc.

geiras um costume mui acertado que Sua Santidade tinha introduzido de pouco tempo, contra outra que por errado extinguira, o qual pelo uso e antiguidade se não estranhava já naquela Côrte.

— Mas, Santíssimo Padre (acrescentou o Arcebispo) uma obra tam santa e de tanta justiça não tem ainda sua perfeição. Que se V. Santidade tirou e não consente que os bispos que assistem à sua mesa estejam em pé e descobertos, como em tempos atrás se sofria, ¿que mais razão há para estarem da mesma forma nas juntas e congregações que se teem (1) diante de V. Santidade, como notei nesta última, que durou três ou quatro horas, e tôdas estiveram em pé quantos bispos foram presentes, e com os barretes na mão? Juntando-se outra desigualdade que para o meu entendimento faz o caso mais indigno, a qual foi ver no mesmo tempo os cardiais bem assentados e suas cabeças cobertas.

«Se os Bispos, em-quanto Bispos, são superiores aos Cardiais em-quanto sómente

(1) = se celebram. Note-se esta aplicação, hoje repudiada, do verbo *ter*, como sinónimo do francês *tenir*, do alemão *halten*, etc.

Cardiais (porque já deixamos declarado no Concílio que os bispos teem o primeiro lugar da Igreja) ¿em que justiça caberá que os cardiais, que é uma dignidade instituída sómente por autoridade e conselho humano, sejam avantajados diante de V. Santidade, nas honras do barrete e assento, aos bispos, que foram criados por autoridade divina pelo mesmo Cristo Senhor nosso, e sucederam no lugar dos Santos Apóstolos? ¿Que razão pode aprovar que onde os cardiais estão com tanta honra, fiquem os bispos sem nenhuma, humilhados, e abatidos, e afrontados? Beatíssimo Padre, os bispos em-quanto bispos são vossos irmãos; como tais hão-de ser tratados.

Ouviu o Papa tudo com atenção, como costumava ouvir o Arcebispo; e no cabo respondeu-lhe que o costume era antigo, não invenção sua. Assim o usavam seus antecessores e os bispos não estranhavam. ¿Como havia êle de fazer novidade em cousa que o tempo tinha tam assentada e corrente?

Não se acovardou o Arcebispo e replicou assim:

—V. Santidade por sua grandeza e benignidade me tem dado licença que lhe fale li-

vremente nas cousas. Nesta estou vendo que, pela pessoa que representa na terra, me manda que com dobrada liberdade me declare, pois a causa tôda é de Deus; e se o eu não fizesse seria grande culpa minha.

«Beatíssimo Padre, fora, fora com essas velhices. E, se não, dè-me V. Santidade licença para preguntar: se V. Santidade assistira no santo Concílio, ¿que termo havia de mandar ter com os bispos? ¿Não haviam de estar assentados? Claro está que sim. ¿Pois não é argumento que convence de maior a menor? Se lá houveram de estar assentados em acto tam público e congregação universal, aos olhos do mundo todo, ¿não é muito mais razão e justiça que se assentem cá em uma particular que V. Santidade faz?»

Fizeram tanta impressão estas razões no peito do Papa, assim por sua natureza inclinada a todo o bem e justiça, como pela fôrça delas, que se deu por persuadido e mostrou agradecer o aviso. Porque, entrando o cardial de Lorena, depois de ido o Arcebispo, deu-lhe Sua Santidade conta de tôda a prática e preguntou-lhe seu parecer, o qual foi em confirmação do Arcebispo, e acrescentando que falara como letrado, e como

zeloso da honra de Deus e da dignidade episcopal.

Chegou a hora da junta que, como fica dito, estava notificada para a mesma tarde. Entraram os chamados. E Sua Santidade, antes de propor a matéria em que se havia de votar, fêz uma concertada prática bem digna de um príncipe prudente e temente a Deus, qual êle era, dizendo entre outras cousas que a maior infelicidade que podia acontecer a qualquer governador de uma república, era faltar nos súbditos zêlo ou confiança para o advertirem e aconselharem.

«Que isto dizia, porque fôra advertido de uma sem-razão que corria na Côrte, que na verdade não ignorava que o era; mas por estar confirmada com tantos anos que quási passava por lei, e parecer por uma parte que redundava em aumento da majestade da suprema cadeira; e por outra que, sendo permitida de seus antecessores tam sábios e tam santos Pontífices, era um género de demasiada confiança querer êle só emendá-la — a consentira e deixara passar atè aquela hora. Mas que eram tam boas as razões de quem o advertira, que fôra o Arcebispo de Braga, que presente estava, que logo a queria remediar.

E, declarando-se de todo, mandou aos bispos que se assentassem, e como estiveram assentados fêz sinal que se cobrissem; e assim procedeu e acabou a junta. E ficou para sempre desterrada a mal considerada cerimónia antiga, com grande honra do Arcebispo para em todo o tempo que dela se fizer memória.

Todos os bispos que se acharam na junta, em especial os franceses, que eram novos nos costumes da Côrte, e levavam pior (1) aquele, esperaram o Arcebispo na sala e não se fartavam de lhe dar graças, engrandecendo a obra como verdadeiramente heróica, e admirados sobremaneira da liberdade que usava e muito mais do fruto que viam seguir dela.

Chegou-se também a êle o cardial Alexandrino e, dando-lhe os parabêns, dizia:

— ¿ Quem poderá agora com Monsenhor Bracarense, que está vitorioso ?

(Liv. II, Cap. xxIII).

(1) = mais a mal.

CAPITULO XVIII

Baixelas de prata e loiça de barro

Convidava o Papa algumas vezes ao Arcebispo a jantar, umas vezes só, outras em companhia do cardial de Lorena; e por mimo e honra particular mandava que èle lhe lançasse a toalha, quando lavava as mãos antes e depois de comer.

Um dia o mandou chamar para certo negócio em que se gastou a manhã tôda; depois mandou-lhe que se ficasse a comer com êle.

O modo (1) era que se punha outra mesa um pouco afastada da de Sua Santidade, e nesta comia o Arcebispo.

Desta vez mandou Sua Santidade que lha pegassem com a sua, que o queria ter muito junto de si e ouvi-lo de perto. E quási em todo o tempo que durou a mesa não tratou

---

(1) = costume.

doutra cousa senão louvar e engrandecer os Portugueses, encarecendo aos assistentes seu esfôrço e valentia, e a famosa vitória que no ano atrás haviam alcançado dos Mouros de África no cêrco de Mazagão, de que mostrava tivera particular gôsto.

Daqui tomou o Arcebispo ocasião para se espraiar em um eloqùente panegírico dos príncipes que então havia neste reino.

— Basta, respondeu Sua Santidade, que são Príncipes de Portugal, e com esta só palavra fica entendido tudo o que em muitas se não pode bem significar — tam santos, tam devotos, tam amigos de conservarem a Fé em sua pureza, e de a dilatarem, foram sempre seus pais e avós. E esta é uma das excelências que um varão douto, e bem versado nas antiguidades, notava nesse vosso reino.

Em quatro (1), dizia êle que achava, era Portugal único, cada uma muito de estimar e tôdas provadas pelos livros.

Primeira, que de tôda a Espanha, e França, e dos mais reinos cristãos da Europa fôra o primeiro que recebera a Santa Fé. .

---

(1) = em quatro excelências.

Segunda, que depois de recebida, nunca mais a largara nem perdera, antes a conservara sempre tam inteira e pura, que nenhuma nação do mundo a zelava nem defendera nunca com mais constância.

Terceira: que não houve gente que a mais longes terras levasse a prègação do Evangelho.

E a última, que não se sabia que jàmais Portugueses se houvessem levantado, ou tomado armas contra seu rei legítimo.

Era manjar da alma o que o Arcebispo tinha nestas práticas, muito mais saboroso para êle que todos os que vinham à mesa. E desejando mostrar-se grato a tantos favores de Sua Santidade, pareceu-lhe que tinha bastante matéria no grande número de vasos de prata que ali via, considerando que havia prato que podia ser casamento (1) de uma órfã e outro que podia bem vestir muitos pobres, e notando com mágoa que só o ouro dos dourados que já estava perdido pudera matar a fome a muitos miseráveis, a quem tomava a noite sem ceia e às vezes sem jantar (2).

(1) = dote ou enxoval.

(2) *A quem a noite tomava sem ceia* = que chegavam à noite e não tinham que cear.

Era esta sua ordinária teima e invectiva contra os bispos que se serviam com prata; e não admitia a desculpa que davam que era serviço que durava tôda a vida e gasto feito por uma vez, e na hora da morte ficava, para satisfação de criados e dívidas miúdas que sempre havia nas casas grandes. E afirmava que não podia haver razão que abonasse tamanha sem-justiça, como em terras cheias de pobreza e de necessidades de próximos, urgentíssimas, resplandecerem os aparadores dos prelados com aquela riqueza ociosa.

Sabia êle como já o Pontífice tinha notícia desta sua paixão; fêz conta que pequeno remoque bastaria para quem estava advertido e tinha o engenho esperto. E, tomando ocasião de um formoso vaso dourado que veio à mesa:

— Temos, disse, em Portugal um género de baixela que, com ser barro, se avantaja tanto à prata em graça e limpeza, que aconselhara eu a todos os Príncipes (se um pobre frade pode fiar de si dar conselho) que não usaram outro serviço e desterraram (1) de suas mesas a prata. Chamamos-

(1) *Usaram ... e desterraram* = usassem e desterrassem.

-lhes em Portugal porcelanas; veem da India, fazem-se na China. É o barro tam fino e transparente, que as brancas deixam atrás os cristais e alabastros, e as que são variadas de azul enleiam os olhos, representando uma composição de alabastro e safiras. O que teem de quebradiço recompensam com a barateza. Podem-se estimar dos maiores príncipes por delícia e curiosidade, e por tal se teem em Portugal.

Não passou por alto ao Papa o tiro do Arcebispo, e bem notou onde apontava com a tenção. E, dissimulando, disse-lhe que tivesse lembrança, quando se visse em Portugal de dizer ao Cardial Infante seu amigo, lhe mandasse destas porcelanas, que como as tivesse daria de mão à prata.

(Liv. II, Cap. XXIV).

CAPITULO XIX

Sai o Arcebispo de Roma, depois de haver pedido em vão ao Papa renunciação do arcebispado

VENDO o Arcebispo como tinha lançado bastantes fundamentos para poder intentar qualquer grande requerimento com Sua Santidade sem receio de ficar frustrado, pareceu-lhe tempo de não dilatar mais a cabeça (1) de todos os que a Roma o levaram, e que só (2) lhe tirava o sono.

Foi-se uma manhã a Sua Santidade e, depois de tratar algumas cousas de menos substância, falou-lhe desta maneira:

— Até agora, Santíssimo Padre, tratei de negócios comuns: ora do Concílio, ora de partes (3), ora da minha igreja. Agora, senhor, é tempo de tratar de mim.

---

(1) = o principal.
(2) = só por si, só êsse.
(3) = partes interessadas em negócios particulares.

«Eu, senhor, entrei na religião menino, criei-me nela sem nenhum conhecimento do mundo, nem do govêrno dêle.

«Não sei por que mau fado meu (falemos um dia como seculares) me foram tirar dos claustros e de sôbre os livros, e para Arcebispo: eleição tam fora de razão e de caminho, que tôdas as vezes que nela cuido tenho grande lástima das consciências dos que me elegeram, e muito maior da minha e de mim que a aceitei.

«Bem é verdade que me alivia muito a resistência que fiz, e uma lembrança que, se aceitei, foi forçado e compelido por obediência de prelado que o era meu. Mitra me puseram na cabeça, e o pêso do monte Apenino inteiro sôbre o coração.

«Isto foi o que senti o primeiro dia; mas o que passa dentro em mim depois que fui vendo e conhecendo de perto a carga que tomei nestes ombros, o que depende de mim, o de que me obriguei a dar conta a Deus e a V. Santidade, não sei como o declare, senão fôr com dizer que bem e acertadamente fêz o outro monge, que antes escolheu fugir da Religião que arriscar-se a ser prelado. Que sirvam as igrejas e as governem aqueles que para isso teem talento e

experiência, tal seja minha vida (1); mas que se busquem para elas homens sem nenhuma destas partes, é grande temeridade dos eleitores e igual risco dos eleitos.

«Não é a mesma cousa letras de Teologia, e sciência de governar. Uma e outra cousa se aprende, e não se sabe senão o que se aprende e estuda. A minha Teologia estudei com cuidado, dela saberei dar conta. Do que não aprendi como hei-de querer ser mestre? Em matérias de govêrno confesso chãmente, e declaro-me, Beatíssimo Padre, e descarrego-me com V. Santidade, que sou idiota e de todo ignorante; e conhecendo-me por tal, aqui nas mãos de V. Santidade deponho a mitra e lhe encarrego a consciência que a ponha sôbre melhor cabeça. E pois V. Santidade tem aceitado meu parecer em cousas de muita importância, obrigação tem de cuidar que o não enganarei

(1) O contexto mostra claramente o sentido da expressão *tal seja minha vida*. A sua explicação lógica e gramatical é, porém, mais difícil. Com uma virgula depois de *tal* poderia a frase desdobrar-se numa fórmula de aprovação e concordância *(tal seja, seja assim)* e noutra de juramento em refôrço *(minha vida = ¡por minha vida!)*

nesta, que está tanto à sua conta como tôdas as mais; e eu ainda que sou parte, digo nela, como nas outras, livremente o que sinto».

Quisera-o o Papa atalhar, tanto que lhe alcançou a tenção; mas ia o Arcebispo tam enlevado no que dizia e falando tanto da alma, que o foi sofrendo; e em-fim não pôde mais esperar e cortou a prática sècamente, havendo que era género de culpa e consentimento, em tal matéria, ouvir razões nela. E assim o desenganou que nunca em-quanto vivesse lhe consentiria largar a igreja; que a governasse com o cuidado e diligência que fazia, e não tratasse doutra cousa.

Replicava o Arcebispo e começava a apontar novos inconvenientes. Mas o Papa, por lhe não dar mais orelhas, como em cousa fora de tôda a razão, cerrou com sentença de golpe (1) e mandou-lhe por obediência que naquele particular lhe não falasse mais palavra.

*

* *

Doze dias havia que o Arcebispo estava em Roma e pareciam-lhe outros tantos

---

(1) = cortou bruscamente a discussão.

anos. E como tinha arrematado (1) os negócios que o levaram a ela, ainda que no principal ficara o feitio perdido, picava-o já o escrúpulo de estar ausente do lugar da batalha e do trabalho — digo de Trento — onde podia ser de proveito; e sobretudo ardia em saùdades da sua liberdade e vida monástica ordinária, desejando ver-se já onde tomasse vingança de tanta vaidade e tanta delícia como cursara em Roma.

E logo no dia seguinte foi ao Papa, pediu-lhe licença e sua santa bênção para se tornar ao Concílio.

Era presente o cardial de Lorena, que também andava de caminho e queria que tornassem juntos. A sua instância respondeu Sua Santidade ao Arcebispo que seria bem esperasse pelo amigo e companheiro com que viera.

Replicou o Arcebispo que não se atrevia com tal companhia; e cobrindo com razão cortesã e verdadeira as que mais o obrigavam (2) como atrás contamos, acrescentou

(1)=concluído.

(2) As razões que mais o obrigavam eram a sua modéstia e humildade, avêssas à pompa do cardial de Lorena.

que o Cardial caminhava em uma mula que voava como águia, e a sua não a podia aturar.

— Não seja essa a dúvida, tornou o Papa. Eu vos darei uma mula que também é águia. Deixai-vos estar.

Assim o despediu, e logo à tarde lhe levou um estribeiro a mula. Era russa pomba, e mui bem feita e bem merecedora do nome de *Águia* que sempre lhe ficou, porque na verdade no passeio não tinha igual, e por tal, quando Sua Santidade fazia caminho fora de Roma, não cavalgava noutra.

Passados dous dias tornou a S. Santidade com algumas razões que havia de novo, por onde lhe convinha tomar a dianteira ao Cardial e não tardar; mas não lhe valeram.

Ao outro dia que tornou a instar, disse-lhe:

— Bracarense, em todo o caso me tornai a ver pela manhã, que ainda temos que falar.

E em-fim, pelo contentar, disse que lhe dava licença. Mas, quando o Arcebispo foi sôbre tarde para lhe beijar o pé por última despedida, achou-se enganado; porque S. Santidade com a sua boa sombra costumada:

— Ainda, disse, vos não hei por despe-

dido de todo; ainda vos quero tornar a ver pela manhã com vosso companheiro, que há cousas que convêm comunicarmos juntos, para ficar mais quieto.

Na manhã seguinte saiu o Papa de sua câmara, acompanhado de tôda a Côrte, e foi visitar o cardial de Lorena ao seu aposento, que era dentro no sacro palácio, como temos contado. E esta tarde gastou Sua Santidade quási tôda com o Arcebispo, e últimamente lhe lançou a bênção e o despediu com tantos abraços e significações de verdadeira afeição, que se deixou bem entender que o fôra a que até ali lhe mostrara. E antes que de todo o largasse tirou um anel do dedo e disse-lhe que o levasse em seu nome e em penhor de amor e lembrança.

(Liv. I, Caps. XXVII e XXVIII).

CAPÍTULO XX

Regresso a Braga. Trabalhos e desgostos (1)

Não sei que doçura encerra em si êste nome da Pátria, que vendo entrar o Arcebispo nela, assim nos alegra escrevendo, como se com êle fôramos peregrinando e com êle tornáramos triunfando.

Promete a Pátria descanso, quietação, paz e alegria. Mas é miserável condição a dos que governam, por mais que a doure a ambição.

Porque, havendo de haver justiça, desarreigar vícios, emendar vidas, tam bom mártir será um prelado entre os seus, que não terá necessidade de ir buscar a palma e a coroa a Marrocos.

---

(1) Os Caps. XXIX a XXXIV do Liv. II da obra de Frei Luís de Sousa relatam a volta de Roma a Trento, o encerramento do Concílio e a travessia de Itália, França e Espanha até a entrada em Portugal por Freixo de Espada-à-Cinta.

É de saber que em tempos antigos tôda a jurisdição, assim espiritual como temporal, do arcebispado de Braga, e tôda a administração das rendas e frutos dêle, eram comuns entre os arcebispos e cabido e indivisamente se governava tudo.

Correram os anos, cresceu a malícia, começou a haver diferenças e demandas, que passaram, como é ordinário, a grandes contendas e desgostos.

Em-fim, para quietação vieram a partidos (1), e compuseram-se nesta forma:

Que as rendas se repartissem igualmente entre o Arcebispo e o Cabido; e, quanto à jurisdição, a temporal fôsse tôda *in solidum* do Arcebispo, mas a espiritual o Cabido a tivesse e exercitasse em tôdas as freguesias, capelas e ermidas da cidade, e sôbre as igrejas de S. João do Souto e S. Tiago, sem o Arcebispo se poder entremeter nela em nenhum tempo. E tôdas as mais igrejas do arcebispado ficassem da jurisdição do Arcebispo, sem o Cabido entender jàmais com elas.

Êste acôrdo apaziguou discórdias presentes, mas deixou semente para levantar ou-

(1) = combinações, transacções.

tras maiores pelo tempo adiante. Porque em virtude do concêrto nomeava o Cabido visitadores que visitavam o clero e os seculares da cidade; e o Pastor, que o era em obrigação e nome, ficava sem conhecimento de suas ovelhas e sem poder entender qual era a vida dos eclesiásticos, dos ricos, dos poderosos da cidade.

E estava claro que, havendo neste género de gente vícios e culpas, de que a liberdade e a riqueza são fonte certa, nunca poderiam ter emenda, pois a eleição dos que as haviam de sindicar pendia do arbítrio dos mesmos que muitas vezes eram mais culpados.

Assim havia males públicos e sem remédio, não faltando visitas contínuas de cada ano. E era o mal maior, porque sendo em pessoas grandes e pôsto como em praça pública, por ser na cabeça do Arcebispado, os que vinham à cidade levavam para suas casas exemplo de muito escândalo: os maus para serem piores, e os bons para caírem fácilmente.

Donde nascia serem de pouco efeito as visitações dos outros lugares; que a malícia sabe fazer seus silogismos, e qualquer compreendido em culpa, por grave que fôsse,

achava parceiros ricos e nobres, e às vezes com mais publicidade, e tomava armas das culpas alheias contra o castigo e repreensão.

Considerava tudo o nosso Arcebispo e chegava-lhe à alma ver chagas podres e já contagiosas dentro dos muros em que vivia, e sendo êle o cirurgião verdadeiro delas, achar-se com as mãos atadas para as curar.

Acabada de assentar a fábrica e taxas das contribuições do Seminário, sem meter tempo em meio mandou significar ao Cabido que escusassem (1) nomear visitadores para a cidade, porque êle em cumprimento dos decretos do santo Concílio, a que estava mais obrigado que às composições e assentos de seus antecessores, começaria a visitar suas ovelhas, cuja jurisdição nenhum prelado podia ceder a outrem em prejuízo de seus sucessores. E nomeou dia.

Não há palavras que possam bem declarar as poeiras, as gritas, os estrondos, que levantou em todo o género de gente esta determinação.

Respondeu o Arcebispo com tôda a mo-

---

(1) Note-se a concordância do verbo no plural como o substantivo colectivo *cabido*.

deração poucas palavras, e, tanto mais constante quanto mais brando se mostrava, foi continuando e preguntando testemunhas.

Replicou-se por parte do Cabido; e como o Arcebispo não desistiu, foi-se ateando dêste dia em diante a mais guerreada demanda, e de mais trances e recontros, que houve em muitos anos neste Reino.

*

*　　*

Não levantou mão o Arcebispo da visitação, correndo tôdas as igrejas da cidade, e visitando todo o género e estado de gente secular e eclesiástica até a ter cerrada. (1)

E como os pobres eram os seus mais queridos filhos, quis saber o cuidado que dêles se tivera nos anos de sua ausência: dos que se vestiram na cidade e em todo o Arcebispado; das órfãs que se casaram nos lugares de sua obrigação, para as quais deixara quantia de dinheiro certa e separada; das viúvas e envergonhadas que se visitaram com esmolas. E isto fazia, não para pe-

(1) = concluída.

dir conta estreita das rendas com termo (1) avaro e desconfiado (que esta não tomou nunca nem a mandou tomar, porque os ministros de que se servia eram tais, que não havia nem podia haver dêles desconfiança). Que êste é o verdadeiro método de bom govêrno com que nos bons tempos se regia o mundo: muita diligência por achar um bom ministro; achado, fiar dêle tudo.

Hoje vai tudo tanto ao revés, que o primeiro contra quem se acautelam os governadores das repúblicas, é o mesmo que acabaram de eleger para o cargo. E é gran (2) caso que na hora que lhe deram o cargo, nessa mesma o teem já por suspeito (e ainda mal, porque muitas vezes lhes sobeja razão; mas a culpa é mais dos eleitores que do eleito).

(Liv. III, Caps. I a IV).

---

(1) = modo.
(2) = notável, estranho.

CAPÍTULO XXI

Visitação nas terras de Barroso

TEM o Arcebispado de Braga muitas igrejas entre montanhas e serras fragosíssimas. Mas as que estão nas terras que chamam de Barroso teem um sítio (1) tam intratável de serras e penedias quási sempre cobertas de neve, de picos que vão às nuvens, de brenhas temerosas, de vales profundíssimos e passos perigosos, que mais parecem morada de feras e selvagens, que de homens capazes de razão e juízo. E contudo são muitas as igrejas, e muito em número o povo que se cria por aquelas matas, como formigas em formigueiros.

Na hora que o Arcebispo publicou a jornada não houve homem, dos que lhe podiam dar conselho, que lha não encontrasse (2) com muitas razões, afirmando todos à uma

---

(1) = disposição, modo.
(2) Hoje diríamos *contrariasse*.

que era género de tentar a Deus, pelos perigos certos a que se oferecia a si e a todos os seus, em terra sempre invernosa, sempre cheia de neve, onde, até na fôrça do verão, havia tempestades de ventos e frios de cruelíssimo inverno, riscos manifestos nas subidas das serras, serras tam íngremes que por muitas partes era forçado ir a pé, e talvez valer das mãos; maior risco nas descidas ou precipícios dos vales, que só de olhar para baixo se perdia a vista, tremiam as carnes, pasmava o ânimo, e todo o encarecimento ficava curto, falando de longe, para o que havia de achar de perto. Sobretudo (1) terra pobre, estéril, falta de mantimentos e muito mais de gasalhados, e em-fim tal, que nunca nenhum prelado se atrevera a subir a ela, se não fôra o grande S. Geraldo (se se pode dar crédito a uma tradição que de tempos antiqùíssimos anda naquela gente) e que todavia lhe custara a vida, acabando aí seus santos dias.

Entrando pela terra começou o Arcebispo a visitar pelas fraldas dos montes e pelo menos fragoso. E logo foi vendo que, se os que lhe estorvavam a ida falavam

(1) = além de tudo

verdade no que diziam da qualidade do sítio, muito mais ao certo lhe adivinhara seu coração o miserável estado que achava nas almas e consciências da pobre gente. Podemos bem dizer que não havia cristandade mais que no nome.

Correu a voz pela serra da vinda do Arcebispo. Abalou-se tôda. Foi o alvorôço e a alegria sem medida. Juntavam-se a recebê-lo pelos caminhos com suas dansas e folias rudes, que era o extremo de festa que podiam fazer. E porque não fôssem julgados por menos agrestes que os seus matos, nas cantigas que entoavam entre as voltas e saltos dos bailes, publicaram (1) logo a quanto chegava o que sabiam do Céu e da fé.

Uma dizia assim:

— ¡ Benta seja a Santa Trindade, *irmã de nossa Senhora!*

Êste mote, com glosas igualmente disparatadas, repetiam muitas vezes, havendo que (2) granjeavam com música santa um prelado que trazia fama de santo e mostravam fineza de cristandade.

(1) = manifestaram, denunciaram.
(2) = supondo que.

¿Que faria um prelado pio e zeloso neste passo? Finavam-se de riso todos os seus. Êle fingia semblante alegre, porque convinha para contentar e assim ganhar e remediar aquela rudeza; mas em seu coração chorava lágrimas de sangue, vendo tanto desamparo no geral que não era menos nos particulares, como logo foi descobrindo.

Encontrou a um caminhando. Chamou-o, preguntou-lhe quantos eram os mandamentos da Lei de Deus. Respondeu espevitadamente que erám dez. Mandando-lhe que os declarasse, foi a resposta levantar as mãos ambas e alargar os dedos, fazendo conta que em mostrar o número nos dez dedos estava a sciência. E nenhuma outra cousa soube o pobre dizer...

Daqui se pode inferir qual estava tudo. Começou o Arcebispo a fazer seu ofício com grande piedade, ofício de verdadeiro pastor e pai. Como com meninos, assim estava com êles; assim lhes fazia a doutrina, prègava, crismava, rogava, animava, e amimava, mais do que repreendia. Porque a gente, de seu natural, era inclinada ao bem; e, dos males que havia, os mais procediam de falta de mestres, poucos de malícia.

Andava já o Arcebispo no mais traba-

lhoso da serra. E passava um dia de Covas de Barroso para onde chamam as *Alturas*, ou o *Salto*. Era o caminho uma vereda muito estreita, e costa arriba por uma serra íngreme e altíssima: e de uma e outra banda quási como talhada a pique; e os vales tam fundos, que metiam mêdo.

Caminhavam todos infiados um trás outro e com assaz pavor, e, como dizem, *com o Credo na bôca.* Diante iam sete azêmolas de carga, que levavam camas e mantimento, como se fazia conta que era o caminho por deserto.

Seguiam os criados, e família, e os visitadores que ajudavam e sempre acompanhavam o Arcebispo. Na retaguarda, um espaço atrás, ficava o Arcebispo, acompanhado sómente dalguns de pé, que nunca o largavam.

Era êste o costume do Arcebispo:

Com os braços cruzados, e os olhos no Céu, e as rédeas da mula lançadas em banda, caminhava muitas léguas sem dar fé de nada, e às vezes por passos bem perigosos.

E guarda Deus com tanto cuidado os pés dos que trazem os olhos e o coração nêle (segundo o que tem prometido) que afirmavam os que o serviam, espantados da pos-

tura e enlevamento em que sempre ia, que nunca viram cair, nem menos tropeçar ou embicar, a mula em que caminhava.

Na ordem que temos dito iam caminhando devagar e com trabalho; senão quando, ao tempo que iam no mais alto da costa (1) e quási vencendo o cabeço do monte, resvala uma das azèmolas de carga; e, em resvalando, tudo foi um: resvalar e ir em tombos pela costa abaixo. Ia nesta paragem o carreiro, ou vereda que seguiam, em voltas; vinham abaixo as outras azêmolas; dá sôbre elas a que vinha em tombos; com o ímpeto que trazia, derriba a primeira que encontrou; esta leva outra, e outra a que a seguia...

Assim se foram encontrando, empuxando e derribando, até darem nos que vinham a cavalo que, sem remédio, como não havia nenhum para se desviarem, vieram quási todos a terra, dando voltas sôbre os penedos.

Foi grande a grita que o sobressalto e o perigo fâz levantar a todos, chamando em altas vozes pelo nome de Jesus e de Nossa Senhora, dando-se por acabados e havendo

(1) = encosta.

que não parariam senão no fundo do vale, feitos em pedaços.

Foi tal o alarido, que o Arcebispo, inda que vinha muito atrás, o ouviu claramente, como crescia o eco entre os vales e concavidades da serra.

Entendendo o que poderia ser, mandou aos de pé que o acompanhavam fôssem correndo acudir. E êle apeou-se e, derribando-se em terra com as mãos e olhos levantados ao Céu:

— Ah! Senhor, disse, ¿como permitis que sejam perturbados passos tanto de vosso serviço, como vós sabeis que estes são? ¿Que dirão os que tanto fizeram pelos estorvar, ficando descansados e quietos em suas casas? ¿E como se atreverão estes a passar adiante e acompanhar-me, se os não guardais?

Sem dizer mais, esteve em silêncio, orando, quási meia hora; e, tornando a cavalgar, disse alegremente ao que lhe tinha a mula de rédea:

— ¡Seja Deus para sempre louvado! Ninguêm perigou.

Entretanto os caídos se tinham alevantado, e os de pé carregado de novo as azèmolas; e, juntos todos, acharam que em tam evi-

dente perigo nenhum dano se recebera; e ainda que alguns deram muitas voltas sôbre penedos agudos e troços de árvores, onde só o pêso e a fôrça da queda era bastante para matar, nem cavalgadura nem homem ficou ferido nem mal tratado, excepto um só que estroncou um pé — cousa muito leve.

Assim davam todos o caso por milagroso e tornaram a caminhar até ganharem o alto da serra e ficarem na estrada larga.

Como foram em cima, pararam, juntaram-se, davam-se os parabêns uns aos outros de se verem salvos, como se naquele dia nasceram outra vez; e assim davam a Deus graças sem fim. Mas entraram em cuidado do que seria de seu amo e logo alguns tornaram pelos mesmos passos em sua busca, temerosos de semelhante sucesso ao em que se viram.

Porêm logo ficaram desassombrados e pararam, que o viram de longe que vinha pouco a pouco subindo; e quando chegou a êles, antes que ninguêm falasse levantou as mãos ao Céu, e com rosto ledo e risonho disse:

— ¡ Seja o Senhor louvado, que ninguêm perigou !

Ficaram todos atónitos, olhando uns para

os outros, de ouvirem o que lhes dizia, sabendo certo que êle os não vira cair; e quando bem lhe chegasse o rumor e grita, era impossível ter notícia do sucesso e de como cada um ficara, se não fôsse por divina revelação.

*

* *

Neste limite das *Alturas*, que com muita razão possui tal nome pela eminência que tem sôbre tôdas as mais serras de Barroso, há no alto largueza e descampado, e muitas terras lavradias e frutíferas; e, pelo conseguinte, abundância de moradores com suas igrejas.

Havia algumas que em três meses não tinham missa. A causa era que nenhum cura aturava nelas, por ser a vivenda intolerável; e se alguns perseveravam, eram tam rudes como seus fregueses, que aceitavam a estância por lhes faltar cómodo em melhor sítio, por sua insuficiência.

Nenhuma igreja, de todo êste distrito, lhe ficou por ver. E visitando tôdas, como visitou, mais de assento e sôbre mão do que costumava por outras partes, magoava-se tanto da barbaria de costumes e cegueira

em que viviam, que chorava não ter vindo ali o primeiro dia que conheceu Braga. O que de presente fazia era encomendá-los a Deus em contínua oração, e pedir-lhe remédio para seara tamanha, tam afogada de más ervas e tam falta de bons obreiros.

Acudiu o Senhor piedoso e ofereceu-lhe traça que bem pareceu, pelo sucesso, inspirada do Espírito Santo. Considerou que levando dali os moços que houvesse de bom jeito, e fazendo-os criar domésticamente ao seu bafo e no estudo, poderia adoçar aquele natural montezinho e sáfaro, e saìriam tais que prestassem para curas e mestres de seus naturais.

Como o imaginou, assim o pôs por obra, e assim lhe sucedeu depois. Mandou logo levar muitos para a cidade, e recolhê-los em sua casa, e vesti-los.

Aprendiam, cresciam na idade e nas letras. Como eram (1) bastantemente instruídos ordenava-os em sacerdotes, provia-os nas igrejas e curados dos seus lugares. E porque não faltasse nada, vestia-os decentemente, e mandava-os contentes e honrados.

(Liv. III Caps. V e VI).

(1) logo que estavam.

CAPÍTULO XXII

Conflito com as Ordens Militares

Nos tempos antigos, os nobres e os valerosos prezavam-se de enriquecer as Igrejas, e partir com elas liberalmente do que com seu braço e à custa do sangue ganhavam. Veio depois outra idade avara e cobiçosa em que qualquer homem, pobre ou rico que fôsse, mais nobre ou menos nobre, em se vendo possuidor das rendas da igreja assim se descuidava do concêrto e ornato dela, assim tratava e lograva as rendas, como se uma cousa e outra foram vinha ou casal herdado de pai e avós, e èle o proprietário, e não usufrutuário, como na verdade é todo o homem que possui renda eclesiástica. E, como proprietários, se atreviam a fazer repugnância ao bispo, se acudia pela igreja descomposta e mal tratada.

Aconselhados com brandura, enjeitavam conselho; obrigados com fôrça, contraminavam o mandato: logo queixas a seus juízes,

litígios, inibitórias (1), confusões; de sorte que os prelados, de cansados, vinham a largar as causas, e ficavam padecendo as igrejas cujas eram as rendas.

Para remédio dêste desamparo acudiu o santo Concílio Tridentino com saùdável decreto. Mas ofereciam-se ao Arcebispo montes de dificuldades muito duras de vencer, e mais pesadas que as que já lhe davam assaz de inquietação com o Cabido. Porque estava claro que entrava em guerra descoberta com quási a maior parte do Reino, e com tôda a nobreza dêle, cujas rendas principais constam de igrejas e comendas. Pelo que, tanto que chegou do Concílio, mandou estudar o caso por pessoas de sciência e consciência e bem curiais (2), pedindo-lhes que particularmente considerassem a quanto e em que grau lhe obrigava a consciência, contrapesados todos os inconvenientes certos e sabidos. E êle tambèm tomou a cargo revolver por sua parte os livros, e, encomendando primeiro o negócio a Nosso Senhor com um puro desejo de acertar no que

(1) = decretos ou despachos contrários.

(2) = doutas, versadas, especialmente nos negócios da Cúria.

mais seu serviço fôsse, em-fim se resolveu, depois de longo estudo com as pessoas que consultou, que tinha obrigação precisa, em consciência, de visitar tôdas as igrejas de seu Arcebispado, sem excepção de nenhuma, por isenta e privilegiada que fôsse; porque tôdas estavam à sua conta, e sôbre sua alma carregaria o descuido que nelas houvesse, como de supremo e mais verdadeiro administrador, e como a tal lhe pediria Deus conta delas.

Tomada esta resolução, pareceu-lhe que devia dar conta dela na sua Relação e assim o fêz, pouco antes de partir para as terras de Barroso.

Muito antigo é, nos conselhos públicos, haver pouca gente que encontre (1) as propostas, mormente se quem propõe é príncipe, ou tem poder supremo.

Nasce isto de uma certa fraqueza e abatimento de ânimos que reina no mundo, não se atrevendo ninguêm a desgostar a quem manda; ou de terem respeito os conselheiros a seu particular (2), mais que ao bem público e do príncipe.

---

(1) = contrarie.

(2) Subentenda-se *bem* ou *bem-estar*.

Porque, como as propostas descobrem logo a tenção nos termos e no jeito delas, os que se teem por mestres no trato do mundo mais se cansam em enfeitar linguagem para as abonar e dar por acertadas, que em cuidar se o são. Temem perder lugar na graça do Príncipe, não conformando com êle; sujeitam o entendimento à pretensão, e a verdade ao negócio.

E desta fonte teem brotado grandes males, que ainda hoje teem vivas as lágrimas nos olhos de muitos, sem esperanças de as verem nunca enxutas.

Não era assim nos ministros do Arcebispo, que além de serem homens escolhidos em virtude e prudência, sabiam que o haviam (1) com presidente com quem só a verdade e boa razão tinham lugar.

—Que nós, dizia um dêles, não condenamos querer V. S. sujeitar à visita episcopal tôdas as igrejas dos Padroados e Ordens Militares. Mas para chegar isto a efeito temos um mar no meio, tam largo e tam perigoso, que mais certo é nêle o naufrágio que boa saída. Quatro Religiões militares temos em Portugal. Dalgumas delas há muitas igrejas

(1) = que lidavam, tratavam com um chefe, etc.

nesta diocese. As três teem por cabeça quem o é do Reino, que é o mesmo Rei: ¿quem poderá com elas?

«A outra, que é a de S. João de Malta, não é menos poderosa, porque os comendadores dela, pela parte que teem de mais religiosos, hão (1) que são de casa e imediatos ao Sumo Pontífice, e não querem reconhecer por cá nenhum superior; e pela que são soldados (2) partem pior com suas igrejas: devem cuidar que assaz teem feito por elas no sangue que lhes custaram. E se os advertimos, ainda que seja com tôda a modéstia, são homens assomados, briosos e brigosos, perdem o respeito, rasgam a cortesia e depois, no litigiar, são contumacíssimos.

«Pois as igrejas que são anexas a mosteiros e colégios teem outro género de armas, outros baluartes de defesa na modéstia e brandura que sabem usar, com que se fazem mais inexpugnáveis que tôdas.

«E sendo assim, ¿que homem sisudo há de haver, que não sinta ver a V. S. embaraçado em litígios com colégios, com mosteiros, com soldados; com poderosos, com va-

(1) = entendem consideram.
(2) = pela parte que teem de soldados.

lidos, com fidalgos, e em-fim com o mesmo Rei, e com todo o Reino?

«Ajunta-se ter V. S. começado uma causa tam nova e tam árdua, como é a que já corre com o Cabido, que não é acêrto darlhe companheiros, e tantos, na queixa; que muitos queixosos juntos, inda que de parte de cada um haja pouca razão, abalam muito e fazem muito. Pelo que, tudo, sentimos, e assim o pedimos a V. S., que, ou deponha de todo êste pensamento, ou ao menos espere o sucesso do negócio do Cabido.

«Para quebrar um feixe de setas juntas, não basta um gigante; uma por uma, sobeja um menino».

Ouviu o Arcebispo atentamente, como costumava, o que o desembargador disse, que os mais dos companheiros com o semblante e meneio mostraram aprovar; mas respondeu com poucas palavras, e desassombradamente, que nunca Deus quisesse que por temores do mundo deixasse de fazer o que sua consciência lhe ditava; que de pouca fé seria notado para com o mesmo Deus, se largasse causa tanto sua, e que êles julgavam por justa e santa, por mêdo

de desagradar aos príncipes e aos poderosos; ou por isso arreceasse desassossegos, e ainda afrontas.

*

* *

Não se podem crer as marulhadas de litígios, de queixas, de dúvidas e controvérsias, que por todo o Reino se moveram contra o Arcebispo.

Logo seguiam protestos, requerimentos e demandas para diante dos Conservadores (1) de cada Ordem.

Êle desabafadamente respondia e acudia a tudo; e quando de fora se lhe tinha lástima, não faltando quem cuidava que estaria afogado com a máquina de tantos negócios, vivia em tanto repouso, que de nenhum de seus acostumados exercícios perdia uma hora.

Multiplicavam os Conservadores requerimentos; fulminavam inibitórias e excomunhões. Nada lhe descompunha o passo, ou afrouxava a constância.

(1) = advogados; guardas e defensores jurídicos dos direitos de cada uma das Ordens e outras corporações.

Assim litigiava, como se não fôra parte em nada. Contra as excomunhões estava armado de particular breve do Papa, que impetrou em Roma com outras graças semelhantes, como quem já então determinava o que agora fazia e antevia o que agora passava.

E pelo breve se absolvia de tôdas.

(Liv. III, Caps. VII e VIII).

CAPÍTULO XXIII

Frente a frente com a devassidão e a violência dos grandes

O vício na gente nobre é vício pôsto a cavalo e entronizado, que em lugar de ser estranho e aborrecido, se faz honrar e respeitar. E dêste exemplo nasce o estrago e perdição de muitos.

¿Que maior desconsolação para olhos de um prelado puro e honestíssimo, que ver torpezas e devassidões não só desenfreadas, mas autorizadas?

Já o caluniavam de amigo de novidades, em querer desarreigar vícios que sempre houvera no mundo; apertar e sinalar-se com os nobres; curar culpas envelhecidas e quási tornadas, com o costume, em natureza. Já, pelo vituperarem, punham no Céu outros prelados que, sendo bons e virtuosos, dissimulavam muitas; que não era só (1)

---

(1) = êle só.

mais sábio e melhor que todos; que não podia bem governar quem não sabia dissimular.

Daqui passavam ao intento de visitar a cidade e Cabido (que era matéria altercada já por todo o Reino), à liberdade com que cortava pelos Padroados, pelas Comendas, e Comendadores. Tachavam-no de presunçoso, altivo e atrevido.

Por maneira que, em tudo o que devia ser estimado seu govêrno para terem remédio os males públicos, era roído destas harpias, sem lhe deixarem osso são.

Constou-lhe, andando em visitação, que em certo lugar havia um homem nobre de sangue, rico e poderoso de fazenda, que de muitos anos atrás não fazia vida com sua mulher e estava em mau estado com outra a olhos e face do mundo; e ao desaforamento da vida ajuntava uma soberba luciferina e prezar-se de fôrças e esfôrço (1). De maneira que não temia a Deus, e era temido de todos.

De visitadores não fazia caso, e os Arcebispos passados nunca lhe puderam achar remédio.

A êste tal mandou o Arcebispo chamar a

(1) = coragem.

sua casa, e lhe fêz uma prática com razões tam pesadas e palavras tam ásperas, que pareceu que as estudara como antídoto composto de brio e valor contra a soberba e valentia. Afeou-lhe o escândalo de tantos anos, o fedor da culpa em que jazia sem se sentir, mais como selvagem que homem racional; a afronta que fazia a seu sangue; o perigoso estado em que estava. E, para remate, lançando fogo de zêlo pelos olhos e por todo o rosto, mandou-lhe, sob pena de excomunhão maior, que dentro de tempo certo, que logo lhe limitou, lançasse fora a má conversação (1) e trocasse a vida — com apercebimento (2) que, se o não fazia, nem o havia de absolver, nem consentir que fôsse admitido aos ofícios divinos em nenhuma igreja do Arcebispado.

— E então (acrescentou) vivereis de todo como hereje, ou como mouro.

Fêz o Arcebispo seu ofício falando; quis Deus provar se o fazia tam bem ouvindo.

Houve-se o valente por afrontado, não só repreendido: vazou-se em palavras sôltas e descompostas contra o prelado, e

(1) = convívio.

(2) = com advertência que.

saíu-se pela porta fora furioso e ardendo de braveza, misturando queixas com ameaças: que não satisfaria com menos ao pouco respeito que a sua pessoa e qualidade tivera, que com lhe tirar a vida.

Ouvia-o o Arcebispo e oferecia a Deus o que ouvia, em sacrifício não só por si, mas muito mais cordialmente pelo mesmo furioso, havendo dêle grande lástima em seu coração.

¿E que não acabaria um tal sacrifício? Muitos exemplos temos de quanto Deus estima orações por inimigos e perseguidores. Esta teve tal poder, que não passaram muitos dias que êste temeroso leão se veio aos pés do Arcebispo feito um cordeiro, pedindo com verdadeira humildade perdão de suas culpas e pondo-se em suas mãos, rendido e pronto para tudo o que lhe quisesse mandar.

*

* *

Juízes de Fora são ministros que el-rei põe nas vilas maiores e de muito povo, para bom expediente da justiça.

Visitando o Arcebispo uma vila das que se governam por estes ministros de Fora,

achou que públicamente vivia mal o que ali assistia, e com tanto despejo e liberdade, que a justiça das partes pendia do arbítrio de quem lhe trazia o juízo e alma infernada, e vinha a ser governada a terra por uma mulher infame. Como a quem tal fazia, assim o tratou o Arcebispo.

Mandou-o notificar que aparecesse diante dêle e, como o teve presente disse-lhe, com voz e rosto crime (1) — palavras formais:

—¡Vós sois um grande ladrão!

Não ouvira em sua vida o juiz palavra semelhante (que as verdades poucas vezes se dizem, e menos vezes se ouvem). Ficou atónito e corrido; e disse ao Arcebispo, que devia olhar que afrontava um ministro de el-rei, e oficial público de justiça.

— Eu vos provarei, tornou o Arcebispo, que sois ladrão público da justiça: vós estais públicamente amancebado com foam, (2) que nisto não há dúvida, que me consta jurídicamente por autos e ditos de testemunhas contestes (3) e legais: e quem há mister al-

(1) Adjectivo = criminador, acusador.

(2) = fulana.

(3) = concordes; que depuseram o mesmo umas e outras.

guma cousa de vós e de vosso ofício, boa ou má, justa ou injusta, com ela se negocia (1), e vós assinais o que ela manda, e assim roubais a justiça às partes. E isto é ser ladrão.

Após esta conseqüência (2) carregou-lhe a mão com uma grave repreensão, lembrando-lhe de caminho que abrisse os olhos, porque sua vida e remédio não dependia mais que de fazer bem seu ofício. No que lhe quis significar (o que foi grande parte da emenda) que avisaria a el-rei; e pouco bastava em semelhante matéria para logo ser excluído do serviço rial, e por conseguinte ficar perdido.

Mas, para fazer de todo a cura perfeita, mandou logo lançar da vila a miserável mulher. E o juiz tornou sôbre si.

*

* *

Andava o Arcebispo ocupado nesta visitação, que pelo que podemos coligir era ainda no distrito das terras que chamam de Trás-os-Montes, quando foi avisado que na vila de Chaves o ouvidor dela entrara violentamente em uma Igreja, e tirara dela à

---

(1) = com ela, fulana, se tem de entender.
(2) = conclusão.

fôrça um delinqùente (teem nome de *ouvidores* os ministros de justiça maiores, que os senhores particulares põem nas terras de seus estados). E foi o caso que o ouvidor desta vila quis prender um homiziado (1) em fragrante delito. Escapou-lhe por pés, meteu-se na igreja.

O ouvidor, que lhe ia no alcance, desatinado com a paixão de o ver pôsto em salvo e do crime que deixava cometido, achando já a igreja fechada, manda vir machados. Èle por sua mão, porque não houve outrem que se atrevesse, fere nas portas sagradas, e (cessam coriscos: (2) ¡quantos desatinos nos

---

(1) = homem que andava fugido, para se livrar da vingança dos parentes de alguma pessoa morta por êle, ou para não ser preso por qualquer grave delito.

(2) O *corisco* era um suposto fenómeno áereo: um relâmpago, com ou sem trovão, seguido da queda à terra de um corpo sólido = *pedra de raio*, ou *de corisco*. (Errada ligação popular do fenómeno real da queda das pedras meteóricas, com o aparecimento na terra dos machados pre-históricos). = A expressão *cessam coriscos* indica o horror pelo sacrilégio narrado, como se dissesse: ¡O o atentado consuma-se e Deus, na sua paciência, não manda à terra um corisco para fulminar o sacrilego!

sofreis, bom Deus!) fende, racha, arromba, e entra dentro, desaferra dos altares o delinqùente, leva-o preso e lança-o, carregado de ferros, no fundo da cadeia pública.

Na mesma hora que o Arcebispo foi sabedor do que passava, deixou tudo o que fazia em aberto e, pôsto a caminho, não corre mais depressa o pastor à nova do lôbo que lhe salteou o curral, do que êle apertou o passo e atropelou as léguas que havia em meio, que não eram poucas.

Chegando à vila, devassou do caso judicialmente e, tanto que lhe constou da verdade, manda juntar todo o clero e cruzes da terra, ordena uma procissão — as cruzes cobertas de negro e o clero entoando em voz baixa e sentida o Salmo *Quare fremuerunt gentes, etc.*, êle no couce, e manda guiar para a igreja violada.

A novidade da procissão, o espectáculo de tristeza, fêz terror no povo, despejou as casas, levou após si tôda a terra. Subiu-se o Arcebispo no púlpito, fêz uma prègação ao propósito, de palavras e sentenças cheias de sentimento, e imediatamente fulminou sentença de excomunhão maior contra o ouvidor, declarando-o por público excomungado. E no mesmo dia despachou manda-

dos por todo o Arcebispado, que não fôsse admittido aos ofícios divinos em nenhuma igreja nem mosteiro. E porque tardava em tornar o preso à igreja, agravou as censuras e pôs interdito.

Aqui não houve mais dilação: tornaram o preso, e o ouvidor, como católico cristão, pediu com humildade perdão, e licença para ser absolto e reconciliado, afirmando que zêlo de justiça e não desprêzo da Igreja o fizera atrevido.

A desculpa era verdadeira; mas como o caso foi público e escandaloso, custou-lhe, entre outras penitências e condenações que teve, estar um domingo tôda a manhã, em-quanto duraram os ofícios divinos, com o machado às costas com que fêz o insulto, e com a cabeça descoberta à porta da mesma igreja que violara.

*

*   *

Visitando no lugar de Parada, termo da vila de Murça, soube o Arcebispo jurídicamente que o hóspede, vigário do lugar, em cuja casa estava aposentado, tinha mau trato com certa mulher, de que já havia escândalo.

Não curam os médicos sempre de uma mesma maneira, nem com uma só medicina tôdas as doenças, porque é necessário variar as curas conforme a variedade dos sujeitos. E aqui, como em hóspede e bem-feitor (1) requeria-se uma de mais artifício, e que lastimasse menos, mas que fôsse eficaz.

Cuidou-a (2) o Arcebispo e, parecendo-lhe que a tinha achada, não a quis dilatar. Quando se quis recolher, disse ao clérigo que, como (3) todos estivessem recolhidos e a casa quieta, fôsse ao seu aposento, que tinha que falar com êle.

Ficou o pobre homem assombrado e, como a consciência o argüía, o menos que temia era prisão. Mas, como já não havia escapar, animou-se e obedeceu.

Era alta noite. Achou o Arcebispo com a capa coberta. Pareceu-lhe novidade, e maior, quando viu, depois de entrado, que o Arcebispo cerrava por sua mão a porta e o mandava assentar.

---

(1) = pessoa de quem o Arcebispo estava recebendo o benefício da hospitalidade.

(2) = estudou-a.

(3) = quando.

Estando assim todo embaraçado com o que esperava e temia, se não quando o Arcebispo deixa cair a capa, e ficando nu da cinta para cima, lança-se de joelhos diante do hóspede e começa a ferir-se com cruéis e despiedados açoutes, de uma grossa disciplina.

Estava o homem tam fora de si, à vista daquele espectáculo, como se totalmente o desampararam tôdas as operações de corpo e alma.

Entretanto, foi o santo prelado continuando a disciplina, acompanhada de dous rios de lágrimas. Depois que gastou nela um bom espaço, levanta os olhos e com as mãos juntas e a eficácia que se pode entender de tal postura, pede-lhe que emende a vida, e atalhe a infâmia e que, em princípio de paga do muito que a Deus tinha ofendido, lhe ofereceria por êle aqueles açoutes e lágrimas que via.

Mui de pedra fôra quem se não movera com tal obra e tais palavras. Entrou em si, e é bom argumento (1) de que recebeu inteira saúde, sabermos que foi êle o publicador da cura (que da bôca do mé-

(1) — boa prova.

dico claro está que nunca a pudéramos saber). E ninguêm gaba a Física, (1) senão quem dela sentiu proveito.

*

* *

Visto no púlpito era um relâmpago, e ouvido, um trovão. E aconteceu um dia que, prègando contra certo vício, um ouvinte que nêle estava secretamente culpado sentiu uma tam forte impressão na alma com a linguagem e sentenças, que como raios lha penetravam, que se persuadiu que devia ter notícia de sua vida, e que só contra êle prègava e nêle apontava. E tanto se foi inquietando com êste pensamento que arreceou ser notado dos circunstantes, e tomou para remédio levantar-se, e sair-se da Igreja.

*

* *

Muitos anos havia que nenhum Arcebispo de Braga, nem ministro seu, visitava uma igreja de sua obrigação situada na raia da Galiza.

---

(1) = medicina.

E a razão era porque o abade, homem de grossa fazenda, e devasso e perdido na vida, como não determinava mudar costume, valia-se do poder e dinheiro para escusar a conta que temia.

Trazia espias pelas igrejas vizinhas, e como tinha aviso que andavam Visitadores perto, a pouco custo trazia gente armada de Galiza (que disso lhe servia o sítio) e com ela e com doze filhos de que era pai, todos homens feitos e robustos e atrevidos como varas de tal tronco, fazia-se forte na igreja.

Quando chegavam os visitadores, achavam-no encastelado e não haviam por mau partido (1) poder-se tornar em paz.

E sofria-se isto entre gente católica, e em Portugal, tantos anos havia quantos se deixam entender no número e idade dos filhos que temos dito.

Guardava-se esta emprêsa para o nosso domador dos monstros. E foi a traça tal que ninguêm senão D. Bartolomeu dera nela e ninguêm senão êle se atreveu a executá-la.

Foi visitando, até chegar aos lugares mais próximos. Ali se informou do caminho e

---

(1)=davam-se por satisfeitos com poderem, etc.

distância que havia até à igreja do levantado (1), e achou que o bom homem com a nova de sua vinda tinha junto seu presídio (2) costumado, e com portas trancadas esperava, apostado a tolher a entrada a todo o genero de visitador, inda que fôsse à pessoa dêle, Arcebispo.

Levantou-se uma manhã cedo, resoluto no que tinha consigo assentado, depois de largas horas de oração. E mandando aos seus que não bulissem sem verem recado seu com certo sinal que lhes deixou, toma seu companheiro um religioso da Ordem que sempre trazia consigo e, ambos a pé, suas capas às costas e bordões nas mãos, a uso monástico, põem-se em caminho, a acometer um esquadrão de desalmados. ¡ Santa e apostólica confiança !

Era a terra fragosa; os membros, debilitados de jejuns e penitências contínuas. Chegou a casa do abade assaz quebrantado. Antes que chegasse colheu uma vergôntea do pé de uma árvore e, com ela na mão, bateu à porta.

Acudiram os que estavam de guarda, de-

---

(1)=rebelde.

(2)=guarnição militar da praça forte.

ram rebate ao abade. Como soube que eram dois frades sós e a pé, sem receber alteração, (1) porque não via gente de cavalo nem arcabuzeiros, como fazia conta que o Arcebispo traria, quando se atrevesse a buscá-lo, quis pessoalmente ver o que queriam e abriu a porta.

Quando o Arcebispo viu e conheceu que tinha diante de si a ovelha perdida, cheio de boa esperança em sua alma, disse-lhe todo risonho e alegre:

— ¿Sabeis, filho, a que venho cá? venho-vos açoutar com esta varinha. Mas, a falar verdade, eu e meu companheiro vimos cansados e com boa fome. Se tendes alguma cousa que nos dar de comer, comamos e deixemo-nos de mais, que é tarde.

Não há palavras que possam encarecer nem declarar o sobressalto que o homem recebeu, quando conheceu que tinha o Arcebispo em casa. Ficou como homem tomado de acidente de apoplexia, que está vivo e não sabe se vive; tam atalhado e sem conselho, que não sabia formar uma só palavra.

Deixa-se cair aos pés do bom pastor,

---

(1) = sem ficar alterado, impressionado.

abraça-se com a terra, chora, suspira, geme e não fala; porque o muito que naquela hora sente e deseja dizer, não basta uma só língua e uma só bôca a publicá-lo; e se quere começar alguma cousa, a confusão atalha, a vergonha emmudece.

Com jùbilos de alma solenizava o Arcebispo o poder da mão divina, vendo tam bons princípios nesta conquista. Que quando madeiro verde começa a estilar água na chaminé, sinal é que se vai tomando do fogo.

Entretanto, fazendo-se fôrça o penitente, e como arrebentando, arrancou estas palavras do peito:

— ¡Pai! pequei contra Deus, e contra vós.

E tomando um pouco mais de alento, com um grande suspiro, prosseguiu:

— De todo o coração peço perdão de minhas culpas, gravíssimas e enormíssimas culpas, e das entranhas prometo emenda.

Não passou daqui, porque os soluços amiùdavam tanto, que lhe tomavam o fôlego, e o coração lhe batia no peito com tanto ímpeto, que parecia querer saltar fora. Mas falavam bastante os olhos, feitos dois rios de água.

(Liv. III, Caps. VIII a XVI)

CAPÍTULO XXIV

Novas bodas de Canaan

JURESSUS chamaram os Antigos uma serra altíssima e igualmente fragosa do distrito dêste Arcebispado, que hoje chamam os naturais Monte Gerez: terra pobre e, por motivo da grande aspereza, em muitas partes despovoada, e tam alheia do trato humano, que cria ursos e porcos monteses, e todo o género de veação (1) em abundância.

Visitando o Arcebispo as igrejas desta serra, chegou um dia a uma que chamam S. Martinho do Campo, assentada conforme ao nome em meio de uma várzea bem estendida, mas êrma e desamparada de tôda a companhia de gente.

Caminhava o Arcebispo com grande companhia. E, ou fôsse descuido de quem tinha a cargo negociar o provimento necessário para

---

(1) — veados e corças; caça brava de monte.

tanta gente, ou que se esperou do sítio mais abastança, faziam-se horas de comer, e não havia cousa de que lançar mão.

Começaram alguns a agastar-se e a queixar-se, porque, sôbre não haver ali nada, o lugar mais vizinho era mui distante, que se lá quisessem mandar nem para a ceia poderia vir cousa a tempo.

Não faltavam (1) outros mais desconfiados, a quem a fome arrancava palavras mais pesadas:

— Padecer, como faziam cada dia, calmas, frios, ventos, chuvas, neves, dormindo em palheiros e às vezes ao sereno, assaz de mal era; mas buscar despovoados acinte para morrer de fome, era uma crueza, um não ter dó dos criados e à custa alheia exercitar santimónias (2), pois para a sua mesa vinha o provimento diante, e só os que seguiam haviam de ficar a benefício da ventura, pendendo (3) do mal ou do bem das terras estéreis e desaventuradas por onde se vinham embrenhar.

---

(1) = Não faltavam entre os companheiros do Arcebispo.

(2) = santidades, exterioridades de santo.

(3) = dependendo.

Entendeu o Arcebispo a queixa, e, sabendo que não era menos a falta que havia para sua pessoa, cheio de confiança em Deus, com rosto alegre e risonho:

— ¿Gente, dizia, de pouca fé, porque duvidais? Animo, ânimo, meus filhos: não haja ninguêm que desmaie. Trabalhadores sois da vinha do Senhor, pois me acompanhais e ajudais: tam bom pai de famílias não pode faltar aos seus jornaleiros.

Mal se quieta povo faminto. Tam seguramente falava o Arcebispo como se já vira o mantimento presente. Tam desconfiados e tristes estavam os seus, que nada os esforçava.

Passava de meio-dia, eram dias de maio e tinham caminhado tôda a manhã. Apertava a necessidade, se não quando, levantados os olhos, vêem cobrir-se os rochedos, de uma e outra parte, de homens e mulheres que se vinham arremessando pelas costas (1) abaixo, a quem mais podia correr contra (2) a igreja. E notam que todos veem carregados. Chegando mais perto, começam a divisar que uns traziam das suas

(1) = encostas.
(2) = para, na direcção de.

boroas, outros vasilhas de vinho, outros cabras montesas e quartos de veado.

Acudiu tanto povo, que se encheu a várzea. Foi tanta a comida, que faltou quem a gastasse, ainda depois de cheios os pobres. Parece que tocou Deus os corações dêstes montanheses, que, acudindo à visitação e vista de seu prelado, adivinhassem a necessidade em que estava e lhe acudissem com remédio.

Andava o Arcebispo visitando em terra de Montelongo (não pudemos averiguar se foi neste ano, se no seguinte) e porque não esperavam por êle, por ser esta visitação da obrigação da Igreja de Guimarães, e não sua, achou tudo desprovido, e em estado que, chegando a horas de jantar a certo lugar e em dias de peixe, não se achou em todo êle mais que uma pescada sêca e dous ovos, e à fôrça de importunação alcançaram de uma pobre velha uma boroa, e não grande, que vendeu, como a pêso de dinheiro, por sessenta réis.

Estava afligido o Arcebispo por conta dos seus, que eram entre todos vinte e duas pessoas, e tinham madrugado aquela manhã, e estavam moídos do trabalho do caminho comprido, e bem necessitados.

Em-fim, assentou-se à mesa com uma extraordinária alegria de um movimento súbito; e êle mesmo a benzeu, e começou a comer. Assentaram-se juntamente os contínuos (1) de sua mesa que, vendo o bom ar do Arcebispo fizeram o melhor rosto que podiam por lhe darem gôsto, e começaram a lançar mão do que havia.

¡Maravilhas do Senhor! Talvez foi a virtude e o sabor que Deus Nosso Senhor foi servido pôr naquelas pobres iguarias, que se não podiam ver fartos delas, e foram comendo como enlevados, sem cair (2) no que passava até se sentirem bem satisfeitos.

E, levantados, entraram os companheiros da segunda mesa e acharam que comer com tal abastança, que houve para todos largamente, e para os da pousada, e ainda houve sobejos para os pobres.

O hóspede (3) da casa, como foi o que mais sentiu a falta por ser em sua casa, foi também o que mais notou o sucesso daquela mesa, e assombrado do que vira tinha-o por verdadeiro milagre. Mas o Arce-

(1) = convivas habituais.
(2) = dar fé, notar.
(3) = dono da casa, hospedeiro.

bispo, lançando-o em graça, (1) disse para Pedro de Freixo, que era o que trazia a cargo o serviço da sua mesa e aposento:

— Pedro de Freixo, desta maneira e com estas pobrezas me dai sempre de comer, que eu vos afirmo que há muito tempo que não jantei tam bem, nem achei tanto gôsto no que comi.

Assim o disse o Arcebispo, e o mesmo confessaram todos.

(Liv. III, Cap. XX).

(1) = levando o caso a rir

CAPÍTULO XXV

O pai dos pobres

Houve neste ano de 1567 esterilidade apertada por tôdas as terras de alêm Douro. E como tinham precedido outros anos fracos, começou a sentir-se muita falta e a encher-se a cidade de gente miserável, que andava pelas portas buscando seu remédio.

Porque muitos que dantes lavravam seu pedaço de terra, como lhes faltava a mantença, foram primeiro vendendo as pobres alfaias, depois o gado, e no cabo, consumido tudo, não tendo de que sustentar-se, nem com que beneficiar as terras, largavam a casa, corriam à cidade e ao Prelado, de quem sabiam que estava com os braços e com os celeiros abertos, para receber e prover a todos com paternal amor.

E na verdade bem se enxergou a misericórdia Divina com seu povo nestes dez ou doze anos que correram até o de 76,

porque, descarregando nêles por seus ocultos juízos sôbre as terras de Portugal, do arco de sua justa ira, duas cruelíssimas setas de fome e peste, abriu juntamente uma fonte de caridade no peito do Arcebispo, que num e noutro trabalho foi único refúgio e consolação de todos, e deu vida a um número quási infinito.

Depois que foi crescendo a falta, e a fama desta piedade, eram os pobres tantos que havia dias de quarenta alqueires de pão, cozido de esmola. E o Arcebispo, por acudir a todos, mandou suspender os pagamentos e consignações de dinheiro que dava de suas rendas para a fábrica do Colégio da Companhia, e do seu Convento de Viana.

Indo caminho em tempo de inverno, e chegando à pousada todo molhado e passado da água, como lhe sucedesse ao tirar das botas sair uma em pedaços, com muita confiança a mandou enxugar e tomar a ruptura com uns pontos.

Mas, como foi enxuta ao fogo, ficou crestada e os pontos arrebentaram; e ainda assim se serviu dela alguns dias. E chegando onde havia oficiais, mandava que de novo lha acomodassem ou remendassem.

Quando lhe afirmaram que não tinha con-

cêrto, então houve de largar ambas, mandando-as dar a um pobre, com dinheiro para as concertar.

Dizia êle que, assim como por Prelado se sentia obrigado a não fazer demasia, assim por frade que era tinha escrúpulo de gastar mais consigo, que aquilo que um religioso pobre precisamente não escusava.

O que resultava de contas tam estreitas não era entesourar o que com elas poupava, senão ter mais que dar aos pobres; e daqui nascia aquela santa pertinácia qne por tôda a vida guardou: com que da pobre pitança que lhe punham na mesa havia de partir ao justo meio-por-meio com os pobres, fazendo conta que era pouco de agradar a esmola que se dá do que sobeja, e que seria mais meritória a que tirava da bôca.

E não fazia isto só em sua casa; mas se acaso acertava a comer em mesa alheia, mais tempo gastava em cortar para os pobres do que para si.

Era muito aceito ao Arcebispo o doutor Gregório Rodriguez, desembargador de sua Relação, pela muita virtude e rara erudição que nêle havia.

Dizia missa nova um sobrinho seu, filho

de sua irmã. Quis festejar o dia, como era razão. Apercebeu um banquete esplêndido; convidou muitos desembargadores e outros eclesiásticos para a missa e para a mesa.

Soube-o o Arcebispo; quis honrar a festa e convidou-se para ela. E quis que fôsse o jantar, assim como estava aparelhado, dentro nos Paços; e foi um dos que comeram à mesa.

Houve na mesa muita polícia (1) e grande abundância e diversidade de manjares.

Começou o Arcebispo a comer e não achava sabor no que comia, porque considerava que do alheio, se bem podia comer, não era razão não fazer esmola e a repartição que tinha em costume.

Com êste escrúpulo esteve, desgostado e pensativo, até quási meia mesa. Mas não se podendo mais ter, chamou um dos que serviam e mandou dizer ao doutor Gregório Rodriguez que a regra de Côrte era um convidado poder convidar outro, e porque estava longe quem êle pudera trazer, lhe pedia licença para do seu prato o convidar.

Respondeu o doutor que antes receberia nisso mercê; que tudo o que ali vinha era

(1) = delicadeza, requinte.

de sua Senhoria e dos seus convidados, que já sabia quem eram.

Então ficou desassombrado e, dando-se por livre do escrúpulo, começou a comer e fazer prato para os pobres, e com o gôsto da partilha comia alguma cousa; e não sentia durar a mesa, pelo interêsse que resultava aos pobres.

*

*   *

Em tamanho excesso de liberalidade como foi a do Arcebispo não faltaram caluniadores agudos (daqueles que de uma légua enxergam arestas nos olhos do próximo) que notavam nêle pontos de escassez.

Uns diziam que suas esmolas, se bem eram muitas em número (que o não podiam negar) eram em quantia tam miúdas) que entretinham, não fartavam: tapavam a bôca, não matavam a fome; curavam, mas não davam saúde perfeita. Querendo significar por tacha de ânimo curto e mesquinho não se alargar nelas, principalmente com pessoas que podia de uma vez tirar da miséria com uma dádiva grossa. Outros faziam-se

mui de casa, e haviam (1) que era baixeza e um género de esquivança mui desumana não fazer muito em seus parentes, quando eram pobres; e atreviam-se a ler de cadeira regras de teologia e caridade a quem era mestre dela.

— Veja quem quer de mim esmolas grossas (respondia o Arcebispo) onde lançamos o que havia de empregar nelas. Se me mostrarem que poupo para fazer tesouro, ou que o forro para acrescentar estado e pompa; se me disserem que edifico quintas para recreação, que alargo aposentos, que me despendo em dourados e pinturas, que alevanto criados, que enriqueço parentes, em tal caso confessarei que sobeja razão a quem me culpar. Mas se Deus foi servido por suas misericórdias dar-nos ânimo de não gastarmos desatinadamente essa pouca renda que fiou de nossas mãos, e ela não chega, nem pode suprir a maior emprêgo que aquele que fazemos, injustamente nos julga quem outra cousa quere de nós.

«E não são menos desarrazoados os que me querem muito caridoso para com meus parentes, no meio das necessidades que de-

(1) = opinavam, consideravam.

sejam remediadas e eu vejo que convêm remediar.

«Se meus parentes se queixam que lhes dou pouco, lembrem-se que nasceram pobres e que assaz faço em os sustentar, igualando-os com os pobres do Arcebispado, aos quais devo mais por seu prelado e pastor, que a êles por seu parente e amigo.

«Avantajá-los ou enriquecê-los, isso não farei nunca, em-quanto tiver o juízo inteiro. Desatino é respeitar mais a carne e o sangue, que a lei de Deus.

«Enriquecer o meu sangue com o alheio, que são os bens da Igreja, deputados (1) sòmente para obras pias, não sei Teologia que o aconselhe nem consinta.

Assim filosofava e discorria o Arcebispo, e com apostólica constância o executava.

(Livro III, Caps. XXIII a XXV).

*

* *

Achamos nas memórias antigas que no ano de 1564 houve nas terras de além Douro geral esterilidade em todos os frutos, que

---

(1) destinados, designados.

foi causa de venderem os pobres tudo o que tinham de seu, para sustentarem seus filhinhos; e depois que não houve que vender nem que comer, desampararem as casas e irem-se à ventura peregrinando e lazerando (1); e aconteceu morrerem muitos pelas estradas.

Assim, quando entrou o ano seguinte de setenta e cinco, era já tam crescida e tam geral a fome, que se vendia um alqueire de milho por um cruzado e quem o achava neste preço havia-o por boa ventura; e quem o dava, por boa caridade.

Neste ano houve muitos ricos que, como sanguessugas, engrossaram do sangue dos pobres, enchendo de prata os celeiros que vazavam de pão.

Mas o Arcebispo, depois de esgotar a bôlsa no emprêgo de pão comprado, e depois de sumido êste, e todo o mais que procedera de suas rendas, pediu emprestado e empenhou-se como pai piedoso com um ânimo tam determinado, que se fôra necessário dar o sangue dos braços por não padecerem os filhos, com a mesma facilidade abrira as veias, que vazava a bôlsa.

(Liv. IV, Cap. V).

---

(1) = sofrendo.

*

* *

Achou o Santo no Arcebispado algumas coutadas (1) de montes e rios, que seus antecessores estimavam e faziam guardar para dias de passatempo. E estas são hoje as delícias dos príncipes, e uma das partes em que fundam estado e grandeza (e não é cousa indigna, se o rigor extraordinário com que se defendem as coutadas se temperara de maneira que não ficaram sendo laço irremediável (2) de pobres e coitados). Uma das do Arcebispado está no caminho que vai da cidade para S. Tiago de Esporões.

Indo um dia o Arcebispo visitar esta igreja, andavam uns pobres homens roçando mato na coutada.

Alvoroçaram-se todos os que o acompanhavam, e alguns diziam que seria bem fazê-los prender e castigar. Repreendeu-os o Santo, e estranhou-lhes o dito e a tenção; e, passando, disse aos que cortavam o mato que continuassem embora no serviço e fi-

(1) = matas ou terras defesas onde se criava caça para os reis ou príncipes.

(2) = engano perigoso para os pobres que iam às coutadas caçar ou fazer lenhas.

zessem seu proveito, e se alguêm lho quisesse tolher acudissem a êle. E desde logo, tornando para a cidade, mandou largar e franquear tôdas as coutadas, para dar mais êste refúgio à gente pobre.

Foi voto seu, quando se achou no sagrado Concílio de Trento, e nêle com veemência instou, que se decretasse que todo o Prelado depois de tomar de suas rendas o necessário para uma côngrua e decente sustentação de sua pessoa e casa e oficiais, tudo o mais depositasse no tesouro de sua Sé, aplicado logo, como património que era de Cristo, para sustentação de pobres, e daí se repartisse por êles. E ajuntava que declarasse o Concílio por homem que o alheio possuía, e retinha, o Bispo que o contrário fizesse.

Não lhe respondeu neste negócio o sucesso ao desejo...

*

* *

Houve em Braga um homem nobre que se vendia (3) por muito afeiçoado às cousas do

(3) = se apresentava.

Santo, e como tal matava-se por lhe persuadir que ilustrasse seu nome com fazer nos Paços Pontificais alguma fábrica sumptuosa, que perpetuasse nêles sua memória, ou, quando menos, mandasse reparar alguns aposentos que se iam danificando.

Escusava-se o Santo com as necessidades dos pobres, que eram grandes, e êles muitos em número, e os tempos cada vez mais apertados de esterilidades, e fomes, e trabalhos.

Tornou o conselheiro a instar e perder razões, alegando costumes, honra e estados.

Vendo-se o Arcebispo perseguido e tentado um dia demasiadamente, cortou a prática, dizendo:

— Verdadeiramente, Senhor, que me obrigais a vos dizer que sois pior com esta teima que o mesmo Satanás. Porque êle, se queria persuadir a Cristo que fizesse das pedras pão, já era cousa de que poderia resultar algum proveito aos pobres; mas vós matais-vos, e matais-me, por que faça pedras do pão dos pobres.

(Liv. V, Cap. XVIII).

CAPITULO XXVI

A peste

Foi o ano de 1568 infelicíssimo para êste reino, porque nêle teve princípio o cruelíssimo fogo de peste que o correu e abrasou todo, com mortandade de infinitas gentes.

Passava de quarenta anos que a cidade de Lisboa gozava de uma corrente contínua de tempos benignos e salutíferos, quando no princípio dêste, havendo precedido grande e desacostumada fôrça de águas todo o inverno, e sobrevindo espêssas névoas que no sítio, de si humidíssimo, são prejudiciais — começaram a sentir-se geralmente erisípelas e carbúnculos com febres de má qualidade, que dando em uma casa se pegavam e corriam por todos. Logo se foram descobrindo fôrças de maior veneno, em pintas e inchaços, com mortes arrebatadas (1).

---

(1) = repentinas.

Não era o mal de todo conhecido, davam-se outras causas à violência dos acidentes e ao acabar repentino, e não faltava quem, com mêdo de se ver desamparado da companhia ou lançado dela, ou dissimulava ou negava.

Assim se veio a soltar em contagião e ar corrupto com tal fúria que, fazendo efeitos de fogo ardente, podemos dizer que deixou aquela cidade assolada.

Dava-se a razão dêste mal, entre os que medem tôdas as cousas aos palmos humanos, que nos viera de Veneza envolto em mercadorias... Rasteiros discursos.

Não duvído que passa e pode passar por estes meios de uns lugares a outros em tanta e em maior distância, e que são acertadas as diligências e guarda dos lugares inficionados, como o estivera Veneza antes de Lisboa. Mas os que somos Cristãos, e que damos a Deus e à sua providência (como é razão) todo o govêrno e poder das cousas humanas, a princípio mais alto devemos referir açoutes tam horrendos. Na mercadoria de pecados é certíssima a peste, e todos os outros males.

Saíam-se os que podiam da terra, e como levavam já o mal consigo, nos lugares de ar

puro e sadio fazia efeitos de pólvora que faz mais fôrça onde acha maior resistência. Era tam violento que tudo abrasava.

Em Viana, como em lugar de mais comércio, deu juntamente em casas diferentes, ateou-se o fogo, revolveu-se a terra, tratou cada um de fugir, que não há outro meio de escapar, se se toma com cedo.

Dêste se quis valer uma Dona das nobres da vila, mas não foi tam a tempo como devera, porque levava já faíscas no seio, sem as entender. Meteu-se em um barco, foi-se rio arriba.

Antes de chegar a Ponte do Lima lavraram as faíscas, levantaram lavaredas: sente-se a pobre senhora ferida.

Desembarca junto de Ponte do Lima, mete-se na primeira casa que achou, de um lavrador.

Era discreta e boa cristã, acudiu logo aos remédios da alma, que sempre devem ser os primeiros em quem deseja segurar os do corpo. Mandou fazer diligência por confessor.

É o mal da peste sempre temeroso, mas nos princípios só o mêdo basta para matar.

Não achou quem lhe valesse, nem à alma nem ao corpo. O desamparo, o lugar, o pavor, a fôrça do veneno, iam consumindo por

momentos a fraca candeia da vida (que menos inimigos bastam contra um corpo humano). Entrou em artigo de morte.

Foi sua ventura que andava o Arcebispo na mesma conjunção visitando por aqueles montes, e não longe do em que se achava a enfêrma.

No mesmo ponto que o piedoso prelado teve informação do que passava, sem meter tempo em meio deixou tudo: sai de casa e põe-se a caminho para ir confessar a ferida.

Atravessaram-se os de casa com rogos, e algumas pessoas nobres da terra, que com êle se achavam, com protestos e requerimentos: que fazia temeridade em oferecer sua pessoa a tam manifesto perigo, e nela todo o bem do Arcebispado que de sua vida dependia.

— Sou seu pastor, é ovelha minha, pede confissão em artigo de morte, não há quem vá, eu sou obrigado a ir. Não posso deixar de ir, nem deixarei de ir.

Fôsse honra, ou vergonha, ou amor de tam bom amo, resolveu-se um de seus capelães tomar sôbre si o perigo: foi correndo, pôs-se diante do Arcebisqo, pediu-lhe licença, e a bênção para entrar em seu lugar.

Faleceu a enfêrma, mas confessada pela

boa diligência do prelado, se não foi por sua pessoa.

O marido levantou uma ermida no lugar em que foi enterrada. E ainda que as pedras dela fôssem de natureza de bronze, não perpetuaram tanto a memória da defunta, como a terá viva o animoso e apostólico feito do Arcebispo.

*

* *

Ia já de volta para Braga, e assaz lastimado do estado em que ficava Viana, e do caso que quási tivera entre mãos, quando lhe chegou recado da cidade, de rebates e mal declarado nela, e mêdo tam crescido, que os moradores a despejavam a quem mais podia.

Cercado de nova aflição, deu pressa a caminhar, com ânimo de acudir com sua pessoa e presença aos súbditos, e foi-se ao mosteiro de S. Frutuoso, seu refúgio e recreação antiga nos remates das visitações compridas, não para se deter como costumava, mas para se informar com certeza do que passava.

Tanto que na cidade se soube da sua che-

gada e da tenção com que vinha, fizeram junta a gente principal que ainda havia, com os oficiais do govêrno eclesíástico e secular, e acordaram irem todos a S. Frutuoso, e impedirem como bons vassalos a entrada do Arcebispo.

Encontraram-no, que vinha a pé com o rosto na cidade, com a mesma confiança e ânimo com que a pudera ir demandar no tempo de mais perfeita saúde.

Apearam-se: vão-se a êle, protestam como vassalos, requerem como filhos, rogam como amigos, que por nenhum caso queira acometer entrar na cidade, onde a contagião era descoberta, e o ar inficionado e mais perigoso para quem ia de fora.

Mostrou o Arcebispo estimar a boa vontade e zêlo que mostravam de sua saúde; e, dando-lhes os agradecimentos, respondeu que tôdas as razões que alegavam para lhe estorvarem os passos que ia dando, essas mesmas o obrigavam a apressá-los. Se o mal era declarado, se tam forte e impetuoso, que os pais fugiam dos filhos e os filhos dos pais, pelo mesmo caso cumpria acudir êle, que tinha obrigação de socorrer a todos e não desamparar a nenhum. Se sua pessoa era de importância, como di-

ziam, com os necessitados o havia de mostrar; e isto havia de ser assistindo com êles no trabalho e no perigo. Que não era bom capitão quem se punha em salvo quando os soldados pelejavam; nem bom pastor quem lhe sofria o coração ver de outeiro o perigo das ovelhas. Nem seria amigo verdadeiro do Pastor quem em tal tempo lhe aconselhasse fazer falta em seu ofício.

Assim lhes ia dizendo, e caminhando com muita quietação e boa sombra; e com a mesma se foi meter em seus Paços.

Em chegando, começou logo a entender no remédio dos enfermos e preservação dos sãos.

Na cidade nomeou por guarda da saúde uma pessoa de virtude e cuidado, a quem deu ministros que lhe assistissem, uns para vigiarem e correrem a terra, e saber dos que adoeciam, e tolherem a comunicação dos vizinhos; outros para levarem fora da cidade os enfermos e enterrarem os que faleciam. E estes serviam, depois, de tirarem o fato inficionado e purificarem as casas.

Visitava o Arcebispo todos e cada dia, tomando informação dos médicos do estado de cada um, e do que convinha para terem

saúde, e dos oficiais se faltava alguma cousa. E porque se averiguava que tôda a enfermidade presente procedera de comunicação de gente de fora, mandou fazer rigorosa guarda nas portas da cidade dos lugares inficionados. E para atalhar à corrupção do ar, encomendou aos do govêrno algumas particularidades de importância, que foram: —fazer grandes fogueiras por tôdas as praças e ruas, meter gado na cidade, e purificá-la de immundícies.

Com esta boa ordem, e com êle asistir em tudo com a sua vigilância e sem nenhum rasguardo extraordinário de sua pessoa, foi o mal muito menos do que se temia, e do que penetrou por outras cidades do Reino.

Falava-se nêle por todo o Reino, como em uma cousa prodigiosa. Já ficava atrás tudo o que dantes espantava: a pobreza própria, o dar tudo aos pobres sem reserva de nada para si nem para os seus, o trabalhar pelas almas, a oração, os jejuns, a penitência.

E estimava-se a obra como moeda dos tempos mui antigos, que se desconhece por haver muitos que não corre.

(Liv. III, Caps. XXVII e XXVIII).

CAPÍTULO XXVII

Atitude do Arcebispo durante a crise nacional

Serviu a el-rei D. Henrique o scetro e a coroa de lhe encurtar a vida. Que estes são os encargos que ordináriamente acompanham o reinar.

Tinha muita idade e a disposição pouco firme: carregaram cuidados, e as importunações dos pretendentes do povo e estados do Reino; vivia afligido e irresoluto, e sem honra de descanso nem de gôsto.

Redundou no corpo o trabalho do ânimo (1): avivou as enfermidades companheiras da velhice, e em-fim cortou-lhe a vida, que porventura fôra mais larga, se passara estes últimos anos naquele santo ócio em que tinha contado setenta e tantos.

Faleceu último dia de Janeiro do ano de

---

(1) = reflectiram-se na saúde física as preocupações morais.

oitenta, que foi o mesmo dia em que nascera, setenta e oito anos atrás.

Alterou-se todo o Reino, queixoso do rei defunto, que primeiro deu fim à vida que o desse ao litígio que ante êle pendia, da herança que deixava.

Deu princípio Santarêm, levantando bandeira por D. António, Prior do Crato, filho natural do Infante D. Luís, irmão del-rei D. Henrique.

Seguiram a Santarêm muitos povos e lugares principais: uns por exemplo, outros por conselho, e todos mais com ânimo que fôrças; porque delas estava a terra exausta, primeiro com a jornada de África, depois com o resgate dos cativos.

Com a primeira nova da morte del-rei fêz o Arcebispo o que era conveniente para prevenir os trabalhos que, tinha por certo, haviam de seguir logo.

Prègava muito a miúdo, e nas prègações e práticas particulares admoestava e aconselhava a todos que com muita devoção pedissem a Nosso Senhor desse rei de sua mão, para conservação da paz e aumento de sua santa fé.

Andando assim ocupado o Arcebispo, chegou a segunda nova do levantamento de Santarêm, que, como contagião, veio movendo humores e alterando os ânimos, assim como

os tocava o aviso e segundo a inclinação que achava em cada um, até chegar a Braga.

É nome formoso *rei natural* (1). Não enche menos os olhos (2) um espírito pronto a se perder pela pátría.

Onde havia gente dêste humor levantavam logo bandeira por D. António; e bastavam poucos para o efeito, que logo eram seguidos do povo, fácil de levar da boa sombra (3) da causa e do brio dos animosos.

Por outras partes bastava verem levantado o lugar vizinho para se resolverem ao mesmo: uns só por imitação, outros por mêdo também de ser julgados por suspeitos, se tardassem.

Não faltavam homens prudentes que estendiam os olhos ao diante e, considerando o estado do Reino, anteviam e propunham (4) inconvenientes; mas, ou não eram ouvidos, ou ficavam em opinião de frouxos e para pouco; ou, pelo menos, bandeados (5) e havidos por gente que pretendia da causa pública fazer negócio particular e próprio.

(1) = nacional.
(2) = não atrai ou encanta menos.
(3) = aspecto, feição.
(4) = apresentavam, alegavam.
(5) = hostilizados.

Braga é terra grande: tôda esta diversidade de humores se achava nela.

Começaram os que se tinham por animosos a publicar zêlo e amor da pátria, e a levantar o povo.

Acudiu o Arcebispo, mostrando-lhes a obrigação que havia de obedecer aos Governadores deixados por el-rei D. Henrique e esperar dêles a sentença da sucessão.

Durou esta obediência até que chegou recado (1) dos Governadores serem saídos do Reino e passados a Castela.

Então se juntou corpo de gente e, persuadidos que estavam com liberdade para seguirem o partido que tinham por melhor para todos, tomaram ânimo e fizeram requerimentos públicos ao Arcebispo, que quisesse mandar que a cidade tomasse a voz de D. António, e o reconhecessem por seu rei, pois o Reino quási todo o reconhecia por tal, e os Governadores, com se ausentarem, tinham desobrigado o povo de sua obediência, e muito mais de esperar dêles sentença.

Não era o Arcebispo homem a quem fizesse vantagem no amor da pátria e do bem comum nenhum dos mais acesos requeren-

---

(1) = notícia.

tes. Impressa tinha no ânimo a memória do Infante e o amor do filho que muito tempo ensinara e conversara (1) como temos contado. Mas era em tanto extremo escrupuloso e temia tanto embaraçar a consciência em qualquer matéria onde interviesse prejuízo de terceiro, ainda que mui leve fôsse o caso, e todo da jurisdição de suas letras (2) que de nenhuma maneira se atrevia a dar voto, quanto mais fazer-se autor em causa tam pesada, e de todo alheia do seu estudo, como era a pretensão do Reino.

E quando se viu vencido de importunações e requerimentos, temendo que o negócio viesse a romper em alguma perigosa desordem e em dano da cidade, fêz ajuntar o povo todo, e dando-lhe brevemente conta do estado do Reino e da cidade, das instâncias que lhe faziam e da determinação firme em que estava de não tomar sôbre si dar nem tirar reino, mandou que votassem um por um, e declarassem quem queriam por seu Rei. E êle por si tomou os votos.

Cousa é de considerar que fim teria o Ar-

(1) = frequentara, tratara. *Conversar alguém* = conviver com êle.

(2) = à altura da sua grande ilustração, ou dentro da sua competência.

cebispo em feito tam extraordinário, que de homem tam prudente e tam letrado não havemos de cuidar que se abalançou sem fundamento. Pois estava claro que nem Braga só era parte para eleger, nem para sustentar quem elegesse; e tôda a eleição é ridícula, quando se faz por quem não tem poder para a fazer ou para a manter.

Dous intentos parece que teve: primeiro, mostrar o que na verdade era, que nem tinha inclinação a parte alguma, nem queria tomar sôbre si a causa comum; segundo, cuidar que resultaria dêste género de eleição pacificar-se com ela a cidade, que era tôda sua pretensão; e com paz e sossêgo esperar que as cousas se aclarassem e desse Deus algum meio de se entender quem era o justo e o verdadeiro herdeiro.

Mas não respondeu o sucesso à boa tenção; porque o povo elegeu com grande excesso de votos el-rei D. Filipe, segundo dêste nome em Castela; e, sendo assim declarado pelo Arcebispo, cresceu o desassossêgo e alteração.

Assim ficou de novas angústias cercado, vendo-se por uma parte obrigado a seguir a eleição que por seu juízo pusera em votos, e por outra temendo os desconcertos que já

se começavam a transluzir nos de opinião contrária. Os quais, com costas quentes no favor de tôdas as vilas grandes que à roda se tinham declarado por D. António, contradiziam a eleição e ameaçavam os eleitores, se a quisessem sustentar.

Por onde, quando viu todos seus desígnios falsados, e que não podia dar a paz que desejara, determinou em todo o caso dá-la fôsse qualquer que fôsse, deixando vencedores e largando o campo aos que a queriam a seu modo.

E, julgando êste por menos mal, despejou a terra, e com grande mortificação e dor de sua alma se passou a Galiza, à cidade de Tuy.

Entrando o Arcebispo em Tuy, o desgôsto que levava fêz obra de lima surda, e veio a arrebentar em um tabardilho pestilencial (1), que o teve desconfiado da vida.

Sentindo-se apertado, não tardou em fazer testamento e todos os mais autos (2) de verdadeiro cristão.

E porque se veja que não eram seus cuidados e obras diferentes na morte, do que soíam ser em vida, não será tempo perdido

(1) Chama-se hoje «tifo exantemático».
(2) = actos.

trasladarmos aqui ao pé da letra uma verba dêste testamento, para exemplo ou para confusão de muitos. A qual diz assim:

«Porquanto o santíssimo senhor nosso, o Papa Gregório XIII, me tem concedido que eu possa testar de cinco contos de réis, que são doze mil e quinhentos cruzados de moeda portuguesa: quero e mando que os ditos cinco contos de réis, que assim por Sua Santidade me são concedidos, se dêem e entreguem ao provedor e irmãos da Santa Misericórdia da cidade de Braga, para os mandarem gastar em obras pias, conforme as ditas Letras Apostólicas; para cujo efeito e execução, e para todo o mais que para êste testamento cumprir, no mais largo modo que em direito posso os faço meus testamenteiros».

Melhorou o Arcebispo. Mas, como velho, foi convalescendo devagar.

Ainda andava débil e convalescente, quando Deus foi servido dar paz por todo o Reino, sendo obedecido de todos el-rei D. Filipe II de Castela.

Com o primeiro aviso se pôs logo a caminho e se recolheu à sua cidade de Braga.

(Liv. IV, Cap. XIII e XIV).

CAPÍTULO XXVIII

Regresso à cela monástica

Uma das cousas que lhe facilitou a vinda às Côrtes (1), que fêz muito contra sua arte e gôsto, foi a boa ocasião que se lhe oferecia para clamar de novo, e com melhor esperança (2).

Vendo as Côrtes acabadas, foi a Sua Majestade e, depois de lhe dar os parabêns do remate delas (negócio tam importante a seu serviço e ao bem universal do Reino) propôs sua causa, dizendo que em tempo que Sua Majestade, com ânimo verdadeiramente rial e muito seu, fazia tantas e tam largas mercês a todos os portugueses, que os obrigava a uma pública confissão de terem por grande boa ventura e misericórdia do Céu

(1) = as côrtes de Tomar, convocadas por Filipe I.

(2) Isto é: para pedir ao novo rei licença para renunciar.

serem vassalos de tal rei e senhor — vinha êle confiado em que também, ainda que mínimo e humilde capelão seu, alcançaria de Sua Majestade uma que pretendia. A qual, se bem era diferente, na qualidade, de tôdas as que até então tinham saído de sua liberal mão, não era por isso fraca nem pequena.

«Antes, sendo para êle, que pedia, de grande preço, para Sua Majestade era tanto mais grandiosa e rial, quanto mais se mostrava o poder soberano em livrar de ferros e prisão um cativo, ou dar saúde a um desesperado da vida, que enriquecê-lo de fazenda».

Prosseguiu, recontando com palavras humildes, mas graves e eficazes, quantos anos havia que trabalhava na vinha do Senhor da Igreja de Braga; e quantos havia que se conhecia por inábil para tamanha carga, que não eram menos que os mesmos que tinha de Prelado; e quantos requerimentos fizera no decurso dêles, sem lhe aproveitarem, mais por desgraça sua que razão legítima que para isso houvesse.

«E, porque a insuficiência que sempre em si sentira, e nunca deixara de confessar, estava tam crescida com sua muita idade e

grandes indisposições, que havia por grande escrupulo de consciência continuar em tal estado com o cargo de suas ovelhas (que requeria um pastor mui robusto e trabalhador) pedia a Sua Majestade fôsse servido dar-lhe licença para o renunciar, e que afirmava que já o não obrigava a pedir esta mercê o amor da cela e de seus livros, como nos primeiros tempos, quando o tiraram dela e dêles: senão sómente ver que lhe faltavam as fôrças, vacilava a memória e de todo se sentia inútil para bem servir.

«Que, se nas universidades qualquer catedrático tinha aução (1) para ficar aposentado e não trabalhar mais, só com vinte anos de leitura (nos quais logravam meses de férias e muitos dias de folga e repouso) quem, havia vinte e dous anos, e passava dêles que aturava o trabalho sem dia de descanso, nem ainda hora que pudesse chamar sua, bem merecia, como escravo velho, alforria, ou, como soldado veterano e de bons serviços, isenção da milícia; e que sequer ao pôr do sol da vida vivesse alguns poucos dias para si, pois todos os que eram passados, e a idade mais florida, vivera para outrem.

---

(1) = autorização, direito, regalia

«Que, a trôco de tamanho bem, faria a renunciação, não como jubilado de escolas, que fica com renda e sem obrigação, mas livremente e sem reserva nenhuma. Porque de Braga não queria mais que ver-se alguma hora livre dela».

Ouviu el-rei ao Arcebispo com atenção; e, ou fôsse que de suas razões se viu convencido, ou que houvesse por boa ventura cair-lhe nas mãos uma prebenda tam grossa e pouco esperada, para com ela ganhar amigos ou pagar alguma obrigação no reino de novo adquirido, em-fim lhe respondeu que consentia na renunciação, assim como pedia.

Quando o Arcebispo ouviu uma palavra tantos anos procurada, e tantas vezes negada, cheio de uma extraordinária alegria pediu a mão a Sua Majestade, em reconhecimento da mercê que lhe fazia, para lha beijar.

*

* *

Tanto que o Arcebispo entrou em terras de sua igreja começou a visitar, porque não ficava desobrigado da administração nem as

rendas deixavam de correr por êle, até lhe constar ser aceitada sua renunciação pelo Papa, e juntamente serem-lhe intimadas as letras (1) do sucessor.

Entretanto chegaram a Roma os papéis do Arcebispo, sendo apresentados a Sua Santidade e lidos em Consistório com uma carta de el-rei, em que largamente recontava as razões que tivera para consentir na renunciação.

Afirma-se que foi ouvida esta carta com notável sentimento de todos os cardiais que se acharam presentes. Porque não era das cartas de favor ordinárias, e a nota dela dava indícios que não desprazia a el-rei a renunciação. Que, se não interviera significação mui declarada da vontade de Sua Majestade, de mui pouco efeito fôra a do Arcebispo, que já era notória a todos.

*

*　　　*

Era no mês de Fevereiro do ano de oitenta e dous, e andava o Arcebispo nas terras de Trá-los-Montes visitando; e actual-

---

(1) = letras apostólicas, aviso ou carta do Papa.

mente (1) estava em ofício de visitação dentro em uma igreja com mesa e escrivão diante de si, quando lhe chegou um correio com cartas do seu agente de Roma, pelas quais lhe fazia a saber como Sua Santidade lhe tinha aceitada a renunciação.

Não quis mais ler, o santo velho. Larga as cartas, põe os joelhos em terra e, levantando as mãos ao Céu, deu graças ao Senhor pela mercê de lhe deixar ver arrematado um negócio que por muito desejado ainda temia; e naquela hora ficava livre de sobressaltos.

Logo levantou mão do que fazia, e de todo o mais negócio e ocupação de prelado; e como quem se havia já por hóspede e em casa alheia, mandou fazer prestes para se partir.

Tornou à igreja e fêz oração no meio dela.

Acabada a oração, levantou a voz e, como quem se despedia naquela igreja de tôdas as do Arcebispado, disse com amoroso afecto:

— Ficai-vos muito nas boas horas, minha muito amada, primeira e derradeira espôsa Igreja Bracarense, honra das Espanhas,

---

(1) nessa conjuntura ou data.

cabeça e primaz delas, fundada pelo grande filho do trovão, S. Tiago, muito amada e querida de mim, mas servida com infinitas imperfeições. Ficai-vos embora (1), minha formosa Igreja, meus primeiros e últimos amores, a que eu não correspondi como era obrigado, pôsto que muito o desejei, e em-quanto pude o procurei. Perdoai-me, se me aparto de vós com alegria e júbilos de alma; que, como sempre me houve por indigno de ocupar uma cadeira em que tantos e tam grandes santos se assentaram, é razão que aceite com gôsto ver-me livre da grande vergonha e pavor em que sempre vivi, olhando para sua santidade e para os meus grandes pecados. Não me levam de vós amores novos; nem deixo de vos servir por buscar outra, ou amar outra mais que vós, se não porque desejo que venha quem supra meus defeitos, emende minhas faltas e tenha partes para vos saber merecer, que em mim nunca houve. E pois me sofrestes tanto tempo tal qual sou, não poderei deixar de vos querer sempre muito e encomendar-vos muito a Deus. Em-quanto nestes membros velhos e cansados durar

(1) = em boa hora.

espírito de vida, sempre em minhas orações e sacrifícios pedirei ao Senhor que nas necessidades vos acuda com socorro, e nos bens espirituais com grande aumento.

Saido da Igreja, e ficando só com os seus, começou a despedir-se dêles e despedi-los (1), mas não houve nenhum que em tal consentisse; e por muito que trabalhou e instou, desejando ver-se só e caminhar a uso de pobre frade, não acabou (2) nada. Porque o amor e respeito que lhe tinham não dava lugar a obedecerem em cousa tam desarrazoada.

Todos o foram seguindo e acompanhando até a vila de Viana, para onde partiram no mesmo dia que lhe chegou o aviso de Roma, que foi aos 20 de Fevereiro de 1582.

(Liv. IV, Caps. XVII a XIX).

---

(1) = Como quem se preparava para partir sózinho, sem permitir que o acompanhassem por deferência.

(2) = conseguiu.

CAPÍTULO XXIX

Santidade

Mostrou o santo velho, em entrando (1) que vinha com ânimo de se avantajar a si mesmo, e ao tempo mais florido (2).

A primeira cousa por onde começou foi desafiar-se (3) juntamente com todos os rigores e obrigações da regular observância, guardando-as tam pontualmente como se fôra um frade raso, de inteira e firme disposição, que viera assinado para aquele convento, e muito desejoso de agradar ao prelado com vida e exemplo.

Por nenhum modo consentia se usassem com êle particularidades nem dispensações; e desconsolava-se muito, se o prelado o que-

---

(1) = em entrando novamente na sua Ordem.

(2) = de exceder, nos rigores da observância e da humildade, quanto fizera na pujança da vida.

(3) = experimentar-se; pôr à prova a sua resistência física e a sua religiosa humildade.

ria aliviar nos rigores da Constituição, dizendo e provando com razões que a dignidade que tivera fôra uma cousa que se acrescentara, e não sucedera, ao estado monástico que professara.

Pelo que, na hora que sua renunciação fôra pelo Papa aceitada, e êle assolto do Arcebispado, ficara puro frade, com tôdas as obrigações de sua profissão, como sempre o fôra; e desde essa hora não havia mais nêle que frei Bartolomeu dos Mártires. O qual frei Bartolomeu estava obrigado a continuar com suas comunidades (1), e com tôda a guarda de regra e constituições, como se nunca fôra arcebispo e sómente andara alguns dias ausente com licença.

E não bastava fazer-lhe lembrança que a santa obediência lho mandava (2). Porque contra esta fôrça, sendo em tudo o mais obedientíssimo, tinha armas prestes e fortes a tôda a prova, quais eram alegar *que era imediato ao Papa, e isento de tôda outra jurisdição...*

De sorte que, para tudo o que era penal

(1) = exercícios religiosos comuns.

(2) = lhe mandava aceitar os mimos que o Prelado lhe fazia.

e trabalhoso, se havia por frade súbdito e muito sujeito à obediência; mas se a mesma obediência tocava em cousa de alívio, ou comodidade sua, então declinava jurisdição.

Assim, velho e doente, usou sempre túnicas de estamenha, nem houve nunca quem pudesse acabar com êle (1) que ao menos admitisse umas de estôpa grossa, ou canhamaço (2).

E aconteceu um dia tratar com aspereza a Frutuoso Fernandes, que só de todos seus criados deixou consigo, porque uma manhã lhe dava uma túnica lavada, mais cedo a seu parecer do que costumava mudar-se.

Dizem os que fizeram lembrança desta santa indignação que, por fraqueza que já sentia na memória, apontava os dias da túnica lavada, temendo-se da caridade do criado. E eu cuido que a razão era por ser costumado a meter tantos dias em meio de uma à outra, que ainda para boas memórias ficava o enleio fácil. Que êste género de mortificação é mui odioso à natureza, que, por se

(1)=conseguir dêle.
(2)=estôpa grossa de cânhamo.

livrar dêle, com o nome enganoso de limpeza tem persuadido e vai introduzindo mimosas dispensações, que são pouco menos de claustralidades (1). Porque a cláusula da Constituìção que diz: *Lineis ad carnem non utantur* (2) não admite explicações metafísicas. Bem sabia declarar-se quem fêz a lei.

Também entendia de limpeza, e ninguêm era melhor letrado que o Arcebispo; e por isso nem usava linho, nem queria mudar a estamenha a miúdo: antes, para se mortificar com êsse asco que faz uma túnica no corpo muitos dias trazida, a deixava andar tantos arreio (3) que vinha a perder a conta dêles, e era necessário valer-se de papel e tinta para ajudar a memória.

Tanto que o Arcebispo se recolheu a Viana, tornou o seu esmoler a cabo de poucos dias ao convento, e entregou-lhe quinhentos

---

(1) = relaxações; procedimento relaxado dos *claustrais*, oposto ao dos *reformados*.

(2) = não se use linho junto à carne.

(3) = a fio, a seguir.

cruzados que, dizia, lhe ficaram por gastar do que recebera para esmolas.

Como era dinheiro que desde seu princípio fôra dado para pobres, não quis o Arcebispo mudar-lhe a natureza, nem aplicar um só rial dêles a outra cousa. E começou-os logo a despender com todos os pobres que corriam a êle, como a fonte onde a água era certa e limpa; e, para abranger a muitos e muitos dias, determinou não dar mais cada dia que três cruzados.

O modo que tinha em dar era notável; porque, em-quanto dava, os olhos estavam no Céu e a mão nas mãos do pobre; e de nenhuma maneira havia de olhar para o rosto de quem lhe pedia ou recebia a esmola, ainda que fôssem homens, e muito menos se eram mulheres.

Porventura seria para que com menos pejo chegassem a êle todo género de pobres; ou por se não inclinar mais a uns que a outros; ou também por tirar à natureza um apetite mau, que tem ainda sua raiz na primeira culpa do mundo, de lançar juízos de quem cada um é, pelas aparências de fora.

Muitos há que representam necessidade, e passam a vida folgadamente. Há outros

que não são tam artificiosos, os quais com jeito (1) de passarem melhor padecem muito.

Quem folga de ser liberal com os pobres, se dá do seu, não ha mister ser juiz das vidas de ninguêm: basta que vai a esmola por amor de Deus; e, ainda que aconteça errar no emprêgo da pessoa, quem dá nunca erra em que dá por Jesus Cristo.

Que há gente que um rial que dá vai tam envolto em pesadas repreensões contra o pobre (de que é são, e ¿porque não trabalha?, e cousas semelhantes) que já não é esmola, senão praga para quem a recebe, e às vezes para quem a dá. E daqui nasce que alguns se valem de deixar crescer chagas feias, e antes as querem sofrer, que as repostadas dos muito repúblicos (2) e pouco caridosos.

Tornando à história, foi por esta ordem gastando todos os dias até quantia de três cruzados, não sendo nunca menos. E, ao que parecia, não podia haver dinheiro para seis meses; porque era cousa sabida que fazia também esmolas extraordinárias a pes-

(1) = aspecto, feição.
(2) = moralistas, zelosos em excesso.

soas particulares e de mais qualidade, umas de dez cruzados, e outras de mais quantia.

Passou um ano e entrou outro, e a fonte não cessava...

Cresceu a curiosidade; lançaram-se contas; chegaram os frades a imaginar ou assentar que lhe entrava dinheiro secreto, e que seriam restos de dívidas do Arcebispado. Que das casas grandes as migalhas são riqueza para os menores.

Fizeram estreitas diligências; e inquiriam apertadamente um cónego (a quem o Arcebispo deixara o cargo de arrecadar o que por algumas partes se ficara devendo de contas atrasadas) se trouxera dinheiro.

Respondeu chãmente que alguns sobejos houvera à mão; mas que tudo se despendera em pagar dívidas a criados, e nem um só rial entrara em poder do Arcebispo.

Então não houve que fazer senão com espanto darem todos graças a Deus, pela mina que viam milagrosa: tanto mais digna de causar pasmos, quanto notavam que ia correndo o segundo ano, e os pobres eram cada dia mais, que acudiam de todo o termo de Viana e de mais longe, e chegavam a não caber no côro; e por pouco que desse a

cada um era necessário passar de três cruzados o que ali distribuía cada dia...

Finalmente a fonte manou até se cumprirem dous anos, com particular observação dos Religiosos e do esmoler que havia sido do Arcebispo, que se achou por êste tempo no convento; e todos andavam sôbre-aviso, e notando com cuidado o tempo e quantia da esmola, e o número dos que a recebiam.

Grande e soberano prodígio, em que podemos considerar tantos milagres quantos foram os dias, horas e momentos que a corrente daquela moeda foi multiplicando e continuando.

*

* *

Passaram os dous anos da retirada do Arcebispo, e com êles tiveram fim os quinhentos cruzados. Ficou sem ter que dar, com aquela continuação que costumava e desejava.

Assim, quando via pobres, e se via falto de os poder consolar, não havia para êle maior pena.

E quando não tinha dinheiro dava-lhes

lenços, toucadores (1), toalhas, e outras peças de seu uso que achava pela cela, quaisquer que fôssem.

Mas aconteceu que, tendo dado um dia tudo quanto de presente tinha, de sorte-que, se não vinha novo provimento de fora, não havia remédio de satisfazer aos acredores, quando veio o outro dia foi-se depois de missa ao seu lugar do côro e pôs-se em oração, como era costumado.

Dali sentia cruzar muitos pobres pela igreja, e alguns chegarem à porta do côro, e fazerem sua petição; a qual ouvida, lhe feria o coração, com mágoa de ver que de fôrça se haviam de ir desconsolados, e que não podia ser menos.

Bem é de crer que seria neste passo sua oração eficaz e fervorosa, oferecendo a Deus em sacrifício os bons desejos e a impossibilidade.

Não permittiu o pai de misericórdias, e Deus de tôda a consolação, que ficasse nesta ocasião desconsolado o seu servo com mandar os pobres mal despachados.

Acertaram a chegar muitos, juntos à porta do côro (deviam cuidar que não dava o

(1) = género de barretes de dormir.

Santo fé dêles); pediram em voz alta por amor de Deus.

Espertou o Santo da oração, como com sobressalto; e, pelo costume de quando tinha que dar, lançou depressa mão a outra cadeira, ao lugar onde punha o dinheiro.

¡Cousa maravilhosa! Tudo foi um: lançar a mão, e lembrar-se que não havia ali a quê nem para quê (2), e topar com dinheiro, e, o que é mais de espantar, cópia de dinheiro. Tanto que tocou nêle, ficou maravilhado e suspenso, não se determinando no que faria; porque sabia e estava certo que naquele dia não trouxera nem pusera ali dinheiro algum, nem êle o tinha para o trazer; e do dia atrás não sobejara nada, porque haviam acudido tantos à esmola, que mais despendera, se mais tivera.

Nesta indeterminação, parecendo-lhe que não podia dar o que de certo sabia que não era seu, mandou chamar alguns padres, comunicou-lhes o caso e o escrúpulo. Viram o dinheiro. Afirmou que nem o trouxera, nem o tinha para o poder trazer, ainda que bem quisera. O lugar não permittia cui-

---

(2) = a que, nem para que, lançar mão.

dar-se que podia ninguêm perder nêle dinheiro, e junto, e a granel como estava, e tanta quantia.

Resolveram que podia dar afoutamente, o que foi para êle glória e contentamento sem par.

(Liv. IV, Caps. XXI, XXV e XXVI).

CAPÍTULO XXX

Outros rasgos e maravilhas

Fôra o Arcebispo um domingo prègar, como costumava, a um lugar do termo, e vinha-se recolhendo para o Convento. Encontrou pelo caminho muitos pobres que o esperavam em paradas. Depois que despendeu o que trazia (que, quando tinha com que, sempre saía provido para estes assaltos) não o largava uma pobre velha, amontoando lástimas e dizendo que tinha concertada (1) para casar uma filha órfã; e que à míngoa de uma pobre camazinha deixava de estar amparada; que por amor de Deus lhe desse ajuda para ela; e se lha dava fizesse conta que êle a casava.

Pouco bastava para mover o Arcebispo a semelhantes obras; mas tomava-o (2) em

---

(1) = prometida, tratada.
(2) = surpreendia-o êste caso.

tempo que nem era senhor de dinheiro bastante para esmola crescida como esta, nem o esperava tam cedo.

Foi cuidando que poderia fazer (1) para não perder o lanço de remediar a órfã e consolar a mãe, que não cessava de o importunar e amesquinhar-se.

Em-fim mandou-lhe que à bôca da noite se achasse ao pé da janela da sua cela, que alguma peça lhe buscaria para ajuda do enxoval, e informou-a bem do lugar aonde havia de ir para se não errarem (2).

Tanto que foram ditas Vésperas e Completas, recolheu-se na cela a dar ordem ao cumprimento do concêrto (3). Fechou-se por dentro; dobrou a cama inteira em que dormia e, sem deixar peça de fora, liou-a apertadamente.

Anoiteceu. Pôs-se em vigia, esperando (digamo-lo assim) pela pela sua Tisbe, ou Hero, por cujos amores se apercebiam setenta anos para dormir aquela noite sôbre uma tábua nua. E, para lograr tal mimo, andava naqueles furtos e cautelas.

---

(1) = Foi meditando no que poderia fazer, etc.
(2) = para se não desencontrarem.
(3) = combinação.

Não foi descuidada a boa velha, que de longe, e muito antes da hora aprazada, estava com olhos de lince na janela e tanto que reconheceu o Arcebispo nela, e viu o tempo acomodado para o negócio ter o segrêdo encomendado, chegou-se ao pé da janela (que ainda então não era o Convento cercado) e, feito sinal, recebeu a trouxa que o Arcebispo lhe lançou.

Levou a pobre mais do que esperava; deu o Arcebispo tudo que possuía; ela foi rica, êle ficou sem ter com que se cobrir.

E contudo não há dúvida que no gôsto do furto ficou o Arcebispo com grandes vantagens e tanto mais crescidas, quanto se via ficar mais pobre. E, assim, creio que dormiu essa noite a sonho sôlto e a todo seu sabor; e que lhe pagaria Deus o sono que o cansaço da prègação e do caminho, e a tábua dura lhe tiravam, em altas e celestiais consolações. Que êste é o sono que êle sabe dar aos seus amados, mais delicioso que todos os da terra. E o Arcebispo procurou não o perder em muitos dias, tendo o cuidado de estar fechado de contínuo por dentro; e, quando era buscado dalguêm, cerrar primeiro a janela, ou sair a

negociar (1) fora da cela. Até que o Senhor foi servido que não ficasse em silêncio obra tam heróica, nem seu servo padecesse tanto; rompendo-se (2) por parte da velha, que se gabou a suas vizinhas da esmola, e publicou os meios dela, e daí se divulgou por tôda a terra.

Por maneira que, quando chegou ao prelado e religiosos que o Arcebispo dormia sem cama, andava já a história entre os moradores da vila mui celebrada; e referindo-a um dêles em certo propósito no Convento, como cousa que os padres não podiam ignorar, então caíram na conta da razão que havia para o Arcebispo andar naqueles dias tam fechado de porta e janela, que a todos dava em que cuidar.

E o Prelado, por se certificar, entrou um dia com êle de súpito, sem lhe dar tempo de se prevenir; e vendo a barra nua, disse-lhe com dissimulação:

— ¿Que é isto, senhor? ¿Mandou vossa senhoria assoalhar a cama?

O santo velho, por falar verdade e res-

---

(1) = tratar do assunto ou negócio para que o buscavam.

(2) = rompendo-se o silêncio.

ponder em forma a seu prelado, disse com grande humildade, palavras formais:

— Uma velha pobre me tirou de meu sentido e levou a roupa que aí estava. Parece que era sua, pois dela dela tinha necessidade. E eu, Padre nosso, posso-a muito bem escusar, que assim durmo melhor e para mim isto basta.

O Prelado, pelo não desconsolar, mudou o propósito (1); e logo à tarde mandou prover outra cama.

Então se viu que, como ao taful não falta nunca dinheiro para desbaratar jogando, assim é impossível poder faltar ao verdadeiro esmoler com que socorrer os pobres. Porque não pode ser melhor mestra de invenções a necessidade ou apetite mau para o mal, do que é engenhosa a perfeita caridade para o bem; a qual, quando o mundo lhe falte, tem por si a Deus, que estima tanto qualquer pequeno serviço que lhe fazemos nos seus pobres, que além de o pagar a cento por um, como está escrito, acode com sua omnipotência a acreditar (2) os caridosos.

---

(1) = mudou de conversa, de assunto.

(2) = abonar, prover, fornecer aos caridosos o meio de exercerem a caridade.

*

* *

A muita devoção que todo o povo de Viana tinha com com o seu Arcebispo, e a firmeza de fé com que se encomendavam em suas santas orações, era tam viva e afervorada, que não é de espantar fazerem delas, como faziam, o que os Gregos chamaram, *Panchresto,* quero dizer: um medicamento universal contra todos os trabalhos e necessidades.

E era acertada a conta. Porque os validos dos reis não o são só para casos e cousas particulares; e quem o era tanto de Deus, que tinha poder contra a febre e alterações do corpo humano, também era de crer que o teria contra os ventos e tempestades, que são a febre e descomposições dêste grande corpo e máquina elementar (1).

E' costa brava tôda a ocidental dêste reino até Galiza, e mui perigosa; e a falta que padece de bons portos a faz mais de temer. Como se levantam ventos travessias, que são muito ordinários nela, correm risco não

(1) = dos elementos, da natureza.

só os navios que se acham sôbre a costa, mas tambêm os que estão surtos dentro das barras e rios.

O mesmo acontece nesta paragem de Viana. A barra estreita e desabrigada, e um baixo perigoso que há na entrada, teem sempre em cuidado e temor os mareantes.

Mas vieram-no a perder neste tempo em virtude do Arcebispo. Em apontando navio que demandasse a barra, se corria tormenta, voavam em bandos ao Convento mulheres e filhos e parentes dos que suspeitavam que o navio lhes tocava, ou pela marinhagem, ou pelas fazendas e carga, a pedir ao Arcebispo fizesse oração por êle, e pelo menos chegasse a uma janela e lançasse sua bênção sôbre o mar. E como iam afligidos e o perigo apertava, pediam-lhe socorro em altas vozes.

O Santo, cheio de caridade e obrigado da fé que enxergava naquelas instâncias, em ouvindo a grita se lançava de joelhos em terra onde quer que se achava; e com a sua costumada devoção rezava a antífona de Nossa Senhora *Sub tuum prœsidum, etc.* e daí subia ao dormitório, e, chegando a uma janela, fazia com grande fé o sinal da Cruz contra o mar.

Era cousa prodigiosa que, em acabando de o formar no ar, obedeciam o mar e os ventos àquela representação do que foi meio de nossa redenção; e era tam súbita a mudança, que não havia quem duvidasse ser cousa extraordinária e palpàvelmente poder celestial.

(Liv. IV, Caps. XXVII e XXIX).

*

* *

Sôbre (1) as obras maravilhosas que temos contado pelo discurso da história, consta-nos de outras muitas com que Deus Nosso Senhor foi servido confirmar e esclarecer a grande virtude de seu servo; as quais por mui certos e averiguados milagres puderamos contar, se assim como nos constaram por informações dignas de tôda a fé, houvera nêles o exame e aprovação, que é costume fazer-se pelo Ordinário para se poderem publicar e afirmar por verdadeiros milagres. Mas êste descuido, de que já outra vez nos queixámos, não é razão que nos

(1) = além de, afora.

tire lançá-los em memória, sem embargo que postos em balança com os exemplos das virtudes do Santo, ficam de tanto menos consideração, quanto tem mais preço aquilo que nos edifica, que tudo o que espanta; porque os milagres, que causam espanto, alguma vez pode acontecer fazerem-nos homens maus; e as virtudes, que edificam, não cabem senão nos que são verdadeiramente bons.

Vieram à vila uns estranjeiros. Traziam consigo um urso grande e corpulento, feio e feroz, mas tam domesticado e ensinado a fazer cousas maiores do que cabem em animal tam bravo, que era espectáculo de riso, de passatempo e curiosidade para o povo e, pelo mesmo caso, (1) de muito interêsse para os donos, que sabiam bem vender a vista (2) e valer-se dela para viverem.
Quiseram mudar lugar, a cabo dalguns dias. Saíram uma manhã para a vila de Caminha pela rua de S. Sebastião, e dando na estrada que vai por junto das ermidas do campo, tanto que chegaram onde se desco-

(1) = motivo.
(2) = espectáculo.

brem as janelas do dormitório do nosso convento, eis que súbitamente cai o urso em terra, tremendo todo e escumando; e dentro de pouco espaço ficou morto.

Do modo da morte, e do lugar não há dúvida. Do que se segue não pude alcançar aquela verificação que buscamos nas mais cousas que escrevemos: só achei uma tradição geral, recebida e celebrada por todos os naturais. Esta é que ao tempo que o animal passava, levado de trela pelos estranjeiros, houve quem contou ao Santo, que estava a uma janela, as habilidades que fazia; e o Santo, com admiração fizera contra êle o sinal da Cruz, dizendo que devía ser ou trazer o demónio. E no mesmo ponto sucedera o que temos contado.

(Liv. V, Cap. XXIX).

CAPÍTULO XXXI

Última vida

É a morte, para os justos, fim de trabalhos, princípio de alegrias, verão florido depois de triste inverno, pôrto seguro após tempestade temerosa. *Ganho e interêsse* lhe chama S. Paulo; *galardão da vida* lhe chama Santa Catarina de Sena.

E como nela esperam os Santos ver-se senhores dos tesouros da eternidade a que aspiram, a tudo o da terra dão de mão, e tôda inteira lhes parece cousa indigna de um emprêgo de olhos, quanto mais de afeição de alma.

Que, na verdade, quem muito se paga dos gostos da terra ainda não sabe o que espera do Céu, que, só um ponto pudéramos alcançar do que lá se goza, (1) pouco era an-

---

(1) = ainda que só pudéssemos saber ou adivinhar um pormenor insignificante do que lá se goza.

darmos perdidos cento e cinqüenta anos, trás o (1) canto suave do passarinho, como aconteceu a outro monge santo; pouco era dar a alma, como ia dando S. Francisco, quando começou a sentir a corda do arco que ia passando pela viola celestial.

Assim, é de querer que tinha o Arcebispo grandes ilustrações (2) e notícias dos bens da glória, pelo muito que desejava morrer e ver-se nela.

Dêstes desejos nascia o pouco gôsto que tinha dos títulos honrosos da Ordem — de Leitor, de Presentado, de Mestre e de Prior — que todos lhe entraram pela porta uns após outros, sem nunca se lembrar que os havia para êle, quanto mais procurá-los.

Nem podia ter outro fundamento aquela porfiada repugnância que lhe vimos fazer à mitra, quando para ela foi buscado. Porque, quantos mais feitios fazia o mundo pelo alevantar em honras, rendas e estado, fazendo-o mimoso dos papas, favorecido dos reis e príncipes, estimado e reverenciado do povo; tanto mais se acendia em ânsias de voar ao alto, e então aborrecia mais todos os bens da vida.

---

(1) *Trás o* = atrás do.
(2) = noções.

Assim, no tempo que com fôrças e saúde governava o Arcebispado (onde outrem tivera por bênção longa vida para o lograr) a boa ventura por que suspirava era a morte. Esta chamava *seu despacho;* e por esta frase em sua ordinária linguagem a significava. Mas, quando via que se lhe dilatava, afligia-se para renunciar o Arcebispado, para ao menos largar todos os cuidados da vida e entender naquele só, que sómente nos é necessário, de boas e bem limadas contas para a hora da morte — como navio que pretende fazer boa viagem, que, se os mares são grossos e o vento carrega, não duvida alijar ao mar tôda a carga e volume demasiado, por mais rico que seja, para ficar desembaraçado, e leve, e correr melhor.

Estava um dia em boa prática (1) com um abade bom letrado e virtuoso, em Braga. Ofereceu-se no discurso (2) dela dizer-lhe que acabaria de chegar *seu despacho,* para então descansar, e morar em sua casa.

Imaginou o Abade que falava em lhe aceitarem a renunciação, por ser a cousa que mais públicamente tratava sempre, e come-

(1) = agradável conversa.
(2) = decurso.

çou-lhe a propor com caridade algumas razões para o dissuadir de tal pretensão, mostrando-lhe a falta que fariam sua pessoa, e seu govêrno, e suas esmolas,

Declarou-lhe então o Arcebispo que o despacho principal que esperava, e em cujas esperanças se sustentava, era a morte; e sua casa a sepultura; e o descanso porque suspirava, a Glória que Deus tinha prometido a seus servos.

Quando adoecia, representava-se-lhe, que chegava o *despacho*; e não só se entregava de boa vontade à disposição divina, mas alvoroçava-se para o remate da vida com jùbilos de prazer.

E aconteceu que, curando-se em Braga de um tabardilho que o teve no cabo, (1) visitavam-no os médicos muito a miúdo, e por não ficar nada por tentar do que a arte ensina, multiplicavam benefícios.

Sentiu o Santo que obedecia o mal à fôrça dos remédios; e temendo que lhe estorvassem com êles o *despacho*, que a seu parecer já tinha nas mãos, da doença que bem conhecia ser gravíssima, dizia com

(1) = no fim da vida; à morte.

sentimento, quando entravam, palavras formais:

— Já vêem os trampões, e bem trampões.

Declarava-se (1) depois, e dizia que *trampões* eram uns advogados que, com manhas e astúcias, dilatavam as demandas e entretinham a justiça; e tais eram os seus médicos, que quando Deus queria dar final despacho em sua antiga petição, a poder de invenções de sua física e e artifícios de medicamentos, lhe procuravam suspender a justiça, e dilatar a sentença em que todo seu bem consistia; que bem mereciam o nome de trampões, e bem trampões.

Em outra doença que teve na mesma cidade, não menos perigosa, de umas febres ardentes acompanhadas de grande fastio e fraqueza, mandavam os médicos acudir-lhe com apistos e substâncias (2), a miúdo, para o esforçarem; e de mistura com apozemas, (3) e muitos cordiais para reprimir a malignidade do humor venenoso.

Mas não havia fazer-lhe levar (4) nada. Por

(1) = explicava-se.
(2) *Apistos e substâncias* = caldos substanciosos.
(3) = remédios.
(4) = tomar,

que à comida repugnava o fastio: e às mèzinhas a vontade e gôsto de morrer.

Faziam apertadas instâncias todos, metendo-lhe escrúpulos: que era obrigado em consciência a tomar o que os médicos ordenavam e receitavam para sua saúde,

Vendo-se uma noite muito perseguido de razões e rogos, soltou estas palavras com um extremo de aflição:

— Inimigos de minha consolação, ¿que me quereis? Se Deus tem determinado levar-me para si, deixai-me ora ir para êle. De muito boa vontade vou, que é muito bom Senhor. Se êle, por quem é, quere dar bom despacho a minha petição, ¿porque mo quereis deter? ¿Porque me tolheis tanto bem? ¿Porque me invejais o cumprimento de todos meus desejos? Ah triste de mim ¿quem me livrará já dêste corpo, dêste cárcere de morte? ¿Quando será o dia que acabe de chegar, e aparecer na presença de meu Senhor? Se vós Padres me amáreis de verdade, vós folgáreis com as novas do meu despacho.

Passou o mal, saíu de perigo, e convalesceu.

Alegraram-se todos, só êle não estava contente, e recebia parabêns forçados daqui-

lo que nada estimava. Mas, tanto que renunciou, e se viu fôrro de cuidados do Arcebispado, e de entender com almas alheias, não houve (1) que ficava sôlto para descansar, se não descarregado dos ferros para melhor voar.

E os desejos que dantes se repartiam a dous fins, os quais eram renunciação da mitra, e da vida, juntaram-se agora em um só, e unidos num corpo faziam guerra àquela alma, de sorte que podemos assim dizer, e sem encarecimento demasiado, que... morria por morrer.

(Liv. IV, Cap. XXX).

*

* *

Oito anos havia que o Arcebispo se recolhera e residia no seu convento de Santa Cruz de Viana, e já passava dêles tanto tempo quanto há de Fevereiro até Junho.

Dêstes, os primeiros quatro tinha gastado, como dissemos, em perpétuo serviço e trabalho, prègando todos os domingos, e

---

(1) = não considerou, achou, entendeu.

mais dias santos, com uma tam aturada continuação, que mete mêdo a quem considera o como nos queremos hoje poupados, os que temos as mesmas e maiores obrigações. Os outros quatro não descansou, ainda que foram menos trabalhados. Porque, como estava mui gastado de várias indisposições, quando entrou nêles, e passava já então de setenta e dous, não consentia o prelado que procedesse (1) com a continuação (2) primeira.

Obedecia o Santo, mas com dor e repugnância do espírito, que sôbre tantos anos ainda lhe parecia que tinha obrigação de merecer, servindo, o pão que comia.

Notável, mas santa porfia de um Arcebispo ilustríssimo em virtudes e merecimentos, carregado de anos, consumido de penitências e doenças, que nos envergonha aos robustos, e afeia nossa fraqueza e inconstâncias, que não há bom propósito que nos dure oito dias—tudo se nos vai em mudanças. (3)

Era por fim de Junho do ano de 1590 quando começou a sentir umas dores que,

---

(1) = prosseguisse, continuasse.
(2) = assiduidade.
(3) = mudanças de tenção ou propósito.

sendo no princípio leves, o foram apertando e afadigando. E, ou fôsse que então não entendesse a graveza do mal, ou quisesse merecer diante de Deus padecendo, êle as dissimulava e passava, sem dizer nada.

Sómente notavam os Religiosos que, contra sua condição, se levantava tarde e se recolhia mais cedo do que costumava; e que andava falto de fôrças e muito quebrado de còres. E com isto enxergavam nêle sinais de quem andava contente, o que lhes deu suspeita se teria alguma nova do que soía chamar *seu despacho;* mas como se não declarava nem queixava, atribuíam aquelas novidades a efeitos de velhice.

Porêm êle já não duvidava de ser entrado o correio que lhe trazia o despacho; e num dia dos primeiros de Julho, sentindo grande fôrça de dores, e que não era tempo de mais se encobrir, esforçou-se, disse missa, e por última despedida correu aos altares, visitou os seus pobres, que nunca em-quanto foi vivo lhe faltaram da igreja, e, recolhendo--se para a cela, passou pela do padre frei André da Cruz, religioso antigo e seu grande devoto, e disse-lhe, cheio de alegria:

—Meu padre frei André, pela amizade an-

tiga lhe venho dar conta de meu bem. Parece-me que é chegado meu despacho, porque o Ordinário (1) que mo traz, se me não engano, está já em casa. Fique-se embora, e lembre-se de me encomendar a Deus, porque lho mereço, e tenho disso muita necessidade.

Recolheu-se e deitou-se. Vieram médicos, entendeu-se que o mal era retenção de urinas, que a física chama angúrria, (2) e que se tinha agravado com o sofrimento demasiado, porque havia sinais de exulcerações. Então caíram (3) os Religiosos que a grande honestidade do Arcebispo, junta com sua paciência, fôra causa de dilatar tanto a publicação da enfermidade.

Começaram-se a buscar e aplicar remedios com todo cuidado, andando mui solícitos todos os padres na cura, e da mesma maneira os médicos, que lhe acudiam com grande amor; e como é fácil de crer o que muito se deseja, não davam a doença por mortal; e quando o fôsse, por ser o sujeito

(1) = autoridade eclesiástica, portadora do despacho.
(2) = anúria.
(3) = viram, descobriram, caíram em si.

tão descaído com a muita idade, haviam (1) que seria vagarosa.

Mas o Arcebispo, conhecendo melhor que êles o estado em que estava, tomou papel e tinta, e fêz seu testamento — testamento de pobre soldado de Cristo: pobre, mas desembaraçado (que é a mor dita que se pode desejar para a última hora, e que poucos sabem negociar) (2). Foi, como dizem, feito na unha, (3) e as palavras eram:

Eu, o Arcebispo dom frei Bartolomeu, quero, e ordeno que, levando-me Nosso Senhor para si, meu corpo seja sepultado neste mosteiro de Santa Cruz de Viana, que eu fundei. E declaro que faço pura e irrevogável doação *inter vivos* a êste mosteiro dos meus livros, e dos meus móveis que tenho, e assim de tudo o que me pertencer e tiver vencido até o tempo de meu falecimento. E por certeza fiz esta doação no dito mosteiro de Santa Cruz aos sete de Junho de 1590, de que foram testemunhas Frutuoso Fernandez e Paulo Marinho, meus familiares.

---

(1) = supunham.
(2) = obter.
(3) = *Feito na unha*, por ser tão pequeno.

Entretanto faziam seu ofício os médicos, aplicando e multiplicando todos os remédios que a doutrina dos livros e a experiência aconselhavam. Mas em males interiores, como se escondem aos olhos, são mui enganosos os juízos. E êste mal ia penetrando com mais violência e mais pressa do que êles com sua filosofia e discursos atinavam (1), o que se descobriu por uns desmaios que lhe sobrevieram, os quais o enfraqueciam demasiadamente e o faziam acabar de assentar que tinha seu despacho na mão.

Assim, como quem se sentia obrigado a estimar e festejar o que tanto desejara, sofria suas dores com tanto ânimo que, sendo de si gravíssimas e causando-lhe intolerável martírio, nenhum dos circunstantes o entendia se não era pelos desmaios com que, de pura angústia, desfalecia; e todavia fazia pela encobrir com admirável constância. E quando a fúria das dores era mais crescida, alegremente despregava a língua em louvores de Deus, dando-lhe graças infinitas com entranhável afecto por todos os benefícios

(1) *Com sua filosofia e discursos atinavam* = supunham, com sua sciência e raciocínios ou cálculos.

da criação e redenção, da fé e da conservação dela, repetindo e exagerando cada um por si. Então engrandecia e agradecia as mercês de o fazer religioso, de o descarregar do ofício pastoral, de o tornar aos claustros e companhia de seus irmãos, e chegar a tempo de poder entre êles acabar o curso da vida mortal. Logo ficava com uma quietação tam extraordinária, que parecia lhe tinha todos os tormentos em calma. E era que no meio dêles o arrebatava a contemplação da Glória, que se os não suspendia de todo, ao menos fazia-lhos toleráveis, e fazia que estimasse e desse por bem-vindo o mal, a trôco dos bens que esperava, de que já se lhe representavam uns longes de soberana consolação. E vendo que se encurtava o prazo de padecer, estava com o espírito rendido e prontíssimo a sofrer muitos mais, para mais merecer.

Como se publicou na vila a enfermidade do Arcebispo e a qualidade e estado dela, foi estranho o efeito que fèz em todo género e estados de gente, achando todos e cada um por si muito que sentir, na perda que

já tinham por certa de tal coluna e tal pai daquela república.

Acudiram logo a visitá-lo os mais dos nobres, significando-lhe o grande e geral sentimento que por sua doença havia em tôda a vila.

Após a gente nobre foi acudindo muita outra gente, assim da vila como de mais longe, eclesiásticos e seculares, procurando todos aquela última consolação de sua vista. E muitos traziam panos de cabeça, que ofereciam aos Padres, para levarem os que se tiravam ao Santo, tendo fé que tais relíquias seriam de tanta importância depois de sua morte, como na vida tinham experimentado em várias necessidades.

Mas neste tempo iam multiplicando acidentes temerosos, porque havia dias que não urinava, e o humor detido fêz acommetimento à cabeça, causou sono e, a voltas dêle (1), frenesis.

Acudiram os médicos com defensivos à cabeça, e com sangrias nos braços, para divertir o humor: notomias (2) que em um

(1) = alternadamente.

(2) *Notomia*, corrupção de *anatomia* = importunação; intervenção médica dolorosa e já inútil.

corpo tam gastado, e já vencido da doença, serviam mais de martírio que de benefício.

Trabalhavam os Frades por ter o Santo esperto, porque estava profundamente amodorrado. Martirizavam-no com remédios, importunavam-no, falavam-lhe. Não acudia (1), e se acordava respondia com desvarios.

Mas foi causa de dar graças infinitas ao Senhor, e de grande admiração, que no meio dos tresvarios, se lhe falavam em Deus ou em matéria de espírito, e ainda que não fôsse mais que em um ponto de Teologia, logo tornava em si, e respondia, preguntava e resumia, falando tam esperto e a propósito, como quando estava em perfeita saúde.

Todavia como o mal tinha feito seu assento em baixo, e danificado muito os vasos da urina, não durou muito tempo na cabeça.

Cessou a modorra e juntamente o frenesi, e tornou a ficar em seu perfeito juízo.

Tornando ao fio da história, veio entre os eclesiásticos um cónego de Braga, por nome Luís Gomez.

Entrando pela cela, foi logo conhecido do

---

(1) = reagia, respondia.

Arcebispo, que era dos seus aceitos(1) e disse-lhe com repouso:

— ¿Vindes bem? ¿Trazeis o que vos entreguei para esta hora?

Pôs-se o cónego de joelhos e, tomando-lhe a mão para lha beijar, respondeu:

— Não trago nada; mas, diga-me V. S. ¿que é o que havia de trazer?

Tornou o Santo com muita serenidade:

— O anel pontifical, que agora é necessário.

Dizendo-lhe o cónego que o não trouxera, porque esperava em Nosso Senhor que daquela enfermidade o não haveria mister, replicou:

— Mandai-o logo buscar, que já é necessário.

Êste era o anel que, despedindo-se o Arcebispo em Roma do Papa Pio IV, lhe deu Sua Santidade de sua mão; e vindo a Braga o entregou a êste cónego Luís Gomez, a quem muito amava, (e êle por sua virtude e partes o merecia) dizendo-lhe que teria cuidado de o guardar para lho pôr no dedo quando falecesse. E assim o veio a cumprir

(1) *Que era dos seus aceitos* = porque era dos seus íntimos, ou preferidos.

em cabo de vinte e seis anos, porque o mandou buscar com diligência, e veio a tempo.

E a primeira resposta que deu ao Santo foi tentativa (1) a ver se estava com conhecimento perfeito e lembrança dêle, Luís Gomez, visto como estivera frenético e tresvariado.

(Liv. V, Caps. I e II)

(1) = estratagema, pretexto.

CAPÍTULO XXXII

A Morte do Justo

Chegava-se a hora em que o Senhor tinha ordenado dar glorioso fim aos trabalhos de seu servo, e inteira satisfação a seus desejos.

Cresceram as dores desmedidamente, sinal certo da muita pressa e fôrça com que o mal interiormente ia lavrando e derribando a natureza.

A fraqueza era extrema, que já não era senhor de nenhum acto nem movimento corporal, e o calor natural e os pulsos iam faltando.

Chegou a fama à cidade de Braga, do estado em que o enfermo se achava, e como se não tratava já doutra cousa senão de entêrro e exéquias.

Não faltou quem levasse a nova ao Arcebispo (1) que, movido em seu ânimo do

---

(1) Trata-se do arcebispo de então, D. Agostinho de Castro, segundo sucessor de D. frei Bartolomeu na mitra bracarense.

em que tudo vem a parar — sorte comum e lei forçada de todos os que vivemos — determinou ir a Viana, considerando que era ocasião de verdadeira caridade e piedade cristã, quando não ia visitar nem ganhar graças, senão fazer ofício de sepultura.

Pôs-se o Arcebispo a caminho na mesma tarde que teve o aviso; e, sendo na fôrça das calmas de Julho, caminhou aturadamente tôda a noite, de maneira que às sete horas da manhã estava em Viana, às portas do nosso convento, acompanhado de tanta e tam autorizada gente eclesiástica e secular, que parecia se despovoara Braga.

Entrou pelo convento sem esperar cerimónias, e, preguntando pela cela do enfêrmo, dizia com cortesia e confiança de príncipe, palavras formais:

— ¿ Qual é a cela do senhor D. frei Bartolomeu ?

O Prior e religiosos, sobressaltados com tamanho hóspede, acudiram, correndo, a lançar-se a seus pés, e foram-no guiando.

Entrou o Arcebispo na cela com todos os que o seguiam; e êle e todos ficaram um espaço suspensos e mudos, dando lugar a que considerassem os olhos um desengano

de grande confusão para quem estima a vida:

Uma estreita cela; as paredes nuas; em mesa sem pano um candeeiro de ferro pendurado de um prego; uma cama de frade ordinário, sem cortina nem género de paramento, sôbre uma tábua de pinho — ¡que tábua para salvar de grandes naufrágios! Ali um arcebispo lançado, que tam celebrado e tam estimado foi no mundo, agonizando em cruelíssimas dores, e no martírio delas tortornado um bichinho.

Mandou o Arcebispo que viessem os médicos e saíu-se para fora, para que despejassem (1) os mais: que como eram muita gente e o tempo calmoso, afrontavam o enfêrmo. Juntos os médicos, quis o Arcebispo entender a raiz e princípios da doença, e o processo dela, e que sentiam (2) do estado presente; e mandou assistir na consulta o seu médico, que, por não faltar em nada, trouxe em sua companhia de Braga.

Proposta e declarada largamente tôda a informação do mal, e os termos que tinha feito(3)

---

(1) = saíssem.

(2) = o que entendiam.

(3) = as fases por que passara.

e ia fazendo, foi breve a resolução, e com poucos discursos convieram todos em que não havia que esperar, e que se não tardasse com os últimos socorros da Santa Madre Igreja, porque se ia com muita pressa consumindo.

Tornou o Arcebispo para o enfêrmo, mandando primeiro fazer prestes para a santa Unção, que por suas mãos lhe queria ministrar.

*

* *

Eram entretanto os cuidados mui diferentes em ambos os arcebispos; porque um esperava pelo último socorro que a Igreja tem sinalado para os que com fé entram na batalha da morte, que é o sacramento da santa Unção; e o outro se fazia prestes para com caridade o administrar. Mas, em-quanto se juntavam os ministros, e ordenavam as cousas para se fazerem com tôda a solenidade, quis o Arcebispo D. Frei Agostinho aproveitar aquele espaço de tempo com uma obra de seu valor bem digna.

Mandou vir um pintor de fama, por nome António Maciel, para nos ficar por seu meio conhecimento do rosto e feições do Santo.

consolação grande para os que não alcançámos sua presença (1).

Tinha o Santo naquela hora os olhos fechados, ou pela fôrça do que padecia, ou por estar assim mais entregue às meditações do Céu, que nunca interpolava (2).

E foi boa ocasião para efeito, porque, segundo a sua profunda humildade, fôra-lhe desconsolação grande, se o entendera.

Todavia, para se tirarem (3) os olhos, que são quási o todo do rosto humano, era necessário estarem abertos e haver vista dêles o oficial (4).

Aqui foi necessário artifício. Tomou-o à sua conta um religioso do Convento, que estava à ilharga da cama, e sem mais diligências que dizer-lhe: *sursum corda*, abriu logo os olhos com tôda a viveza que o estado presente sofria e, pregados com devoção no Céu, disse afectuosamente: *habemus ad Dominum*. E para que os não tornasse a cerrar, e o ir entretendo, perguntou-lhe se o conhecia.

---

(1) = que o não chegámos a conhecer vivo.
(2) = interrompia.
(3) = retratarem.
(4) Hoje diríamos *o artista*

Respondeu o Santo, pondo nêle os olhos:

— Sim, conheço, Padre meu, que tendes um nome muito formoso, do apóstolo Santo André, que foi grande namorado da Cruz de meu Senhor Jesus Cristo, e dela tendes tambêm o sobrenome; e há muitos anos que sou muito vosso amigo, por vossa grande virtude e religião.

Replicou o Religioso:

— Pois Vossa Senhoria diz que é meu amigo, lembre-se de mim diante de Deus.

— Sim, farei, respondeu o Santo.

Aqui acudiu o Arcebispo D. frei Agostinho dizendo:

— E de mim tambêm, senhor.

— E de vós tambêm, respondeu o Santo, e de muito boa vontade, porque tendes muita necessidade.

E como se virou para êle para lhe dizer estas palavras, deu fé do pintor (tanto em si estava) e preguntou que homem era e que fazia ali. Quietaram-no fácilmente, dizendo-lhe que estava concertando uns papéis que eram necessários.

Assim houve lugar para se acabar o retrato, que ficou bem ao natural, e por êle se tiraram depois outros, dos quais foi logo um ao arcebispo de Évora, D. Teotónio de

Bragança, que êle estimava muito, e na mesma conta tinha D. frei Agostinho o primeiro que a êle devemos.

Junto a um tempo acabava o pintor, e entravam a dar recado que estava a ponto tudo o que era necessário para a santa Unção.

Não foi necessário buscar rodeios para avisar o enfêrmo do que se queria fazer.

Recebeu a nova não só sem perturbação, mas com sinais de gôsto. Começou-se o ofício com muita solenidade e aparato, porque o Arcebispo, já quando partiu de Braga, entendendo o que poderia suceder, deixou ordem que após êle lhe fôsse do tesouro um pontifical (1) inteiro, e panos de sêda, e brocado, muitos castiçais e tocheiras de prata, cópia de cera de tôda a sorte, e juntamente todos os músicos da Capela da Sé, para que, havendo de haver exéquias, se fizessem com tôda a pompa e magnificência.

O concurso de gente, e a muita cera que ardia, tinham o ar da cela tam quente, que

---

(1) *Pontifical:* capa de longa cauda, e capêlo forrado de carmesim ou arminhos, de que o bispo usa na sua catedral.

se sentia demasiado fogo (1) quando acabou o ofício. O que, junto ao trabalho que o enfêrmo tomou na continuação do rezar e responder a tudo, causou-lhe fraqueza, e a fraqueza um paroxismo (2).

Mandou o Arcebispo despejar de todo (3) e acudir-lhe com substâncias para o esforçar, e ver se podia repousar e descansar um pouco.

E como se fôra qualquer dos padres particulares de casa, era sua assistência ou assentado aos pés da cama, ou encostado à cabeceira, e muitas vezes pôsto de joelhos.

Continuando o Arcebispo neste santo e piedoso ofício, como não perdia ponto na vigia e advertência do que convinha ao enfêrmo, notou-lhe uma tarde novo quebrantamento de rosto e olhos, e que conformava o pulso com extrema debilitação. Por onde julgou que tardaria pouco em se apagar a candeia da vida; e, avisando os circunstantes, começou a rezar com os joelhos em terra, por um livro que para êste efeito

(1) = calor.
(2) = crise, acidente.
(3) Subentende-se *a cela*

trazia, certas orações próprias para tal hora, as quais acompanhava com muitas lágrimas e com as mesmas respondiam muitas pessoas de todos os estados, que, por ser a conjunção tal, tinham a cela cheia.

A devoção e lágrimas do Arcebispo, começando o ofício da agonia, cresciam de maneira que nem enxergava a letra nem podia pronunciar as palavras; e com seu exemplo não havia nenhum tam insensível que tivesse os olhos enxutos.

Era de ver o santo velho, como outro patriarca Jacob entre seus filhos, rodeado de tantos em que a maior parte por alguma relação lhe deviam nome de filhos, porque a uns criara, outros ordenara, outros fizera ricos.

Todos pranteavam. Êle só, alegre e contente, preguntava uma vez e outra se eram ditas Completas, como quem tinha para então alguma promessa do termo da jornada.

Entre as sete e as oito da tarde tornou a preguntar se eram ditas Completas. Dizendo-lhe que eram ditas, quietou um pouco, parece que pedindo cumprimento da promessa.

Neste tempo chegou um religioso a tocar-lhe os pés, para ver em que estado estavam de frialdade, e assim julgar da vida.

Foi cousa maravilhosa a esperteza com que acudiu, estando tanto no cabo, que não durou um quarto de hora: encolheu os pés com fôrça que já não tinha (último esfôrço da natureza); fêz semblante e olhos severos, desejou falar e fêz sinal a bôca; mas já não havia alento para formar voz, nem se lhe entendeu nada. E contudo assaz falou naqueles meneios bem significadores, que nem no derradeiro artigo da vida se esquecia do antigo cuidado de sua honestidade e compostura.

A êste tempo o reitor do Colégio da Companhia, de Braga, que estava pegado com êle, tomava o livro ao Arcebispo para ir continuando o Ofício, que o bom prelado totalmente estava impossibilitado, tirando-lhe as lágrimas a vista, e a dor a respiração.

Então levantou o Santo as mãos e olhos ao Céu, e, sem fazer outro movimento do rosto, nem corpo, rendeu o espírito ao Criador, uma segunda-feira dezasseis dias de Julho de 1590, entre as sete e as oito da tarde, em idade de setenta e seis anos e dous meses. Tinha de hábito sessenta e dous anos não perfeitos, e havia trinta e dous que fôra eleito Arcebispo, e oito e alguns meses que, deixando o arcebispado, se tornara à sua Religião.

*

* *

Foi o arcebispo D. frei Bartolomeu de boa e bem proporcionada estatura, maior que meã. Conformava com ela a composição de todos os membros: cabeça grande, rosto comprido e descarnado, testa larga e alta, que abria em uma venerável calva. Os olhos eram pequenos e sumidos, a vista em ambos torcida.

Tinha o nariz proporcionado com o rosto, direito e moderadamente levantado; a bôca grossa, e o queixo e beiço inferior um pouco saído, quási ao modo que nos pintam os retratos aos príncipes da casa de Áustria.

Destas feições resultava uma certa majestade, que o fazia tam grave e venerável, que, de primeira vista, era de quem o não conhecia julgado por esquivo e intratável: mas, conversado, não havia maior brandura: era chão, fácil, humano mais do que se pode crer — efeitos da filosofia cristã e verdadeira virtude, que tempera e adoça o agro da natureza, e melhora e avantaja o bom.

Era alvo de rosto, e, antes de chegar à

muita idade, inflamado sempre em côr; mas a inflamação se atribuía a causa mais alta, que natural: diziam que procedia de trazer a alma de contínuo afervoradamente ocupada em Deus, de que dava testemunho no rosto e olhos, quási sempre levantados ao Céu, o que também era causa de parecer maior o defeito que dissemos da vista.

Sendo môço, era miúdo e delicado de membros, que se duvidava se aturaria o trabalho da Religião. Com a idade engrossou e fêz-se corpulento; e, como se se trocara em outro, assim se mostrou robusto de natureza e fôrças, sofredor de muito trabalho, de vigias, de estudo e penitências, que nunca largava.

A compleição era colérica (1) e sangüínea, de que deram indício muitas doenças que padeceu, de sangue, mui graves, sendo de admirável temperança no comer e beber.

Era de engenho subtil, claro entendimento e firme memória, livre em dizer a cada um o que entendia, e (o que é raríssimo no mundo) sofrido e humilde em ouvir o que

---

(1) = biliosa.

cada um lhe dizia de avisos e advertências; animoso em acometer as cousas de sua obrigação, acre e diligente na execução delas, constante em as levar ao cabo, porque nenhuma acometia sem muito estudo e conselho, parte de verdadeira prudência.

(Liv. V, Caps. III a VII).

CAPÍTULO XXXIII

Epitáfio

A letra do epitáfio é latina, e diz assim:

Deo opt. max.

«FRATER Bartolomœus de Martyribus «Ulysiponensis, Dominicanus, Hispaniarum «Primas, Adam ter magnus hic situs est: qui «ad Bracharensem sedem á cella ut ajebat, «tanquam á regno ad crucem raptos, cúm «secunda post Apostolos dispensandœ Eccle- «siæ gratia, inter alios, ut Sol inter minores «stellas divinitus fulsisset, Summis Pontifici- «bus, Patribusque Concilii Tridentini specta- «bilis, probatus, et charus, ingravescente æta- «te sponte abdicata sede, cellam monasterii «hujus, quod condiderat, libens repetiit: ubi «et sancté vixit dilectus Deo et hominibus, et «divina patiens ab osculo Domini assumptus «est: heu pauperum pater, et religiosorum, «amator pudicitiæ, æmulatione Martyr, pro-

«fessione Doctor, sal terræ, lucerna ardens et «lucens, rarum verorum Episcoporum exem-«plar, et velut adeps separatus á carne. (1) «Vixit annos 76 á professione Dominicana 62 «á consecratione Episcopi 32. A regressu ad «Ordinem 8. Obiit anno Domini 1590.

«Die decimo sexto Julii. Requiescat in pa-«ce. Amen».

Traduzido em nossa linguagem responde o seguinte.

A Deus de tôda bondade e grandeza

AQUI jaz Fr. Bartolomeu dos Mártires, natural de Lisboa, Religioso da Ordem de S. Domingos, Primaz das Espanhas, Adão três vezes grande: o qual sendo tirado da sua cela para a Sede e Arcebispado de Braga, assim foi em sua opinião forçado e violentado, como se o arrancaram donde tinha scetro, e reinado, para ir ser crucificado. E tendo por mercê de Deus alcançado em segundo lugar aquela graça de bem governar a Igreja, que os Apóstolos sómente tiveram em primeiro: e com tanta abundância que

(1) Ecles, 47.

resplandeceu entre os homens, como o Sol entre as mais pequenas estrêlas: do que nasceu ser amado dos Sumos Pontífices, respeitado e estimado dos Padres do Concílio Tridentino: vendo-se entrado em dias, deixou de sua vontade a dignidade e tornou a povoar alegremente uma cela que escolheu neste Convento, que êle tinha edificado: na qual passou o restante da vida amado de Deus e dos homens: e vivendo em contínuo trato com o Céu por meio de altas contemplações e arrebatamentos dalma, foi levado a êle dentre os braços e ósculos do Senhor, com mágoa dos pobres e dos Religiosos, aquele que era pai dêles, amador da pureza, mártir em desejos, em profissão de letras Doutor e mestre, sal da terra, tocha acesa e cheia de luz, raro espelho e traslado de verdadeiros Bispos: e entre todos como a banha e grossura apartada da carne. Viveu 76 e entrado em 62 de hábito, e 32 de Arcebispo, e cumpridos 8 depois que tornou para a Ordem, faleceu no do Senhor de 1590 aos 16 de Julho. *Requiescat in pace. Amen.*

(Liv. VI, Conclusão).

FIM

ÍNDICE

Pag.

INTRODUÇÃO:

I — Vida de Frei Luís de Sousa IX
II — A obra de Frei Luís de Sousa XXVII
III — Panegiristas e críticos XXXIX
IV — Organização desta Antologia LI

VIDA DE D. FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES:

I — Nascimento e infância 1
II — Estudos e profissão monástica 11
III — Progressos 19
IV — Como foi eleito em Prior 27
V — Como foi chamado da rainha D. Catarina 31
VI — Aceita o arcebispado por obediência 47
VII — Como partiu para Braga 57
VIII — Como ordenou sua vida em Braga. 63
IX — Começa a visitar o arcebispado... 69
X — Inúteis conselhos de transigência.. 81
XI — Fundação do Convento de Viana.. 95
XII — Parte o Arcebispo para o Concílio de Trento 105
XIII — O Arcebispo e os Cardiais 115
XIV — Parte o Arcebispo para Roma com o Cardial de Lorena 127
XV — Em Roma 135
XVI — O Arcebispo diante do Papa...... 141
XVII — Cardiais sentados e bispos de pé.. 147
XVIII — Baixelas de prata e loiça de barro. 155

XIX — Sai o Arcebispo de Roma....... 161
XX — Regresso a Braga. Trabalhos e desgostos........................ 169
XXI — Visitação das Terras de Barroso 175
XXII — Conflito com as ordens militares 185
XXIII — Frente a frente com devassidão e violência.................... 193
XXIV — Novas bodas de Canaan........ 209
XXV — O pai dos pobres............... 215
XXVI — A peste......................... 227
XXVII — Atitude do Arcebispo durante a crise nacional................. 235
XXVIII — Regresso à cela monástica...... 243
XXIX — Santidade....................... 251
XXX — Outros rasgos e maravilhas..... 263
XXXI — Última vida..................... 273
XXXII — A morte do justo............... 291
XXXIII — Epitáfio........................ 305